

## Lista de simpósios selecionados

### 1 - A CIDADE COMO “ARQUIVO DE SIGNOS LEGÍVEIS” NA LITERATURA MODERNA E CONTEMPORÂNEA

Coordenação: José Eduardo Martins de Barros Melo (UNIR); Rosana Nunes Alencar (UNIR); Sandra Aparecida Fernandes Lopes Ferrari (IFRO)

Resumo: Esta proposta objetiva discutir a relação entre a experiência urbana e a produção literária moderna e contemporânea e desse modo acolhe trabalhos que analisem a linguagem poética a tecer os percursos da cidade em suas dobras e desdobras (o dentro e o fora, o público e o privado, o homem e a multidão, o passado e o presente). Brend Witte, estudioso alemão, (2008, p. 22) entende que na modernidade a cidade “passa a ser experienciada como um grande arquivo de signos legíveis”, efetivando-se, portanto, um “discurso urbano”. A produção literária na interseção arte-cidade foi tão intensa no século XIX que um século depois, João do Rio, cronista do Rio de Janeiro, no início do conto “A rua”, declarou: “Eu amo a rua” (1997, p. 48). Tem-se daí uma sedução pela rua e pelas figurações instáveis e fugidias que nela deambulam e se deixam captar pelo olhar do outro. A fisionomia urbana, fundada entre o olhar do artista e o “fora de casa” (Baudelaire assim se refere à vida na rua) é de natureza ambivalente. É um movimento capaz de conjugar encanto e horror à multidão configurado na performance do *flâneur*: Deriva desse movimento a visão tetrificante da cidade decadente em meio às ruínas que, segundo Walter Benjamin no livro *Passagens* (2009), é uma das *fantasmagorias* a partir da qual Baudelaire elabora a sua concepção de modernidade. “A cidade grande é o cenário tensão”, afirma Edvaldo Souza Couto (2009, p. 63) e Baudelaire soube fazer da vivência urbana e suas múltiplas contradições palco para a experiência poética. No ensaio *O pintor da vida moderna* (1863), o poeta francês trata da figura do *flâneur* e da relação visceral entre o artista moderno e a multidão, a rua, a cidade. Para ele, o contato com a multidão de passantes permite ou favorece entrar “num imenso reservatório de eletricidade” (2010, p. 30) e esse contato evoca uma reação moral que se desdobra em outra, de ordem estética. Também na contemporaneidade a experiência urbana movimenta diversas questões. Por exemplo, nos livros *Modernidade líquida* (2001) e *Identidade* (2005), Zygmunt Bauman se propõe, sobretudo, a pensar na constituição do sujeito e dos espaços contemporâneos urbanos a partir da metáfora da liquidez. No prefácio do primeiro livro, o sociólogo polonês faz uma leitura da contemporaneidade tendo por referência a modernidade baudelaيرية; para ele, mais sólida. As incertezas fazem parte do projeto da modernidade, contudo ainda assim havia alguns núcleos mais ou menos estáveis, havia certa estabilidade da noção de identidade, de sujeito, de subjetividade. A contemporaneidade relativiza os referenciais identitários e essa perspectiva permite também pensar na relação do sujeito com espaços urbanos a partir da mobilidade. Os espaços são móveis. São espaços de não permanência, de não fixação, dos “não lugares” (AUGÊ, 2012), propiciando um embate entre a constituição do sujeito e a identidade do espaço por onde transitam. Essas reflexões permitem estudar alguns poetas e escritores modernos e contemporâneos como artistas que perscrutaram “a cidade com seus corpos e suas pernas” (MONGIN, 2009, p. 33). Lendo a cidade nessa perspectiva, o artista a sente e a transcende intensamente. Todavia, na produção literária moderna e

contemporânea, isso se dá de modo paradoxal, pois para melhor sentir o universo urbano ora o narrador/sujeito lírico observa o movimento de um ponto fixo e distante, e essa é a perspectiva do conto “A janela de esquina do meu primo”, de Hoffmann; ora se mistura na multidão numa tentativa de capturar todos os seus segredos, perceptível no célebre conto “O homem da multidão”, de Poe, e no poema “A uma passante”, de Baudelaire; ou coloca-se na a posição de observador (*voyeur?*), tal qual expresso na poesia de Sebastião Uchoa Leite, ou, ainda, fragmenta-se, anula-se, multiplica-se, como está posto no romance *Eles eram muitos cavalos*, de Luiz Ruffato. Assim, questões dessa natureza e outras próprias da relação entre literatura e cidade podem ser motivo de diálogo nesta proposta de trabalho.

#### REFERÊNCIAS:

- AUGE, Marc. *Não lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Trad. Maria Lucia Pereira. Campinas-SP: Papirus, 2012.
- BAUDELAIRE, Charles. *O pintor da vida moderna*. Trad. T. Tadeu. Bolo Horizonte: Autêntica Editora, 2003.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Identidade: entrevista Benedetto Vecchi*. Trad. Carlos Alberto. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BENJAMIN, Walter. . *Passagens*. Trad. I. Aron e C. P. B. Mourão. Belo Horizonte: Editora da UFMG; São Paulo: imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.
- COUTO, Edvaldo Souza. “Walter Benjamin: ruas, objetos e passantes”. In: COUTO, Edvaldo Souza & DAMIÃO, Carla Milane (orgs.). *Walter Benjamin: formas de percepção estética na modernidade*. Salvador: Quarteto Editora, 2008.
- MONGIN, Olivier. *A condição urbana: a cidade na era da globalização*. Trad. L. M. de Andrade. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- JOÃO, do Rio (org. Raúl Antelo). *A alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

## 2 - A CONSTITUIÇÃO DE IMAGINÁRIOS EM OBRAS DE AUTORES LATINO-AMERICANOS

Coordenação: Antonio Rediver Guizzo (UNILA - PPGLC); Alexandra Santos Pinheiro (UFGD – PPG-Letras); Mariana Cortez (UNILA – PPGLC)

Resumo: O conjunto das imagens e das relações estabelecidas entre as imagens que constituem o capital pensado do *homo sapiens*, conforme Gilbert Durand (2002 [1992]), são o denominador por meio do qual é mediada toda compreensão e produção humana. Isto é, a relação entre sentido e experiência sensível não é imediata, mas sim, mediada pelas imagens que constituem o imaginário humano. No âmbito das artes, diante de tal compreensão, as pesquisas que se voltam para a investigação dos diferentes imaginários que compõem os fenômenos artísticos procuram compreender tais imaginários tanto a partir das relações internas evidentes nas sintaxes imagéticas construídas pelos autores quanto a partir das inter-relações entre as imagens de uma obra e os imaginários sociais com os quais ela dialoga. Para Juremar Machado Silva (2012 [2009]), “O homem só existe na realidade imaginal”. A afirmação do sociólogo dialoga com as ideias de Jacques Lacan, para quem o concreto apenas se realiza por meio do processo imaginário do indivíduo. Do debate, nasce outra problemática a ser desvendada: tratamos, muitas vezes, do imaginário ou do simbólico? Alguns estudiosos simplificaram a questão e

criaram o termo “imaginário simbólico”. Durand (2002 [1992]), explicita que o ser humano é dotado de uma extensa capacidade de formar símbolos em sua vida sócio-cultural. E com esse pensar, explicita que “O imaginário, longe de ser a epifenomenal louca da casa a que a psicologia clássica o reduz, é, pelo contrário, a norma fundamental, a justiça suprema” (2002 [1992]). Ele utiliza a expressão imaginário, ao invés de simbolismo, uma vez que para ele o símbolo seria a maneira de expressar o imaginário. Sua teoria sobre o imaginário se organiza sob o método da convergência, isto é, os símbolos se (re) agrupam em torno de núcleos organizadores. Neste Simpósio, tomamos o imaginário como fundamentação das reflexões que serão apresentadas, já que se trata de um processo dinâmico, que interfere na realidade, mas que também recebe dela elementos que o alimenta. A partir deste contexto investigativo, o Simpósio tem por objetivo principal conhecer, discutir e articular pesquisas voltadas à compreensão dos imaginários manifestos em obras de escritores latino-americanos. A aproximação da literatura brasileira à literatura hispano-americana conforma o *corpus* de análise das discussões a serem propostas. Pretende-se, assim, problematizar as seguintes questões: 1) quais as semelhanças e diferenças na construção dos imaginários latino-americanos, tanto no continente quanto na relação com outros imaginários; 2) como os imaginários, no âmbito das expressões artísticas e proposições teórico-críticas, evidenciam-se hoje; 3) como se manifesta o “imaginário simbólico” latino-americano. Nesse contexto, a área da Literatura Comparada é um espaço privilegiado para o desenvolvimento e fortalecimento de conhecimentos científicos que possam colaborar para a constituição de saberes que cumpram o papel de evidenciar os imaginários manifestos na literatura, visto que possibilitam investigações que transcendem as fronteiras político-administrativas dos países do continente e constituem espaços transfronteiriços de pesquisa, assim como, a metodologia da Literatura Comparada viabiliza possíveis diálogos entre as literaturas. Portanto, propõe-se a discussão sobre a convergência articulada de investigações voltadas para a compreensão dos imaginários manifestos nas artes latino-americanas, sobretudo, em estudos que se articulem na interrelação entre as configurações estéticas aparentes na materialidade dos objetos artísticos e as condições materiais (naturais, históricas, econômicas e/ou culturais) de produção e/ou recepção de tais textos. A partir desta proposta, a intenção do Simpósio é promover o fortalecimento da produção científica na área da Literatura Comparada, na área dos Estudos do Imaginário e na área da teoria, crítica e historiografia literária latino-americana, como também, discutir as teorias, historiografias e cartografias imaginárias diversas, problematizando a viabilidade e aderência de aportes teóricos, modelos interpretativos e pressupostos metodológicos constituídos em territorialidades, culturas e temporalidades diversas (geralmente originárias da Europa) na compreensão dos fenômenos literários da América Latina. Por fim, todas as investigações que, por diferentes vertentes, analisem textos literários situados no contexto latino-americano são bem-vindas para participarem do debate aqui proposto. Desejamos compor um debate que reúna múltiplos olhares em torno do tema e que, ao final, possamos tecer uma síntese que aponte para a constituição do imaginário que regem as representações literárias da literatura latino-americana. Na multiplicação das vozes, criamos registros memorialísticos, confrontando valores e permitindo, ao leitor, problematizar temas cotidianos ou grandes acontecimentos históricos, como defende Ligia Chiappini (2000).  
Palavras-chave: Literatura Comparada; Imaginários; América Latina

#### REFERÊNCIAS:

Durand, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CHIAPPINI, Ligia. “Literatura e História. Notas sobre as relações entre os estudos literários e os estudos historiográficos”. *Literatura e Sociedade*. n. 05. São Paulo. USP/DTLLC, 2000, p. 18-28.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: Sulina, 2012.

### 3 - A CRÍTICA LITERÁRIA E SUAS INSTÂNCIAS DE LEGITIMAÇÃO CANÔNICA

Coordenação: Sílvia Maria Azevedo (UNESP/Assis); Ana Paula Franco Nobile Brandileone (UENP/CCP)

Resumo: Com o advento do jornalismo no Brasil em meados do século XIX, a literatura ganhou espaço privilegiado, de um lado pelo fato de o jornal servir como principal meio de divulgação do literário – seja através da publicação obras literárias, seja como notícia de lançamentos de livros, notas sobre escritores ou ainda por exercer a função de difundir artigos críticos, resenhas, entrevistas – tornando, desse modo, a literatura mais acessível ao leitor. Por outro lado, o jornal prestou-se como fonte de renda para os escritores, concedendo-lhes não só condições mínimas de independência econômica, mas também libertando-os, ainda que provisoriamente, das demandas éticas e estéticas dos mecenas. O primeiro abalo sofrido pelo jornal como privilegiado suporte de difusão da literatura foi motivada pela passagem de uma crítica literária ligada fundamentalmente à não-especialização da maior parte dos que se dedicavam a ela, denominada “crítica de rodapé” e exercida nos jornais, para uma geração de críticos interessados na especialização, e cujas formas de expressão dominantes eram o livro e a cátedra; resultado, aponta Flora Süssekind (1993), da formação universitária que se fez sentir no final dos anos 40. A consequência disso foi não só o afastamento do leitor comum, que se viu apertado entre períodos longos e rebarbativos da dicção universitária, mas também o confinamento cada vez mais acentuado desses críticos-*scholars* ao *campus* universitário, sobretudo devido ao desaparecimento paulatino das revistas e suplementos literários. O segundo abalo deu-se por conta do agenciamento das práticas literárias pela internet. Com o uso da internet e da tecnologia eletrônica aplicada à literatura, por meio da apropriação de novos dispositivos, a circulação de textos tornou-se muito mais fácil e rápida, bem como uma vitrine para novos autores, o que “[...] possibilitou o aparecimento de milhares de novos leitores críticos, de competência variada, em *sites* ou em *blogs*” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.68). Por isso, o meio eletrônico permite uma outra interatividade entre escritor e leitor, que assume o papel tanto de crítico quanto de coautor do texto escrito, uma vez que o processo de criação literária se tornou um processo coletivo e concreto, elaborado a inúmeras mãos, diluindo, assim, as fronteiras entre leitor e autor. Desse modo, o texto literário ganhou uma nova dimensão não só pela velocidade da criação, mas também pela transmissão e recepção dos textos, muitas vezes associada a debates inflamados sobre textos e autores (CORRÊA, 2008). Já para Paulo Franchetti (2005), o que se assiste no cenário da crítica literária contemporânea no Brasil, é o seu esvaziamento e/ou a forma de discurso anódino que evita o confronto, que se desvia de um posicionamento claro diante da cultura e da literatura contemporâneas. Para o autor, este estado de coisas está ligado, dentre outros fatores, às necessidades de se ajustar aos imperativos da indústria e do comércio, jornalístico e livreiro. Discussão que encontra eco em alguns críticos que se propõe a desenhar alguns aspectos da narrativa brasileira

contemporânea, como é o caso de Tania Pellegrini, para quem os escritores estão divididos entre a possibilidade de dedicação exclusiva à literatura e a pura e simples aceitação do jogo mercantil: “[...] o autor é, agora, em definitivo, um produtor trabalhando para o mercado, o que lhe impõe conhecer e, mal ou bem, aceitar suas regras” (1999, p.171). E, ainda, lançar mão de estratégias de divulgação e de promoção para venda de suas obras, seja por meio de noites de autógrafos, entrevistas e/ou palestras. Também para Walnice Nogueira Galvão (2005), o mercado pesa, de forma avassaladora, sobre todas as artes. Ainda Karl Eric Schøllhammer aponta para o poder da imagem e do espetáculo como coordenadas culturais contemporâneas extremamente atuantes, pelo fato de os autores hoje desejarem “provocar efeitos de realidade por outros meios” (2011, p.54), que vão desde a sua integração com o mercado e com os meios de comunicação de grande alcance, como a televisão e o cinema, aos mais diversos recursos estilísticos e técnicas narrativas. A fim de dar conta das complexas e múltiplas contradições que engendram a literatura brasileira contemporânea na sua intrincada rede de produção e consumo, de preferências e tendências vinculadas à dinâmica do mercado, bem como no seu casamento com a mídia, é que este Simpósio pretende congrega trabalhos voltados para a discussão dos processos de canonização de autores e obras. Para tanto, considera-se que não se pode compreender os processos de formação canônica sem levar em consideração, segundo Pierre Bordieu (2005, 2009), as relações que eles mantêm com o campo das instâncias de difusão, conservação, consagração e legitimação.

#### REFERÊNCIAS:

- BORDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- \_\_\_\_\_. *A economia das trocas simbólicas*. Trad. Sérgio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- CORRÊA, Almir Aquino (org). *Ciberespaço: mistificação e paranóia*. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2008.
- FRANCHETTI, Paulo. A demissão da crítica. [http://www.germinaliteratura.com.br/enc\\_pfranchetti\\_abr5.htm](http://www.germinaliteratura.com.br/enc_pfranchetti_abr5.htm)
- GALVÃO, Walnice Nogueira. *As musas sob assédio: literatura e indústria cultural no Brasil*. São Paulo: Ed. SENAC, 2005. p. 9-13.
- PELLEGRINI, Tânia. O mercado. In: *A imagem e a letra*. São Paulo: Mercado de Letras, FAPESP, 1999.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. A crítica literária. In: *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. p. 60-69.
- SCHOLLHAMMER, Erick Karl. *Ficção Brasileira Contemporânea*. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- SÜSSEKIND, Flora. *Papeis colados*. Rio de Janeiro: Ed.UFRJ, 1993.

#### 4 - A EPISTEMOLOGIA DO ROMANCE E OS CONCEITOS ESTÉTICOS COMO POSSIBILIDADES DE CONHECIMENTOS DA EXISTÊNCIA

Coordenação: Ana Paula Aparecida Caixeta (UnB); Itamar Rodrigues Paulino (UFOPA); Maria Veralice Barroso (UnB/SEEDF)

Resumo: A proposta para este simpósio resulta das múltiplas reflexões teóricas e literárias assumidas pelo Grupo de Pesquisa Epistemologia do Romance cujas atividades estão vinculadas ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da

Universidade de Brasília. Priorizando práticas interdisciplinares e reivindicando para suas análises um olhar metafísico que transita por pelo menos três ramos da filosofia – a epistemologia, a estética e a hermenêutica –, os estudos epistemológicos do romance querem ampliar e aprofundar as discussões entre arte e conhecimento e, ao fazer isso, ela traz para o âmbito das discussões autores que não pouparam esforços na construção de narrativas ficcionais amparadas por processos de criação guiadas pela reflexão. Não é por acaso então, que Hermann Broch se constituiu em importante referência nos círculos de debates da Epistemologia do Romance. Livre de subterfúgios e revelando ousadia incomparável, o escritor trouxe uma das maiores inovações para a estética do romance moderno quando, na trilogia “Os Sonâmbulos” inseriu o ensaio intitulado “A degradação dos valores”. Embora difícil de ser entendido como ficção, negar o ensaio filosófico como parcela importante dos três volumes da obra ficcional seria incorrer em outro problema, pois se não é ficção, de modo algum destoa do conjunto da obra, semanticamente ele a interliga e completa. A decisão arriscada para a época, traduzia o desejo que, por toda a trajetória literária, perseguiu Hermann Broch: fazer da Literatura um lugar de conhecimento; conforme Hannah Arendt(2008), desde seus primeiros escritos, Broch atribuiu um potencial de conhecimento à arte bem superior ao da filosofia; no entendimento do escritor, tal atributo era resultado tanto de um distanciamento dos valores teológicos que, na modernidade, fizera a filosofia perder o sentido da totalidade, quanto pelo fato de a literatura se antecipar às ciências, pois, no entendimento do romancista, existem assuntos que só podem circular, no tempo e espaço em que circulam, no interior das narrativas literárias, porque no solo literário estão (ou deveriam estar) isentos de julgamentos morais. As reflexões que perfazem o livro *Création Littéraire et connaissance*, são caras na medida em que indicam ser esta busca pelo conhecimento em Broch algo indissociável dos conceitos estéticos cujo valor fora resumido, pelo escritor Milan Kundera. Nos anos finais do século XX, Kundera se declarou simpatizante e seguidor confesso da literatura brochniana; em suas palavras, os conceitos estéticos se constituem importantes vias de acesso ao conhecimento do humano porque ao longo da vida as pessoas em geral “são constantemente confrontadas com o belo, o feio, o sublime, o cômico, o trágico, o lírico, o dramático, a ação, as peripécias, a catarse, ou, para falar de conceitos menos filosóficos, com a *ageslastia*, o *kitsch* ou o vulgar;” e para este romancista, “todos esses conceitos são pistas que conduzem a diversos aspectos da existência inacessíveis por qualquer outro meio”. (2006, p. 98). Compreendendo que a literatura é uma pátria “supranacional” na qual, as múltiplas linguagens podem marcar encontros, tal como afirmou Carlos Fuentes ( 2007, p. 28 ) e se aproximando das discussões de Broch e Kundera em relação arte e conhecimento, a Epistemologia do Romance trouxe para o âmbito de suas reflexões romancistas que fizeram da prática criadora um desafio no sentido de explorar a existência. Entre outros, além dos já mencionados, García Márquez, Varga Llosa, Machado de Assis, Glauco Mattoso, Eliane Brum, Luiz Vilela, são escritores nem sempre voltados tão somente à criação, mas também ao pensamento acerca do estético; seguindo as orientações de José Luís Jobim referentes aos críticos criadores, observamos que neles há frequentemente uma intersecção entre o que escrevem sobre literatura com aquilo que produzem como literatura (2012, p.54). Os estudos epistemológicos optam por escritores dessa natureza, porque em seu fazer, eles descortinam um desejo de “explorar a existência” o que, segundo Milan Kundera (1988), seria a única razão de ser do romance, arte que desde o despertar da Era Moderna, acompanha de perto as aventuras humanas. Sendo assim, o presente Simpósio, “A Epistemologia do Romance e os conceitos estéticos como possibilidades

de conhecimentos da existência”, demonstra interesse por estudos que exploram o estético literário de modo a sondar aspectos existenciais, nesta configuração, pensa-se no papel desempenhado por elementos estéticos inerentes à narrativa ficcional: narrador, tempo, espaço...Ademais, nosso interesse se volta para elementos tais como, o risível (ironia, deboche, comicidade, escárnio...), a sexualidade (erotismo, sedução...) e abjeções, os quais, muitas vezes, se presentificam nas narrativas enquanto escolhas estéticas como vias de possibilidades de conhecimento acerca existência humana. Do mesmo modo, análises que buscam refletir sobre o processo de criação, sobre a história do romance moderno, bem como sobre o papel do leitor pesquisador do literário serão bem-vindas nos espaços de nossas discussões.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BROCH, Hermann. *Os sonâmbulos*. Trad. Wilson H. Borges. S.P: Germinal, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Espírito e espírito de época: ensaios sobre a cultura da modernidade*. Trad. Marcelo Backes. 1ª edição- São Paulo: Benvirá, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Création Littéraire et connaissance*. Trad. do alemão. Albert Kohn. Paris: Gallimard, 1966.
- FUENTE, Carlos. *Geografia do romance*. Trad. Carlos Nogue. RJ.:Rocco, 2007.
- JOBIM, José Luís. *A Crítica Literária e os críticos Criadores no Brasil*. RJ.: Caetés : EDUERJ, 2012.
- KUNDERA, Milan, *A cortina*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca. São Paulo: Companhia Das letras, 2006.
- \_\_\_\_\_. *A arte do romance*. Trad. Teresa Bulhões C. da Fonseca e Vera Mourão. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1988

## 5 - A LITERATURA AMAZÔNIDA BRASILEIRA ENTRE A LINGUAGEM, O VIVIDO E O DEVANEIO

Coordenação: Itamar Rodrigues Paulino (UFOPA); Maria de Fátima Matos de Sousa (UFPA); Rosimara Richard (UnB)

Resumo: Apresentada ao mundo de forma insipiente e insuficiente pela História Literária Brasileira, o tema *Amazônia* sempre esteve atrelado à biodiversidade. Atualmente, porém, já despontam no horizonte literário estudos com visão mais aprofundada sobre o ser humano amazônida. Essas questões não são novas, os escritores Inglês de Sousa e José Veríssimo, nascidos em Óbidos, representam expressões literárias com força regional ímpar no cenário moderno brasileiro. A literatura na Amazônia moderna e contemporânea expressa um complexo conflito entre a valorização das diversas expressões culturais regionais e a busca de universalização do pensamento amazônida. Em outros termos, o conflito está em como apresentar ao mundo uma forma singular local de aproximação da realidade que sirva de representação universal, contemplando variados modos linguísticos e expressões das vivências coletivas e individuais, e que ajude o leitor amazônida, ou não, a constituir suas próprias percepções de verdade, a organizar suas memórias e a conhecer-se e reconhecer-se na sua condição humana. Se essa representação universal é possível, é difícil afirmar. O que nos interessa, porém, não é nos fechar em um conceito universal; pois o próprio termo *Amazônia* já desempenha essa função universalizadora. Importa-

nos discutir de maneira ampla essas formas de representação, considerando que desde o século XVI a literatura amazônica tem apresentado enredos que descrevem o ambiente natural, realidade social e diversidade sociocultural local, utilizando linguagens próprias da região, experimentando formatos estéticos que articulam texto e contexto, para demonstrar um pensamento possível sobre a existência humana, a partir da *Floresta Tropical* e provocar reflexões sensíveis na humanidade. Ousamos, sem a pretensão de universalismo literário, apresentar o desafio de pensar uma possível *condição amazônica de uma época*, aproveitando que o mundo nas últimas décadas tem passado por novas configurações em seus modelos sociais, redefinindo a si a partir de conceitos do tipo sustentabilidade, ecologismo, ambientalismo, preservação, conservação, devastação, exploração, resistência, entre outros. Pensar a condição amazônica de uma época é uma proposta provocativa porque nela há o encontro severamente conflituoso entre o debate efervescente do jeito colonizador de pensar o meio ambiente, com o jeito nativo de perceber a fragilidade da floresta e a necessidade de sua preservação. Entre as diversas áreas de conhecimento que tecem *tramas e sentidos* na e sobre a Amazônia encontra-se a literatura, lugar de criação e recriação da maneira de se observar, apreender e apresentar a realidade. Na literatura há um universo de falas e narrações que compõem o enredo provocativo e *fascina* o leitor, pois mistura imaginário e real e possibilita percepções e conhecimentos de si e o mundo. Nesse caso, é importante haver circulação de propostas ficcionistas como as de Inglez de Souza, José Veríssimo, Saladino de Brito, Milton Hatoum, Benedito Nunes, Dalcídio Jurandir, entre outros, que procuram apresentar ao mundo uma Amazônia a ser universalizada e concepções de mundo a partir e pelos habitantes da floresta e cidades nela encravadas, com identidades culturais singulares e deslocadas do tecido nacional. Assim, trejeitos indígenas, caboclos, ribeirinhos, quilombolas, extrativistas e migrantes são exaltados e transparecem nas obras de autores amazônicas, que reivindicam para si a condição de agentes, com o legítimo direito de apresentar ao mundo as culturas das comunidades locais, outrora esquecidas e excluídas, por meio de produtos literários, servindo de voz das minorias e impondo crise no pensamento burguês local de cultura europeia, o qual teima em desconsiderar as vozes na apresentação ao mundo dessa região. As obras que resultam dessa dinâmica causam fascínio por conta da forma desprendida como esses escritores se embrenham na feitura de um texto, revelando um universo no qual não há fronteiras entre o real e a representação imaginária, e cujos sonhos e devaneios têm consequências reais que trespassam a redoma da vida rígida e angustiante na Floresta. A efervescência literária vinda da floresta amazônica é um começo de conversa que toma forma de análise que pavimentam a via para se penetrar no território do imaginário e do mistério no coração da floresta, torrão que em pleno século XXI ainda não foi totalmente desencantado, para dali produzir jogos despretensiosos entre *linguagem, vivido e devaneio*.

## 6 - A MELANCOLIA E SEUS DESDOBRAMENTOS NA LITERATURA: DO ROMANTISMO À CONTEMPORANEIDADE

Coordenação: Fabiano Rodrigo da Silva Santos (UNESP); Rafaela Mendes Mano Sanches (UFS); Márcia Eliza Pires (UNESP)

Resumo: O conceito de melancolia, cujas origens remetem à medicina hipocrática, consiste em um dos legados do pensamento antigo mais recorrentes na história ocidental. Inicialmente, a melancolia ocupa lugar cativo no campo das tradições



médicas, tendo as investigações que a tomaram como objeto presenciado o nascimento das ciências dedicadas ao estudo da mente (SCLIAR, 1994). Tributária ao pensamento de Hipócrates e Galeno, a melancolia adentra a Idade Média e nos tratados de Constantinus Africanus (BENJAMIN, 2013), acrescenta a seu repertório a influência astrológica de saturno que enriquece o imaginário acerca dessa enfermidade, oriunda, segundo a antiga teoria dos humores, da produção desequilibrada da bile negra, que levaria o enfermo ao isolamento misantropo, à prostração, à loucura e a uma tristeza mórbida, identificada com o ermo e com a morte. Ainda na antiguidade, o tratado atribuído a Aristóteles, conhecido como *Problema XXX* (1998), cunha uma definição de melancolia que se tornaria cara, posteriormente, ao campo das artes e das atividades intelectuais – segundo o tratado, há uma associação íntima entre melancolia e estados de inventividade genial, de maneira que excentricidade, tristeza e solidão seriam atributos próprios das mentes superiores e invulgares.

A partir do século XVIII, com o desenvolvimento dos campos da medicina na senda da experimentação empírica, o termo melancolia torna-se inadequadamente impreciso e obsoleto para descrever uma condição patológica e positivamente verificável – isso, pois, a essa altura, a melancolia já medrara com relativa autonomia e franco vigor nos campos das artes, principalmente, como meio de identificação de uma forma de genialidade desviante e mesmo maldita. A medicina e a psicologia moderna adotam, então, o conceito “depressão”, incursionando pelos meandros da melancolia, apenas em busca de correspondências especulativas e mesmo metafóricamente poéticas.

Conforme se distancia da ciência, a melancolia desenvolve-se acentuadamente nas artes, converte-se em motivo poético, que, vicejando sobretudo em solo romântico, carrega para os campos da criação artística todo um repertório de imagens que servirão de matéria prima para uma concepção de arte hiperbolicamente subjetiva, que coloca em relevo os contrastes entre o artista inspirado e a realidade comum, sempre insuficiente, entediante, rarefeita e opaca. Saturno (e a influência malsã dos astros), bile negra, *spleen*, tédio, acedia, luto, vazio, silêncio, precipitação, sentimento de exílio e estagnação estão entre os muitos contributos da história da melancolia à esfera das artes. A equação entre tristeza, loucura e inspiração, já presente no *Problema XXX*, será de grande importância para a configuração do conceito de gênio no romantismo; essas categorias tornar-se-ão ainda mais próximas conforme se desenvolve a sociedade burguesa e, conseqüentemente, marginaliza-se o artista, que, como reconhece Hugo Friedrich (1979), ao ser alheado do plano utilitário da sociedade moderna, assume o estigma do isolamento como identidade. Além disso, a própria arte, no processo de constituição da sociedade moderna, é extirpada de suas pretensões à transcendência e à sacralidade aurática (BENJAMIN, 1987) – na esfera do utilitarismo moderno, o artista converte-se em anátema e a arte tem em seu norte um ideal vazio. Sensível a esses fenômenos, o gênio romântico converte-se em artista maldito, e o complexo melancólico torna-se não apenas referência para a identidade do artista moderno, mas prisma monocromático pelo qual ele enxerga a realidade e relaciona-se com a história, mediante uma atitude de negação e resistência. Como reconhecem Michael Löwy e Robert Sayer (1995), enquanto a ilustração chancela a hegemonia do ideário moderno, o romantismo representa a reação a esse ideário. Dada sua proeminência junto ao romantismo, a melancolia pode ser considerada uma de suas bandeiras de resistência, a bem dizer, uma bandeira negra e desmantelada.

Benjamin (1989) e Dolf Oehler (1997) reconhecem a associação entre melancolia e resistência na poesia de Baudelaire como um mecanismo de relacionamento com a história. Com efeito, a visão desencantada de Baudelaire acerca do tempo presente pode

ser tratada como ponte entre o espírito romântico e o das épocas futuras, encontrando correspondência na arte do século XX, que, ao presenciar a falência das utopias modernas face à deflagração de fenômenos que colocaram em relevo os nexos íntimos entre progresso e barbárie, configura uma imagem do século envolta em atmosfera de rarefação, opacidade e dissolução.

Considerando-se a ligação íntima entre a melancolia e a configuração de aspectos da identidade artística moderna, o simpósio proposto visa comportar considerações sobre os diversos desdobramentos da imagética da melancolia na literatura ocidental entre o romantismo e a contemporaneidade. Enfeixando, pois, desde a leitura da melancolia como referência para a identidade do artista moderno, até seu tratamento como mirante para avaliação do fenômeno histórico. Desse modo, ficção, poesia, teatro e crítica produzidos desde fins do século XVIII até o século XXI que tomem como referência a melancolia, o tédio, a evidencia de categorias negativas e testemunhem a falência de utopias possuem interlocução com a proposta de nossas discussões.

## 7 - A POESIA NA SALA DE AULA

Coordenação: Andresa Fabiana B. Guimarães (USP); Mei Hua Soares (FCL)

Resumo: Para Anatol Rosenfeld (ROSENFELD, [1965] 2006), o lírico é o mais subjetivo dos gêneros porque centrado em uma voz que exprime estados de alma, vivências e emoções, plasmando as vivências de um EU no encontro com o mundo. Antonio Candido (CANDIDO, 1996), ao asseverar sobre as relações que podem ser estabelecidas entre prosa e poesia, ressalta o caráter híbrido que pode envolver os textos poéticos. Paul Valéry, ao defender a estética de Mallarmé, ressalta ainda a recusa e a negação como potências literárias e poéticas (CAMPOS, 2011). Mas quando a poesia adentra os ambientes escolares e institucionalizados, como isso se dá?

Nos documentos oficiais que regem legalmente a Educação, como é o caso da LDBEN/96, verifica-se que um dos objetivos do trabalho com a literatura é o "aprimoramento do educando como pessoa humana, formação ética, desenvolvimento da autonomia intelectual e pensamento crítico" [Art. 43]. Entende-se, dessa forma, que a escola deverá estabelecer como meta "o desenvolvimento do humanismo, da autonomia intelectual e do pensamento crítico". Para Osakabe (OSAKABE, 2004), a literatura pode ser um agenciador do amadurecimento do aluno, proporcionando-lhe um convívio com um domínio cuja principal característica é o exercício da liberdade. Vale ressaltar que esses documentos se baseiam em critérios como transversalidade, interdisciplinaridade, sensibilidade, igualdade, identidade.

Nesse sentido, o trabalho com poesia parece se revelar instrumento valioso no tocante à formação escolar, embora, em sua origem, não esteja previsto o caráter utilitário. No entanto, se pensarmos nos conceitos de sociedades disciplinares (FOUCAULT, [1975] 2009) e de sociedades de controle (DELEUZE, [1992] 2010), verificaremos que a escola apresenta pontos de intersecção na reprodução de formas de poder e, portanto, a poesia, por se dar no campo da linguagem, na sua forma mais apurada e potente, também poderia consistir em valiosa ferramenta reflexiva e transformadora. Porque desestabiliza, reverte (a língua inclusive!), desordena, traz à tona o inesperado, o inseguro, faz estranhar. É certamente nesse estranhamento provocado pela linguagem estética que reside a sua maior contribuição: diz, não dizendo diretamente; faz despontar o real, sem parecer mirá-lo; expressa o que há de mais subjetivo, trazendo, em suas entranhas, o coletivo, como atesta Adorno: "Uma corrente subterrânea coletiva é o fundamental de toda lírica individual (ADORNO, [1957] 2003).

Em crônica no *Jornal do Brasil* publicada em 1974, Carlos Drummond de Andrade levanta a questão: “Por que motivo as crianças, de modo geral, são poetas e, com o tempo, deixam de sê-lo? Será a poesia um estado de infância relacionada com a necessidade de jogo, a ausência de conhecimento livresco, a despreocupação com os mandamentos práticos de viver – estado de pureza da mente, em suma?”. O autor avança tecendo considerações a respeito da relação intrínseca entre poesia, meninice, senso crítico e estético e sobre a pertinência da escola em trabalhar com essas questões “Mas, se o adulto, na maioria dos casos, perde essa comunhão com a poesia, não estará na escola, mais do que em qualquer outra instituição social, o elemento corrosivo do instinto poético da infância, que vai fenecendo, à proporção que o estudo sistemático se desenvolve, até desaparecer no homem feito e preparado supostamente para a vida? (ANDRADE, 1974)”. Na sequência, o poeta responde: “Receio que sim”.

Fazendo coro aqui aos questionamentos de Drummond, lança-se, nesta proposta de simpósio, o desafio de se pensar, mais detidamente, sobre o tema e permitir o compartilhamento de experiências com a poesia no espaço da escola.

Considerando a poesia como algo que pode ser expresso em poemas e textos poéticos – em prosa ou em verso –, mas que também figura em outras formas de expressão e linguagem – em textos visuais, plásticos, na fotografia, na dança e no teatro, por exemplo –, pretendemos explorar como o trabalho com poesia pode se dar no contexto da sala de aula. Ao adentrar o espaço físico e simbólico escolar – em seus diferentes níveis – que práticas de leitura e de escrita envolvendo poesia podem se revelar potentes? A poesia é ensinável? Como se dá a exploração de um discurso tão libertário e surpreendente em um terreno de regras, lições, planejamentos e expectativas mais precisas e mensuráveis? Como explorar um texto que requer sensibilidade, agudeza de sentidos e senso lógico também, em um território marcado por tantas outras exigências e metas mais conteudísticas e objetivas? O texto poético aliado a outras linguagens pode gerar propostas ricas na escola? Quais metodologias e didáticas são adequadas para lidar com o gênero em questão? Como é a recepção discente em relação ao texto de acentuado valor estético? Pensando nos cortes, estranhamentos e aporias que a arte e a literatura envolvem, quais os riscos advindos desse diálogo entre poesia e sala de aula?

#### REFERÊNCIAS:

ADORNO, Theodor. Palestra sobre lírica e sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. Jorge M. B. de Almeida (trad.). São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003, p. 70 e 77. [1957].

ANDRADE, Carlos Drummond de. A educação do ser poético. In: *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 1974. Disponível em: <http://goo.gl/7abR67>. Acesso em: 11/03/2018.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Vol. 1. Brasília: MEC/SEB, 2006.

CAMPOS, Augusto de. *Poesia da recusa*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

CANDIDO, Antonio. *Estudo analítico do poema*. São Paulo: Humanitas Publicações / FFLCH/USP, 1996.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34, [1992] 2010.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis (RJ): Vozes, [1975] 2009.

OSAKABE, H. FREDERICO, E. Y. *Literatura. Orientações curriculares do ensino médio*. Brasília: MEC/SEB/DPPM, 2004.

ROSENFELD, Anatol. "A teoria dos gêneros". In: O teatro épico. São Paulo: Perspectiva, 2006.

## 8 - ARQUIVOS DE MEMÓRIA, MEMÓRIAS SEM ARQUIVO: FULGURAÇÕES NARRATIVAS DA MEMÓRIA E DA PÓS-MEMÓRIA EM NOSSOS TEMPOS

Coordenação: Alcione Correa Alves (UFPI); Édimo de Almeida Pereira (CESJF); Gislene Teixeira Coelho (IFSUDESTEMG)

Resumo: Nossa proposta objetiva incitar uma discussão em torno do conceito de memória e suas aparições na literatura e em outras representações artísticas, as quais vêm mostrando um desejo de reconstituição e lembrança de determinados fatos ou período, bem como uma dificuldade de elaboração mnemônica. A memória e a falta de memória vêm perseguindo notoriamente a literatura desde o final do século XX, sendo acompanhada frequentemente por um mal-estar narrativo, que ventila, no campo da crítica literária, encaminhamentos de questões que abrangem os diversos espaços, usos e significados da memória. Diversos acontecimentos traumáticos, genocídios, atos e políticas repressoras contribuíram ao longo do citado século para o exercício da desmemória, no entanto, na contramão do esquecimento, incontáveis produções literárias insistiram na opção pelo aquecimento da memória, trabalhando, recorrentemente, pelas frestas da censura e da clausura, desafiando a dificuldade e o medo de falar ou até mesmo a vontade de esquecer. Concomitante a essas reações à política da desmemória, as décadas finais do século XX empenham-se no exercício da memória, de modo que outras áreas do conhecimento e de representação cultural sinalizam preocupação com a presentificação do passado, fomentando discussões que envolvem, por exemplo, o lugar do monumento, a ampliação da capacidade de armazenamento das novas tecnologias e suas implicações, as formas de representação de nossas memórias, a inflação da memória (paradoxalmente aproximando lembrar e esquecer), fornecendo uma densidade teórica e pragmática que caracterizaria nosso tempo e nossas inclinações político-culturais pelos termos **Seduzidos pela memória**, título do livro de Andreas Huyssen. Interessa-nos, portanto, as muitas respostas que a literatura e outras representações artístico-culturais oferecem como alternativa ao esquecimento e aos equívocos de nossa história, alternativas que abrem caminhos que se destacam como exemplos de expressividade, engajamento e resistência, que geram o distanciamento da categoria da memória da perigosa aproximação entre História, monumento e documento (LE GOFF, 2012). A literatura, seja em sua realização mais testemunhal, autobiográfica ou mesmo ficcional, apresenta trabalhos bastante desafiadores, que pressionam a favor da dilatação e flexibilização do conceito, em que se observa a aglomeração de um intrincado feixe de elementos em que a fragmentação, a confusão, o silêncio, a amnésia tomam parte do arquivo de memórias, bem como a criação ficcional e a apropriação de lembranças, fatos, testemunhos de outrem entram no rol de nossas próprias histórias. Nesse sentido, parece que caminhamos para um tipo de memória em que cada vez mais se apaga a marca da autoria, da propriedade e da legitimidade sobre os arquivos, de modo que a categoria mnemônica hospeda conotações de apelos mais afetivos e sensitivos, deixando em segundo plano o viés informacional e histórico-organizacional, tendencialmente inclinado ao armazenamento e valorização de datas, fatos e personagens históricos. Essa literatura contemporânea vem inclusive questionando noções limitadoras do testemunho e do testemunhável,

ampliando a perspectiva da validade e da importância das testemunhas, recepcionando-as independente da carga de experiência, de informação e de disposição das mesmas à revelação. Nessa atual política, engajada com nossos problemas de memória, são bem-vindas produções humanas inconclusivas, provisórias, sejam elas provenientes de experiências pessoais ou não, em primeira ou terceira pessoa, de meus arquivos de memória ou de pós-memória, as quais potencializam, em conjunto, um trabalho de ampliação e de superação de nossas dificuldades e falhas mnemônicas. Como uma espécie de provocação ao conceito tradicional de memória, a pós-memória parece atender a um repertório importantíssimo de informações e impressões que partem de sujeitos legatários de memórias, normalmente herdeiros de um passado não pertencente ao alcance de suas experiências pessoais, mas igualmente vivificado na forma de lembranças apropriadas ou herdadas e na forma de sensações reais e presentes daquilo que outros viveram e que ficou para além de seu próprio tempo. Buscamos vislumbrar nas representações artísticas da (pós-)memória incursões por arquivos nada canônicos e subversores dos espaços canônicos da memória, questionando o domínio do factual, do documental, do comprovado, para abrir espaço para uma gama maior de narrativas e testemunhos, às quais não se imponha questionamentos, condicionamentos ou barreiras impeditivas. A pós-memória, em suma, cria uma abertura nos estudos da memória, podendo congrega elementos que se acreditavam perdidos e/ou superados. A pós-memória toma o lugar de uma discussão mais complexa que descose o jogo especular de memória e experiência pessoal, documento e monumento, narração e realidade, entre tantas outras dualidades já erguidas para arregimentar a confiabilidade e legitimidade histórica e patrimonial dos registros; ao esgarçar esses pares, o campo de novas representações da memória imprime-lhe conotações de fluidez e volatilidade e, desafiando o próprio silêncio da morte, parece desejar que mais e mais pessoas se predisponham a falar, por si, por outrem, pelo outro em mim.

#### REFERÊNCIAS:

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CASTELLO BRANCO, Lúcia. **A traição de Penélope**. São Paulo: Annablume, 1994 - (Selo Universidade).
- CHARTER, Roger. Memória e escrita. In: \_\_\_\_\_. **A mão do autor e a mente do escritor**. Trad. George Schlesinger. São Paulo: Editora Unesp, 2014, p. 213-233.
- HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.
- HUYSEN, Andreas. **Seduzidos pela memória: arquitetura, monumentos, mídia**. Rio de Janeiro, Aeroplano, 2000.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al]. 6. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2012.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- SOUZA, Eneida Maria de. A crítica biográfica. **Cadernos de Estudos Culturais**, Campo Grande, v. 2, n. 4, p. 51-57, dez. 2010.

## 9 - AS LINGUAGENS TRANSCRITIVAS: ESTUDO DE TEXTOS INTERARTÍSTICOS SOB DIFERENTES OLHARES

Coordenação: Divino José Pinto (PUC – GO); Lacy Guaraciaba Machado (PUC – GO); Márcia Rios da Silva (UNEB – BA)

Resumo: A pretensão central deste simpósio é a de criar uma instância em que se possa explorar a presença de diálogos interartísticos numa perspectiva em interação com autor, leitor e obra de arte. Nesse sentido, pensa-se que tanto o autor quanto o leitor apoiam-se no repertório cultural de que são dotados e os movem durante o ato de leitura. Isso porque a obra de diferentes sistemas de linguagem é instigadora de construção de redes de sentidos. Daí a relevância de se intensificarem estudos que estabeleçam relação interartes constitutivas de território amplo e espaço sedutor para novas perspectivas de análise e compreensão das artes em suas múltiplas correspondências. As linguagens verbal e visual incorporam signos distintos, autônomos e complexos. Assim delimitado, este simpósio quer se constituir em mais uma provocação para que se socializem investigações transcriativas e interartísticas relacionadas à produção e recepção estética, mediante abordagens comparativas que promovam novos olhares sobre combinações e processos de hibridação de linguagens criativas incluindo estudos sobre a recepção da obra de arte (infantil, juvenil e adulto) e sua relação com espaços de leitura e ferramentas contemporâneas adotadas para a produção, circulação e veiculação de textos artísticos.

Realizar estudos teóricos da linguagem literária na sua relação com outras linguagens pressupõe estabelecer aproximações, contrapontos e distinções, para melhor compreender o parentesco e a parentalidade de gêneros artísticos manifestados nessas linguagens. Daí a relevância em explorar relações dialógicas entre Literatura e outras artes apreendidas como fatores geradores de identidades em cada uma dessas formas artísticas, assumidas como fonte criativa de acentuada produtividade nos dias atuais.

Alguns teóricos que subsidiam estudos dotados de propósitos como estes podem ser representados por Haroldo de Campos, Júlio Plaza, Giorgio Agamben, Mario Bellatin, Walter Benjamin, Theodor W. Adorno, Roland Barthes, Susan Buck-Morss, para quem “A coletividade do século XX [...] constrói sua identidade na base da imagem ao invés da palavra” (BUCK-MORSS, 2009, p. 28) e forma uma comunidade transnacional, embora o signo verbal continue habitando os mais diferenciados espaços textuais verbais e não-verbais.

Nessa direção, pretende-se socializar, neste simpósio, estudos que tratem das relações entre textos de diferentes sistemas de linguagem, averiguando, por exemplo, até que ponto os aspectos relativos à continuidade/descontinuidade, à compleição formal das obras articulam-se e podem ser entendidos como fenômenos inerentes à produção, à complexidade ou simplificação estética e de como tudo isto proporciona relações de fruição artística e “consumo”.

#### REFERÊNCIAS:

AGAMBEN, Giorgio. *Profanaciones*. Trad. Flávia Costa e Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.

BARTHES, Roland. *Realismo ¿mito, doutrina o tendencia histórica?* Buenos Aires: Quadrata, 2004, p. 91-101.

BELLATIN, Mario. *Jacobo el mutante*. México DF: Alfaguara, 2001.

BELLATIN, Mario. *El arte de enseñar a escribir*. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: \_\_\_\_\_. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985. v.1. (Obras escolhidas).

BUCK-MORSS, Susan. *A tela do cinema como prótese de percepção*. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2009.

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1998,

GUIMARÃES, César. *Imagens da memória. Entre o legível e o sensível*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1997.

HORKHEIMEIR, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

PLAZA, Julio. *Tradução e intersemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

## 10 - AS NARRATIVAS NA ESCOLA: LITERATURA, SENTIDOS, PRÁTICAS E ENSINO

Coordenação: Paula Gomes de Oliveira (UnB); Silvana Augusta Barbosa Carrijo (UFG)

Resumo: Em um dia, dentre tantos, daqueles quatro anos em que o pintor Michelângelo trabalhou freneticamente na pintura do teto da Capela Sistina, ele escreveu ao seu amigo Giovanni da Pistoia: “Escrevo com pincel e o ar transforma meu poema em pintura. Não sei o que faço, na realidade, aqui, deitado sobre mim mesmo, debaixo deste teto que é meu castigo. Mas sei que há uma história que devo contar” (BUONANORRORI, 2009). Parece-nos que ele conseguiu contar sua história. Uma história recontada, modificada, ressignificada e atualizada por cada pessoa que dirige seu olhar para o alto e se põe a admirar aquela obra. De modo semelhante, acreditamos que a escola, a despeito de seu aparato reprodutor e cerceador de subjetividades, representa ainda um espaço de trabalho e de produção de subjetividades e, principalmente, de criação de histórias. Espaço de encontro, desencontros, luta por sentidos e tensão, alegrias e descobertas. Lugar em que se encontram crianças, jovens e adultos, imersos em diferentes linguagens sociais e experiências de vida, e que têm uma história para contar, quando a sala de aula consegue estar aberta à vida com toda a sua capacidade de criação e novidade. Nesse seara, o texto literário e a literatura podem conduzir esses sujeitos na exploração das potencialidades da linguagem, da palavra falada e da escrita, que se mostra singular em relação aos demais processos mentais superiores próprios da atividade humana. Quando se aprende a língua materna, já na modalidade oral e antes da alfabetização escolar, aprendem-se certos modos de pensar, sentir, querer e agir, que interferem no desenvolvimento de certas estruturas cognitivas dos sujeitos, propiciando-lhes significados e sentidos para si, para o mundo e para a linguagem/língua. Esses significados e sentidos não estão “prontos”, mas dependem da aprendizagem na interação com os outros sujeitos. Possivelmente, essa é uma diferença fundamental: o lugar do “outro” no processo de desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem escolar da língua escrita e oral e, por conseguinte, da compreensão das narrativas literárias por parte dos alunos, compreendida em sua dimensão social e histórica. Na leitura e na escrita das narrativas literárias encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. E, mais que um conhecimento a ser elaborado, ela pode ser a incorporação do outro em mim, sem a renúncia da minha própria identidade. No exercício de contato com a literatura, podemos ser outros, podemos viver como outros, (LLOSA, 2004) podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. A experiência literária não só nos permite saber da vida por meio da experiência do outro, como também vivenciar essa experiência (ECO, 1993),

ou seja, a ficção feita pela palavra na narrativa e a palavra feita pela matéria na poesia são processos formativos tanto da linguagem quanto do leitor e do escritor. É por possuir essa função de tornar o mundo compreensível, transformando sua materialidade em palavras, cores, odores, sabores e formas intensamente humanas, que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Nesse sentido, necessitamos de um olhar minucioso das práticas com as narrativas literárias desenvolvidas em sala de aula, pois elas se mostram como possibilidade de ampliação de novas formas de produção de sentidos. Nessa perspectiva, adotamos o conceito de literatura apregoado por Antônio Cândido no texto clássico “O direito à literatura”: “Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações” (CANDIDO, 2011, p. 174). A partir desse horizonte de perspectiva, este simpósio deseja se configurar como um *espaçotempo* de diálogo e compartilhamento de sentidos, práticas e questões relacionadas ao ensino da literatura na escola. Interessa-nos problematizar também o papel da literatura e as características das novas possibilidades de escrita literária da atualidade; a escrita e a leitura fruto da interação com os espaços midiáticos e hipertextuais e de demais contextos de linguagem, desde que aportem em nossas escolas e mantenham diálogo com nossas crianças, adolescentes e jovens.

#### REFERÊNCIAS:

- BUONARRORI, Michelângelo. *Cartas Escolhidas de Michelângelo Buonarrori*. Seleção, tradução e notas de Maria Barbara. Campinas, SP: Editora da Unicamp; São Paulo, SP: Editora Funivesp, 2009.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *Vários Escritos*. 5 ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul/ São Paulo: Duas Cidades, 2011.
- LAJOLO, Marisa e ZILBERMAN, Regina. *Literatura Infantil Brasileira: histórias & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.
- LLOSA, Mario Vargas. *A verdade das mentiras*. Tradução de Cordelia Magalhães. São Paulo: Arx, 2004.

### **11 - ATORES EM CENA: O PÚBLICO E O PRIVADO NAS LITERATURAS CONTEMPORÂNEAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Coordenação: Ângela Maria Dias (UFF); Regina Lucia de Faria

Resumo: O mundo globalizado imerso no presente perpétuo do espetáculo patrocinado pela tecnociência tem experimentado um encolhimento do espaço público. A privatização dos interesses e motivações e o predomínio da moral individualista, em detrimento de uma visão de mundo mais integradora, são estimulados pelas promessas narcisistas do consumo e das fabulações compensadoras.

A desrealização da existência cotidiana revela-se pela própria condição de possibilidade da massa que, hoje em dia, não depende da proximidade corporal, ou seja, da reunião conjunta para constituir-se. As massas contemporâneas definem-se em função das comunicações sociais, eletrônicas e/ou digitais, e seus recursos, programas, apelos e personagens (Sloterdijk, 2002). São eles que definem a formação sentimental dos indivíduos e os perfis de suas memórias e identificações. Nesse sentido, podemos dizer como Ricardo Piglia, que ao lado das lembranças alheias, por nós herdadas da tradição



cultural, se soma outro fator atualmente cada vez mais relevante, as formas da indústria cultural. Por isso mesmo,

o bovarismo é uma chave do mundo moderno: a forma em que a cultura de massas educa os sentimentos. Existe uma memória impessoal que define o sentido dos atos e a cultura de massas é uma máquina de produzir lembranças e experiências (Piglia, 1990).

O mundo globalizado do novo século opera uma dinâmica característica, denominada de máquina por Deleuze e Guattari. À diferença das pirâmides hierárquicas da burocracia moderna, estratificadas em torno de uma lei impessoal, o carrossel de mercadorias, estilos e sensações constitui o circuito do desejo como máquina. Nele, as peças, pessoas e materiais transformam-se, sem exceção, em engrenagens de um processo imanente, em que “o erótico opera todo um investimento político e social” (Deleuze&Guattari, 1997).

Nesse circuito, a estetização da política, já bastante exercitada desde os regimes totalitários que ensejaram a segunda guerra mundial, estende-se pela totalidade da vida social, na medida em que o aparecer e o manifestar-se se democratizam pelos mais diversos canais técnicos de projeção e exibição e, como bem o constata Sloterdijk, o culto ao estrelismo e às celebridades, desde a segunda metade dos 1900, pode ser compreendido como um prolongamento do culto ao líder pelas massas da primeira metade do século XX. Afinal,

o segredo do *Führer* de antes e dos astros de hoje consiste no fato de que são tão semelhantes aos seus mais apáticos admiradores como não o ousaria supor qualquer envolvido (Sloterdijk, 2002).

Mas a versão *soft* do igualitarismo contemporâneo das massas, inerente às democracias do entretenimento, ainda convive com regimes totalitários em que a impotência coletiva submete-se a um explícito monopólio da força. Em ambos os modelos, a esfera pública como “uma arena de lutas generalizadas pelo reconhecimento” (Sloterdijk, 2002), produz apatia e privatização dos indivíduos. Não faltam motivos. Com efeito, já muito se falou da “incredulidade em relação aos metarrelatos (a dialética do espírito, a hermenêutica do sentido, a emancipação do sujeito racional, o desenvolvimento da riqueza)” (Lyotard, 1986), em decorrência do progresso das ciências. O fato é que a crise das significações dos imaginários da sociedade moderna (de progresso e/ou de revolução) manifesta uma crise de sentido, uma espécie de niilismo (Castoriadis, 1996) no qual, segundo o filósofo, dois tipos de postura coletiva estão em oposição: o projeto de autonomia individual e coletiva (...) e o projeto capitalista demencial, o de uma ilimitada expansão de um pseudo-domínio pseudo-racional, que desde há muito deixou de dizer apenas respeito às forças produtivas e à economia, para se tornar um projeto global (...) de um domínio absoluto dos dados físicos, biológicos, psíquicos, sociais e culturais” (Castoriadis, 1996).

Em meio a esta deriva uniformizadora, a radicalidade política da literatura reside na capacidade da linguagem de reafirmar a existência do outro, do próximo, do insuspeito, em nós mesmos e em nossa circunstância.

A investigação dos meios e formas pelas quais o estado atual da produção contemporânea tem tratado da vida em comum pode ser um estimulante diagnóstico dos limites e horizontes da criação artística.

Nesse sentido, o presente simpósio se propõe a reunir ensaios de pesquisadores e professores sobre o tema, no intuito de esboçar uma amostragem crítica do momento em

que vivemos nas literaturas de língua portuguesa (literatura brasileira, portuguesa, literaturas africanas e orientais).

#### REFERÊNCIAS:

- DELEUZE, Gilles, GUATTARI, Félix. *Kafka. Por uma literatura menor*. Trad. Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Imago, 1977.
- CASTORIADIS, Cornelius. *A ascensão da insignificância*. Trad. Carlos Correia de Oliveira. Lisboa: Editorial Bizâncio, 1998.
- LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1986.
- PIGLIA, Ricardo. “Ficção e teoria. O escritor enquanto crítico”. Santa Catarina: *Travessia*, n.33, p.47-59, 1996.
- SLOTERDIJK, Peter. *O desprezo das massas ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Trad. Claudia Cavalcanti. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

## 12 - ATUALIDADE DE BAUDELAIRE

Coordenação: Francine Ricieri (UNIFESP); Gilles Jean Abes (UFSC); Eduardo Veras (UFTM)

Resumo: Em um breve texto, intitulado “L’Actualité de Baudelaire”, a ser publicado em breve no Brasil, André Guyaux, retomando Nietzsche, afirma que Baudelaire é “inatural”, que sua contribuição à história da cultura é perene, como o mal, como o pecado, o “*immortel péché*”, obsessivamente tematizado em sua obra poética, epistolar e ensaística. Dialogando também com Walter Benjamin, Guyaux observa ainda que “nada envelheceu” na poesia e no pensamento de Baudelaire, e que o refutador de sua ideia de modernidade e de progresso ainda não nasceu. Antoine Compagnon já havia observado, também em termos nietzschianos, que o eterno retorno do mal e a fidelidade ao presente constituem as duas faces complementares da modernidade baudelairiana. Constantemente convocado pela posteridade, pelas mais diferentes correntes poéticas e críticas, que vão das vanguardas políticas ao formalismo, passando pelo misticismo de matriz platônica e pelo pensamento ultraconservador, Baudelaire se presta a múltiplas atualidades, a múltiplas atualizações hermenêuticas. Sua adesão radical à teologia do pecado original e seu interesse incontornável pelo aqui-agora do presente, equação básica de sua visão ambivalente da arte e da existência, explicam a “inaturalidade” de seu legado, constantemente reivindicado por movimentos literários dos mais diversos matizes. No que se refere mais especificamente ao nosso tempo, é digno de nota o interesse renovado que a poesia e a figura de Baudelaire têm despertado nos poetas que protagonizam o debate atual sobre a poesia contemporânea na França. Nos últimos quinze anos, poetas importantes como Michel Deguy, Yves Bonnefoy, Jean-Michel Maulpoix e Jean-Marie Gleize, para não estender demasiado a lista, revisitaram em algum momento o legado baudelairiano, reafirmando seu vigor e sua importância para a compreensão daquilo que está em jogo nas disputas contemporâneas. Enquanto os dois primeiros acabam de publicar obras de fôlego sobre o poeta (Deguy, Michel. *La Pietà Baudelaire*; Bonnefoy, Yves. *Le Siècle de Baudelaire*), os dois últimos, opositores no campo de batalha entre anti-poetas e neolíricos, têm recorrido com certa frequência a Baudelaire com propósitos que são inseparáveis de suas posições sobre o destino da poesia contemporânea. No âmbito acadêmico, a lista de trabalhos dedicados ao “poeta da modernidade” nas últimas décadas é bastante vasta, com destaque para o crescente interesse da crítica pela prosa e pela correspondência do poeta. Para ficar apenas nos

anos 2000, vieram à público estudos e trabalhos de peso como os de Steve Murphy (*Logiques du Dernier Baudelaire: lectures du Spleen de Paris*), John E. Jackson (*Baudelaire sans fin*) Antoine Compagnon (*Baudelaire l'irréductible*), Andrea Schellino (*Bibliographie du Spleen de Paris (1855 – 2014)*) e André Guyaux e Henri Scepi (*Lire Le Spleen de Paris de Baudelaire*), para citar os mais relevantes. A atualidade de Baudelaire passa também pelo papel preponderante que ele assume na reflexão teórica contemporânea sobre a poesia. Tópicos importantes como a crise do sujeito lírico, a crise da poesia e do paradigma musical, o surgimento do poema crítico, a passagem para a prosa e o valor desta como questão contemporânea, a crítica da metáfora e do discurso figurado, a problemática do lugar social do poeta e suas relações com a cultura de massa, entre tantos outros de interesse ainda central para a Teoria da Literatura neste início de século XXI, passam necessariamente por Baudelaire e por leituras já canônicas de sua obra como as de Valéry, Hugo Friedrich e Walter Benjamin. No Brasil, o período também é marcado pela atualização das leituras de Baudelaire. Cite-se, por exemplo, o colóquio sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, em 2007, na ocasião dos 150 anos da publicação das *Flores do mal*, e que reuniu um grande número de especialistas em torno da obra. Acrescente-se a isso o interesse renovado de tradutores (em especial voltado para os poemas em prosa), e pesquisadores pela obra baudelairiana, atestado, por exemplo, pela publicação de dossiês e números especiais em revistas brasileiras em memória dos 150 anos da morte do poeta, em 2017. Este simpósio se volta para os estudos baudelairianos em geral, focalizando a atualidade do legado e da recepção literária, tradutória e crítica da obra de Baudelaire, no Brasil e no exterior. Serão aceitas propostas que abordem os campos supracitados, adentrando mais especificamente temáticas tais como sua recepção e atual influência na literatura e na teoria literária, pesquisas voltadas para a literatura comparada, além de estudos sobre (ou com base em) a biografia, os “escritos íntimos”, a produção epistolar, ou ainda, o pensamento crítico do poeta parisiense presentes em seus ensaios ou artigos de jornal. No mais, pesquisas voltadas para os estudos da tradução, nas áreas da teoria, crítica, história e tradução comentada, concernindo a obra de Baudelaire, serão igualmente bem-vindas nesse simpósio dedicado ao autor das *Flores do mal*.

### **13 - AUTOFICÇÃO, EROTISMO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA LATINOAMERICANA E OUTRAS LITERATURAS**

Coordenação: Margareth Torres de Alencar Costa (UESPI/ UFPI); Telma Borges (UNIMONTES); Sebastião Alves Teixeira Lopes (UFPI)

Resumo: Este Simpósio tem por objetivo propiciar espaço para discussão acadêmica acerca de representações do feminino nos mais diversos gêneros literários, a partir das noções de AUTOFICÇÃO, EROTISMO, SEXUALIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO NA LITERATURA LATINOAMERICANA E OUTRAS LITERATURAS. Apesar da grande luta dos movimentos feministas e de maior conscientização acerca das amarras patriarcais e de relações de gênero que insistem em colocar a mulher em situação de inferioridade em relação ao homem, nas sociedades ocidentais contemporâneas ainda persiste entre nós uma tendência de representar o feminino nos mais variados discursos sociais, de forma a ratificar relações desiguais de gênero, interpelando-o em posições sociais que perpetuam a subalternização da mulher. Compreendemos a literatura como um fenômeno social, capaz de refletir conflitos sociais e tensões ideológicas que muito revelam da própria sociedade onde circulam essas narrativas. O discurso literário, portanto, constitui-se de uma complexa rede de

representações que ensejam construções de sentidos que, além de ‘re-apresentarem’ o feminino, interpelam-no posicionando mulheres em espaços sociais pré-determinados, de acordo com ideologias patriarcais e de gêneros hegemônicas. Ou seja, a teoria feminista, em suas diversas formulações, cria condições de possibilidade para se pensar desigualdades nas relações humanas em todo o mundo. A literatura, como uma prática discursiva que nos faz viver, como diria Antonio Candido, é uma das formas de explicitar a permanência desses discursos ou de apontar caminhos possíveis de superação das assimetrias impostas ao modo como o mundo está organizado em termos de gênero. Autoficção, termo utilizado contemporaneamente para referir-se à autobiografia ficcional, teve como precursor Serge Doubrovsky (1977), em seu romance *Fils*. A noção de autoficção, de acordo com esse autor, difere da teoria proposta por Lejeune (2005) na medida em que um autor pode optar por contar sua vida em 1ª ou em 3ª pessoa, utilizando os elementos ficcionais a serviço de uma busca pela autoficção. O gênero, no qual autor e personagem dividem o espaço ficcional transformou-se uma tendência na literatura contemporânea, principalmente entre mulheres que fazem da vida substância narrativa. Quando uma narrativa faz coincidir autor e narrador estabelece um jogo que acentua o disfarce entre esses agentes da narrativa. Um narrador em primeira pessoa, cujo nome é igual ao do autor que assina a capa do livro pode nos levar a, pelo menos, duas hipóteses: uma seria a de que há um relato biográfico ou de que há uma ficcionalização do biográfico; nesse caso estaríamos no terreno da autobiografia ficcional, conforme assinalado por Phillippe Lejeune. Então, como diz Patricia Waugh, “o autor descobre que a linguagem do texto o produz tal como ele produz a linguagem do texto. O leitor é levado a tomar consciência de que, paradoxalmente, o autor está situado dentro do texto (como narrador) da mesma forma em que está situado fora dele (como autor). (WAUGH, 1993, p. 133, tradução minha). Como no desenho intitulado “drawing hands”, de M. C. Escher, há na escrita (meta)autoficcional um duplo movimento: a mão que é sujeito é a mesma que é objeto da escrita. A história contada em primeira pessoa por um narrador que também se autodenomina autor cria uma ilusão de verdade, porque supõe ser vivenciada por aquele que conta. No que diz respeito ao erotismo e à sexualidade, apoiamos-nos em Bataille e em Foucault, respectivamente. Para Bataille, “só os homens fizeram de sua atividade sexual uma atividade erótica, e o que diferencia o erotismo da atividade sexual simples é uma procura psicológica independente do fim natural encontrado na reprodução (...) (BATAILLE, 1987, p. 10); é a exuberância da vida e a consciência da morte, fascinação que domina o erotismo. Foucault (1999) afirma que “[...] a sexualidade é um comutador que nenhum sistema moderno de poder pode dispensar. Ela não é aquilo que o poder tem medo, mas aquilo que se usa para seu exercício. As proibições não são formas essenciais do poder, são apenas seus limites, as formas frustradas. As relações de poder são, antes de tudo, produtivas” (FOUCAULT, 1999, p. 360). Nossa proposta com este simpósio é, portanto, acolher reflexões críticas e teóricas que contemplem o debate sobre a autoficção, o erotismo, a sexualidade e as relações de gênero em literaturas latino-americanas e em outras literaturas.

#### **14 - CAMINHOS DO NARRAR: ESCRITA CRIATIVA, MÚSICA E CINEMA**

Coordenação: Gandhia Vargas Brandão (UnB); Jéferson dos Santos Assunção (ULE)

Resumo: Roland Barthes (2011) aponta que “a narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as

classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas’ (p. 19). Além disso, “a narrativa pode ser sustentada pela linguagem articulada, oral ou escrita, pela imagem fixa ou móvel, pelo gesto ou pela mistura ordenada de todas estas substâncias; está presente no mito, na lenda, na fábula, no conto, na novela, na epopeia, na história, na tragédia, no drama, na comédia, na pantomima, na pintura (...), no vitral, no cinema, nas histórias em quadrinhos, no *fait divers*, na conversação.” (Barthes, 2011, p. 19). Atualmente pequenas multidões se movimentam no mundo em busca de cursos chamados de Escrita Criativa, em tradução literal do inglês (Creative Writing), ou, no Brasil, chamados também de Oficinas Literárias, Oficinas de Criação Literária, Oficinas Narrativas, Laboratórios de Textos, Laboratórios Literários, Laboratórios de Criação Textual ou de Redação Criativa (Disponível em <http://www.laab.com.br/oficina.html>. Consultado em 25/11/2016). Joseph Campbell (2007) aliando o conceito de arquétipo e inconsciente coletivo de Jung com seus próprios estudos chegou à conclusão de que há estruturas narrativas comuns encontradas nas histórias ao redor do mundo, sejam elas de ordem mitológica, ritualística/religiosa, folclórica ou onírica, estruturas com as quais as pessoas se representam individualmente nas suas próprias narrativas, nos seus sonhos. Essas estruturas aparecem até mesmo inconscientemente na maioria das narrativas, independente de o autor ter ou não a intenção de abordá-las. Chega a colocar que é como se a mesma história fosse contada infinitamente de modos diferentes. A partir disso, Christopher Vogler (2009) percebe que a reversa desse raciocínio também é verdadeira, ou seja, pode-se usar essas estruturas e arquétipos conscientemente para mobilizar o inconsciente das pessoas e assim as conectar às narrativas (seja em filmes, livros, games, canções, óperas, etc) por se sentirem representadas. Fazê-las se interessarem pelas histórias e movimentar, portanto, a indústria do entretenimento. Vogler foi consultor de histórias da Disney e professor de construção narrativa. Escreveu o livro *A jornada do escritor*, o qual foi adotado como um dos guias padrão de Hollywood para a arte do roteiro e a revista *Spy* o chamou de “a nova Bíblia da indústria”. Segundo Vogler (2009), Hollywood trabalha com cerca de 150 a 200 histórias por vez, de modo que precisam de algum sistema de seletividade dessas histórias. A leitura de Vogler (2009) a partir da jornada do Herói (Campbell, 2007), juntamente com os arquétipos de Jung, foi um dos modos escolhido por estúdios de Hollywood para selecionar, dentre essa gama de histórias, as que seriam por eles produzidas. E, certamente, foi um método escolhido e mantido por tanto tempo, porque, na perspectiva deles, ‘funciona’, ou seja, faz os investimentos dos estúdios terem um retorno nas bilheterias que corresponde a lucro para as empresas. Mais recentemente, o mundo do marketing tem descoberto que as histórias, as narrativas e seus arquétipos têm potencial para venderem muito mais do que a si mesmas. No festival internacional de criatividade, em Cannes, 2014, nos seminários e debates, segundo Adilson Xavier (2015), os temas que lotavam os auditórios do *Palais* continham o termo *storytelling* no título. Foram onze títulos abordando explicitamente temas relacionados a *storytelling*, além de outros temas que abordaram a questão do *storytelling*, ainda que não houvesse referência no título. Desse modo, conforme aponta Santos (2006) “Nascemos rodeados pelas narrativas. Tudo aquilo que podemos sentir no mundo, tudo aquilo que podemos compreender do mundo, em tudo que somos impelidos a empreender no e pelo mundo se dá a partir das narrativas que herdamos e também pelos relatos daquilo que fazemos. Toda tarefa humana, desde os atos mais ínfimos e impensáveis, até os mais ousados, grandiosos – e por isso mesmo imperdoáveis – carece de narrativas. Temos uma imperiosa necessidade de relatar, contar ao mundo, acerca de nossos medos, impasses e sonhos.” (s.p.). Diante disso, esse simpósio busca reunir trabalhos ao redor da temática

da arte de contar histórias, do narrar o ser no mundo, do ser na própria arte e do próprio fazer artístico. As construções narrativas na contemporaneidade e os diversos modos de circulação e reprodução dessas narrativas.

#### REFERÊNCIAS:

- BARTHES, R. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Editora Vozes, 7ª ed, 2011.
- CAMPBELL, J. *O herói de mil faces*. São Paulo, editora Pensamento. 2007.
- SANTOS, G. F. C. Madame Bovary: a paixão, o consumo. Cerrados (UnB), v. 01, p. 79-90, 2006.
- VOGLER, C. *A jornada do escritor – estrutura mítica para escritores*. São Paulo, Aleph, 3ª ed. 2015.
- XAVIER, A. *Storytelling – histórias que deixam marcas*. Rio de Janeiro, best business, 2ª ed., 2015.

### **15 - CEM ANOS DE URUPÊS: A OBRA DE MONTEIRO LOBATO NO CENTENÁRIO DE SUA ESTREIA EM LIVRO**

Coordenação: Emerson Tin (Facamp); Milena Ribeiro Martins (UFPR).

Resumo: O ano de 2018 é auspicioso para o desenvolvimento dos estudos acerca da obra de Monteiro Lobato (1882-1948). Completa-se, neste ano, o centenário de publicação de *Urupês*, primeiro livro de Monteiro Lobato assinado com seu nome. (No mesmo ano, publicou também *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, assinado “por um demonólogo amador”.) Com essa coletânea de contos também teve início sua atividade editorial. *Urupês*, como se sabe, deve seu título ao artigo homônimo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* em 1914. Nesse artigo, o então fazendeiro direcionava toda a sua verve contra aquele que considerava um símbolo do atraso nacional: o caboclo, encarnado na figura de Jeca Tatu.

O livro já foi considerado o primeiro *best-seller* brasileiro: somente em 1918, foram três edições sucessivas, a partir de julho, somando sete mil exemplares. O pé de vento (nas palavras do próprio Lobato) foi alavancado ainda mais após a conferência de Rui Barbosa, então candidato à Presidência da República, intitulada “A questão social e política no Brasil”, em janeiro de 1919. Logo na sua abertura, Rui Barbosa citou a personagem, o livro e o autor: “Conheceis, porventura, o Jeca Tatu, dos *Urupês*, de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista?”

Em 1943, o jubileu de prata de *Urupês* foi celebrado por meio de edições especiais, artigos e notas na imprensa, consignando, então, a importância dessa obra no sistema literário brasileiro.

O ano de 2018 marca também os setenta anos da morte do escritor, falecido em 4 de julho de 1948, o que traz, assim, uma importante consequência para o mercado editorial: a entrada da obra de Monteiro Lobato em domínio público a partir de 2019, de acordo com a legislação vigente.

Essas duas efemérides servem como mote para a proposição deste simpósio, que tem como objetivo congregar novas pesquisas sobre a obra do escritor, editor, crítico e tradutor, com especial atenção para aquelas que permitam sua compreensão contextualizada, sua inserção num panorama histórico-cultural brasileiro e internacional e a constante reavaliação de sua dimensão na realidade sociocultural brasileira dos últimos cem anos.

A progressiva disponibilização de documentos e periódicos em plataformas virtuais – de que são exemplos a Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e a Hemeroteca da

Biblioteca Digital Unesp –, bem como em acervos físicos, como o da Biblioteca Monteiro Lobato, em São Paulo, e do Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio – CEDAE –, na Unicamp, em Campinas, que guardam e organizam documentos das mais diversas naturezas (manuscritos, datiloscritos, fotografias, pinturas e objetos), proporcionando, assim, o acesso a fontes primárias associadas à vida e obra do escritor, tem contribuído para a produção de pesquisas a respeito da produção e recepção de sua obra, abrangendo não apenas os livros publicados, mas também sua correspondência inédita e outras facetas do escritor, como a de fotógrafo e pintor, bem como à compreensão do funcionamento do sistema literário nacional na sua época.

A entrada em domínio público da obra de Monteiro Lobato é também motivo para se pensar em profundidade quanto aos vínculos entre sua obra e questões teóricas e sociais contemporâneas – associadas à recepção de sua literatura em situações escolares e em outras esferas sociais.

Nesse sentido, serão aceitas para este simpósio comunicações que coloquem em pauta novos olhares sobre a obra lobatiana, considerando sua longevidade e sua iminente entrada em domínio público.

#### REFERÊNCIAS:

AZEVEDO, Carmen L. de.; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: um furacão na Botocúndia*. São Paulo: editora Senac São Paulo, 1997.

BIGNOTTO, Cilza. *Novas perspectivas sobre as práticas editoriais de Monteiro Lobato (1918-1925)*. Tese Doutorado. Campinas: Unicamp, 2007

CHIARELLI, Tadeu. *Um Jeca nos vernissages: Monteiro Lobato e o desejo de uma arte nacional*. São Paulo: Edusp, 1995.

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil: sua história*. Trad. Maria da Penha Villalobos e Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: T.A. Queiroz; Edusp, 1985.

LAJOLO, Marisa; CECCANTINI, João Luís. (Orgs.). *Monteiro lobato, livro a livro: obra infantil*. São Paulo: Editora Unesp e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

LAJOLO, Marisa (Org.). *Monteiro Lobato, livro a livro: obra adulta*. São Paulo: Unesp, 2014.

LUCA, Tânia Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.

MARTINS, Milena Ribeiro. *Lobato edita Lobato: história das edições dos contos lobatianos*. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2003.

TIN, Emerson. *Em busca do "Lobato das cartas": a construção da imagem de Monteiro Lobato diante de seus destinatários*. Tese de Doutorado. Campinas, Unicamp, 2007.

#### **16 - CONSTRUÇÃO IMAGÉTICA DE PERSONAGENS EM OBRAS LITERÁRIAS REPRESENTATIVAS DAS SUBALTERNIDADES**

Coordenação: Leni Nobre de Oliveira (CEFET-MG); Marinei Almeida (UNEMAT); Evaldo Balbino da Silva (UFMG)

Resumo: Os estudos culturais no século XX, o surgimento do multiculturalismo e a revisão dos critérios considerados ideais para a valorização da obra literária facilitaram o reconhecimento da Literatura Comparada como instrumento propício para o estudo das novas obras que surgiram e para a releitura de outras dentro ou fora do cânone ou ainda as excluídas do circuito de leitura, já que não indicadas em livros didáticos, vestibulares ou outros processos em que obras literárias são instrumentos de avaliação. Nesse sentido, a Literatura Comparada, visto aqui o comparatismo como método de

investigação e não um fim em si mesmo (CARVALHAL, 1999), muito tem contribuído com os estudos literários nos últimos tempos. Com o advento da atenção aos multiculturalismos, a circulação de novas produções e revalorizações de outras, sob o ponto de vista das diversidades, trouxeram à tona novas abordagens. Contextos advindos a partir dos olhares de novos atores, na produção de obras e na crítica literária, em se tratando da construção e da análise das personagens, revelaram novas e diversas imagens de personagens. Esses “seres de papel”, ou melhor, de palavras, construídos a partir desses novos olhares, inserem-se em contextos diferentes daqueles que comumente povoam o conjunto canônico das obras literárias. Isso porque tais olhares encontram-se contaminados por vivências advindas das periferias e das margens, muitas delas tendo seus próprios autores como atores e personagens de suas próprias narrativas e expressões poéticas.

Desse modo, tais autores, atores e personagens criados encenam, em suas tramas narrativas, novos episódios não antes contemplados pelos olhares, celebrando a presença de aspectos das relações sociais, econômicas, políticas, familiares e religiosas dessas personagens, com possibilidades representativas de problemáticas das vivências periféricas, distintamente daquelas apresentadas de modo idealizado e comumente vistas no conjunto canônico de obras literárias. Ao se reconhecer a importância das novas perspectivas de abordagem das diferenças na e pela literatura, busca-se atrelar isso à maior força denunciatória de um enunciado quando este é produzido por um sujeito que se implica como objeto vítima da questão denunciada, uma vez que a emissão dessas vozes propicia situações de empoderamento aos enunciadores. Não se menospreza aqui a importância de uma consciência da alteridade assumida por vozes outras que não estejam inseridas, em termos de experiências, nas questões abordadas. Mas se enfatiza que falar de um determinado lugar impacta mais do que se falar sobre ele, visto que as relações de poder se caracterizam também e principalmente pelo direito de expressão e pelo assentimento da recepção, sendo considerado, portanto, o espaço de enunciação como o lugar também autorizado ou vetado. Desse modo, as vozes dos próprios subalternos, em suas próprias criações artísticas, têm outro impacto. Quando o sujeito que se insere nessa condição assume um discurso contestatório, tanto no plano teórico quanto no da representação literária, sem dúvida alguma sua fala assume matizes de um poder político inquestionável. Tal ideia é defendida por Gayatri Spivak ao dizer da cumplicidade entre sujeito e objeto de investigação no tocante ao desempenho da crítica e da teoria (SPIVAK, 1988). E acrescentamos que isso também ocorre no tocante ao desempenho da própria literatura. Cumplicidade esta que funciona como uma estratégia política nos meandros dos discursos instituídos, na medida em que se briga pela afirmação da posição ou posições do sujeito na sociedade. Também nesse sentido cabe aqui reforçar o conceito de interstício dos discursos dominantes (BHABHA, 1998), nos quais as vozes subalternas adentram e promovem, no seio mesmo da discursividade dominante, elementos de desconstrução das narrativas predominantes (CULLER, 1997; DERRIDA, 2002).

Assim, neste simpósio, interessa-nos pôr em relação trabalhos que contribuam para o debate sobre a construção imagética das personagens advindas desses novos olhares artísticos e críticos. Nosso intuito é visualizar o quão reveladoras das adversidades e diversidades elas podem ser quando analisadas pelo viés comparatista, principalmente. Assim, análises de personagens de obras de literaturas atentas à encenação das subalternidades (expressão africana e afrodescendente, homoerótica, indígena, feminina etc.) serão de nosso interesse.



## REFERÊNCIAS

- BHABHA, Homi K. Locais da cultura. *O Local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998, p. 19-42.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 1999 (Série princípios).
- CULLER, Jonathan. *Sobre a desconstrução*. Trad. Patrícia Burrowes. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos tempos, 1997.
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 3 ed. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- SPIVAK, Gayatri C. *Other worlds – Essays in cultural politics*. New York / London: Routledge, 1988.

**17 - CRÍTICA TEXTUAL/FILOLOGIA EM TEMPOS DE RESISTÊNCIA**

Coordenação: Ceila Maria Ferreira (UFF); Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA); Viviane Arena Figueiredo

Resumo: A Crítica Textual estuda a transmissão de textos e estratégias de restituição desses textos a uma representação da última redação autoral ou ao texto que mais se aproxima dessa redação. Além disso, estuda a materialidade dos textos, as etapas do processo de sua construção e de sua gênese e constrói *links*, por meio de interpretações e de comentários, entre os textos editados criticamente e o público leitor ao longo do tempo. Podemos também entender a Crítica Textual como uma disciplina que trabalha com a historicidade, mais especificamente, com a historicidade do processo de produção textual – seja esse processo entendido como os que englobam a gênese textual, seja os entendidos como estudos sobre objetos e/ou instrumentos e/ou veículos de divulgação da literatura - e que transita num espaço muito caro aos estudos acadêmicos, nos dias de hoje, que é o espaço da interdisciplinaridade. Além disso, por meio da pesquisa da gênese textual, assim como do estudo de variantes textuais autorais ou de terceiros, podemos dialogar com a Crítica Genética, com a Análise de Discurso, com a Estilística, com a Hermenêutica, por exemplo. A Crítica Textual tem atuação marcante e necessária no processo de preservação do patrimônio cultural em forma de textos escritos e pode, inclusive, questionar ou inquirir o cânone literário a partir do resgate de textos, de obras, de autoras e de autores que acaba promovendo. Hoje, fala-se em um novo Eça, a partir da publicação de volumes do projeto de Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, coordenado pelo Professor Carlos Reis, Catedrático da Universidade de Coimbra. Tal projeto trouxe a público novas versões de textos de Eça de Queirós, como também ajudou a levantar e a divulgar informações acerca de procedimentos de escrita do autor de *Os Maias*, um dos maiores escritores da língua portuguesa. Tal projeto também contribuiu e contribui para a sistematização de uma teoria e de uma metodologia de edição de textos em língua portuguesa de escritores do século XIX. Nesse sentido, vale lembrar da Comissão Machado de Assis, instituída pelo governo brasileiro de então, o JK, em 19 de setembro de 1958, para estabelecer o texto das obras de um dos maiores escritores nascidos no Brasil: Machado de Assis. Tanto a obra de Eça de Queirós como a de Machado de Assis, antes dos projetos aqui citados, sofreram graves ruídos de transmissão. Não podemos nos esquecer da prestigiosa Equipa Pessoa, coordenada pelo Professor Ivo Castro, que vem editando criticamente a obra de Fernando Pessoa e de seus heterônimos e que vem também constituindo uma teoria e uma metodologia para o exame e edição de manuscritos literários. Neste simpósio, não vamos nos ater somente à

obra de Eça, de Machado e de Pessoa. Pretendemos dialogar com estudos de gênese, de transmissão e de recepção de textos que tiveram problemas de edição e de transmissão, inclusive de autoras esquecidas pelo cânone, assim como de autores que também não tiveram sua obra lembrada ou valorizada pelas páginas das histórias da literatura. Nosso olhar investigativo também se preocupa com a chamada literatura popular, produzida por segmentos da sociedade menos favorecidos em termos econômicos e de escolaridade, como, por exemplo, a literatura de cordel. Como contribuir para divulgar esses textos e para que tais segmentos da sociedade também sejam reconhecidos e estudados pela academia como autores e autoras de obras literárias? Sabemos que, em tal discussão, está também inserida a própria discussão sobre a natureza do texto literário e o próprio conceito de literatura. Ademais, nossa proposta também passa por uma discussão sobre a importância da Crítica Textual para os Estudos de Literatura, assim como para o estudo de obras que tiveram seu texto censurado. E vale lembrar que a Crítica Textual tem um papel considerável de resistência. Já dizia Edward Said que a Filologia: “[...] pressupunha um profundo espírito humanista empregado com generosidade e, se me permitem o termo, com hospitalidade [...]” (SAID, 2003, p. 22). Nestes tempos temerosos em que vivemos, de golpe no Brasil, de guerra na Síria, de recusa à aceitação de imigrantes, de aprofundamento do capitalismo financeiro, praticar generosidade e hospitalidade são atos de resistência. Resistência, no caso da Crítica Textual/Filologia, também ao apagamento de textos, de autoras, de autores, de coletivos de pessoas, de vozes muitas vezes dissonantes aos mandatários do poder.

#### REFERÊNCIAS

SAID, Edward. Prefácio da Edição de 2003. In: \_\_\_\_\_. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 22.

#### 18 - DECADENTISMO E GÓTICO: OLHARES SOMBRIOS

Coordenação: Alexander Meireles da Silva (UFG); Fernando Monteiro de Barros Junior (UERJ); Luciana Colucci (UFTM)

Resumo: Decadentismo e Gótico vem há séculos caminhando de mãos dadas como amantes que lançam seus olhares sombrios diante das cenas finiseculares que engendram e alimentam seus corpos negros e subversores. Por parte do Decadentismo, essa postura se inicia ainda na Antiguidade para descrever o final dos períodos Alexandrino (300-30 a.C.) e do Imperador Romano Augusto (14 d.C.), mas indubitavelmente ele veio a ganhara uma nova dimensão já dentro do terreno racionalista da Modernidade na França com o Simbolismo a partir da segunda metade do século dezenove. O Decadentismo se caracterizava já ai pela autonomia da arte, pela busca do sensacionalismo, pela utilização do melodrama, pela ênfase em elementos como o egocentrismo, a artificialidade, o bizarro, sinalizando uma posição de autonomia do decadente em relação a uma sociedade anestesiada pelos ideias da ciência e dos produtos do progresso e alienada pelo pensamento realista-naturalista. Especificamente, na seara da Literatura, segundo Orna Messer Levin em *As figuras do dândi* (1996), a ideia de decadência surge pela primeira vez na França de 1834 no estudo do crítico Desiré Nisard no qual ele faz a análise das semelhanças entre a poesia latina e a literatura romântica. Mas foi por meio do poeta francês Charles Baudelaire, com a coletânea de poemas *As flores do mal* (1857), fortemente influenciado pela visão artística do escritor norte-americano Edgar Allan Poe, que o Decadentismo deu forma ao seu manifesto, ganhando força através da influência exercida sobre os artistas

contrários ao *status quo*. Percebe-se neste ponto um dos primeiros flertes efetivos entre o Decadentismo e seu irmão/amante o Gótico, visto que as narrativas de Poe exploravam elementos caros aos decadentes como a ênfase em situações ancoradas no onírico, a discussão do lugar da arte e a exploração de espaços sensoriais. Ou seja, são narrativas centradas no indivíduo como elemento maior de oposição às massas urbanas das crescentes metrópoles. Esta ligação entre Decadentismo e Gótico se intensificou em 1884, quando ocorre a estreia do Decadentismo na prosa com *Às avessas*, do francês Joris-Karl Huysmans, considerado o “breviário” do movimento. Na obra, o leitor é apresentado ao protagonista Des Esseintes, incorporação das ideias decadentistas e da *maladie fin de siècle*. Sua rotina é centrada na construção e substituição do natural por espaços não-naturais e para isso ele faz uso de sua inteligência, dinheiro e tempo livre. Tudo isso almejando a obtenção de sensações novas e bizarras, em uma contínua e crescente ansiedade narcisista pelo próximo momento efêmero. É essa busca decadentista que se coloca como uma ação subversora contra as normas e convenções sociais utilitaristas que abre espaço para a presença do sobrenatural de natureza religiosa ou advinda dos mistérios da Ciência de fim de século, explorado pela Literatura Gótica. No primeiro caso, representado, por exemplo, em *O retrato de Dorian Gray* (1891), do escritor irlandês Oscar Wilde vemos o jovem Dorian Gray operando da mesma forma que o decadente Des Esseintes no exercício de sua prática de dândi com o acréscimo do elemento satânico manifestado na releitura do pacto faustico. Esse diferencial faz com o romance assuma uma nova dimensão permitindo com que, ao lado de outros elementos, a obra de Wilde possa ocupar o lugar tanto de representante do Gótico quanto do Decadentismo. No segundo caso, em que a Ciência é fonte de fascínio e medo, se pode citar como exemplo a novela *O estranho caso de Dr Jekyll e Mr Hyde* (1886), do escocês Robert Louis Stevenson, cujas experiências científicas executadas pelo respeitado Dr. Jekyll, com vistas a encontrar uma maneira de levar uma vida de subversão ao sistema que não manchasse a sua imagem de respeitado cavaleiro vitoriano, iniciam o tortuoso processo de decadência que culmina em seu suicídio. É dentro deste território de diálogo, cruzamento e paralelismo entre o Gótico e o Decadentismo que este simpósio acolherá comunicações de pesquisadores que abordem discussões sobre o Gótico e/ou o Decadentismo desde os seus respectivos surgimentos e momentos-chaves em fins do século dezoito com o romance *O castelo de Otranto* (1764), do escritor inglês Horace Walpole e fins do século dezenove com *As flores do mal*, de Charles Baudelaire e *Às avessas*, de Joris-Karl Huysmans, até suas manifestações e expressões nos dias de hoje, na Literatura e no Cinema.

## 19 - DIÁLOGOS E DEBATES SOBRE A LITERATURA CLÁSSICA GRECO-ROMANA

Coordenação: Paulo Martins (USP); Frederico de Sousa Silva (UFU)

Resumo: Em *Literatura e Sociedade*, Antônio Cândido afirma que uma obra de cultura é produto de todo um contexto e que o conhecimento desse contexto é importante para que tal obra seja compreendida e para que também sua própria escrita possa ser justificada. Com isso em mente e com o objetivo de alavancar os estudos clássicos, aproveitando o espaço de discussão a respeito da cultura clássica greco-latina, para este congresso da Abralic, sediado na Universidade Federal de Uberlândia, propõe-se Simpósio Temático que permita àqueles que vão apresentar comunicação a possibilidade de revisitar o passado e trazê-lo para o presente de forma crítica e

reflexiva, com o fim não só de fortalecer a pesquisa mas também de difundir os conhecimentos na área de estudos clássicos da antiguidade greco-romana. Para Walter Benjami, “o passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido”. Partindo dessa premissa, observam-se cada vez mais estudos, nestes últimos anos, que se voltam para a chamada antiguidade clássica, especialmente investigações a respeito dos romanos, e nesse novo olhar sobre o mundo antigo os mais diversos autores e suas obras ganham importância e trazem à tona novas discussões e novos olhares que envolvem e ampliam uma rede de conhecimentos, com os pesquisadores tendo à disposição todo um vasto leque de obras da antiguidade para estudos, uma vez que a literatura clássica greco-romana nos brinda com mais de dez séculos de história, com grandes ramificações nos mais variados setores do conhecimento, com vasto substrato histórico, geográfico, político, social, filosófico, e que constitui o subsídio para a troca de experiência neste encontro de pesquisadores. Para este Simpósio, serão bem-vindas contribuições de pesquisadores que têm como foco o estudo de textos da antiguidade clássica greco-romana, que tenham em foco os mais variados autores e gêneros daquela época, bem como também aqueles pesquisadores que tenham como ponto de interseção as literaturas grega e latina e a literatura moderna, que privilegiam seu método investigativo no âmbito de estudos que refletem as relações entre passado e presente. Dessa forma, a ideia é criar um ambiente de debates com o propósito de que os estudos clássicos sejam disseminados na Universidade, atraindo pesquisadores e fortalecendo esse campo do saber, com a finalidade de que exponham a potência da palavra antiga e as ideias veiculadas naquele período; palavras e ideias que encontram ressonância ainda hoje, uma vez que a presença e permanência do clássico se tornam quase indiscutíveis para o reconhecimento e a necessidade em entender o nosso tempo. Enfim, este Simpósio Temático tem a proposta de discutir o lugar dos clássicos da antiguidade greco-romana na articulação e produção de saberes.

- ACHCAR, Francisco. **Lírica e lugar comum**. São Paulo: Edusp, 1994.
- ALFÖDY, Géza. **A História Social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.
- BACON, Francis. **A sabedoria dos antigos**. São Paulo: Editora Unesp, 2002.
- CALASSO, Roberto. **A Literatura e os Deuses**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo & GIARDINA, Andrea. **O espaço literário da Roma antiga**. Belo Horizonte: Editora Tessitura, 2010.
- CONTE, Gian Biagio. **Profilo Storico della Letteratura Latina: dalle origini Allá tarda ETA imperiale**. Firenze: Le Monnier Università, 2004.
- CONTE, Gian Biagio; PIANEZZOLA, Emilio. **Latinitatis Memoria: Storia e testi della letteratura latina**. Casa Editrice Felice Le Monnier: Firenze, 2001.
- COSTA, Cléria Botelho da. **História e Literatura: identidades e fronteiras**. Uberlândia: Edufu, 2006.
- CURTIUS, Ernst Robert. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Edusp, 1996.
- JONES, Peter V. **O mundo de Atenas: uma introdução à cultura clássica ateniense**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LIMA, Luiz Costa. **História, Ficção, Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

- OLIVEIRA, Terezinha. **Educação, cultura e religiosidade na antiguidade e medievo**. Maringá: Eduem, 2013.
- PARATORE, Ettore. **História da Literatura Latina**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1987.
- PEREIRA, Maria Helena da Rocha. **Estudos de História da Cultura Clássica**. 2 volumes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. Sd.
- VEYNE, Paul. **A Sociedade Romana**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- VIEIRA, Brunno V. G.; THAMOS, Márcio. **Permanência Clássica: visões contemporâneas da Antiguidade Greco-romana**. São Paulo: Escrituras Editora, 2011.
- WERNER, Christian; SEBASTIANI, Breno B. **Gêneros poéticos na Grécia antiga: confluências e fronteiras**. São Paulo: Editora Humanitas, 2014.

## 20 - ESCRITAS CONTEMPORÂNEAS: INCURSÕES, AVALIAÇÕES E DESAFIOS AO COMPARATIVISMO

Coordenação: Adeílato Manoel Pinho (UEFS-BA); Maria de Fátima Gonçalves Lima (PUC-GOÍÁS)

Resumo: Esta proposta é a continuação de simpósio realizado nos Congressos Abralic de 2015, em Belém- PA, no Encontro 2016, no Rio de Janeiro e no Congresso Internacional 2017, no Rio de Janeiro. Dado o êxito das apresentações e discussões naquelas oportunidades e por ser do âmbito do Projeto Procad/Capes PUC-Rio/UNEB-Salvador/UEFS-Bahia/PUC-Goiás, que irá até 2019, consideramos esta proposta decisiva para as atividades do projeto. A continuação da proposta e realização do simpósio representa a consolidação de um grupo de trabalho multi-institucional e em instância nacional dentro do projeto. Para delinear os desafios presentes no título deste Simpósio, e aqui propostos como um convite instigador a pesquisadores interessados na atualidade das práticas culturais, artísticas e teórico-críticas, elegemos, no pequeno e exitoso ensaio de Giorgio Agamben, uma das suas postulações a O que é o contemporâneo: "Contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro." A imagem potente de um "escuro" do tempo delinea metaforicamente a problemática a ser compartilhada pelos pesquisadores, em vertentes ou perspectivas compatíveis com seus objetos de interesse e investigação. Tal imagem se impõe quando se constata que, nas últimas décadas, na área dos estudos literários como nas ciências humanas, ocorreram alterações que reconfiguraram os pilares do território disciplinar, abalando o domínio de objetos previsto, o elenco de instrumentos, métodos e, expressivamente, o corpo das proposições aceites como horizonte teórico dos estudos de literatura, outras artes e da cultura. Tais alterações repercutiram predominantemente na diluição de fronteiras entre as disciplinas, na multiplicação inovadora das questões e temas de investigação plausíveis para cada uma delas e na ampliação dos instrumentos conceituais e técnicas que as singularizam. Em paralelo às alterações no plano epistemológico, são expressivas também, nas últimas décadas, as alterações que ocorrem no âmbito da cultura e no campo artístico, especialmente no domínio do literário. No primeiro caso, a noção de "cultura" alargou-se, extrapolando a legitimidade que lhe atribuíram – igualmente, mas em circunstâncias diversas – o empreendimento civilizacional iluminista, o Estado nacional moderno e as elites cultas na alta modernidade estética, tornando a cultura e, principalmente, o valor cultural focos de instabilidade, conflito e disputa, por forças que

saíram dos bastidores e passaram a disputar a significação cultural. Os dois eixos da significação e valor que atravessaram a área de Letras, afetando o âmbito dos estudos comparados: por um lado, problematiza-se a ligação mutuamente legitimadora entre literatura e nacionalidade, parte do processo de constituição dos estados modernos e matriz de toda a historiografia que por um século pautou os estudos da literatura; por outro, dá-se a contestação ao confinamento do valor cultural à esfera erudita, às artes canônicas e, conseqüentemente, à separação entre arte, cultura e o que pensadores como Edward Said e Stuart Hall designaram como a "mundanidade". Em grande parte, emanam deste cenário de mudanças epistemológicas e culturais o "escuro do tempo" ou os desafios do contemporâneo, que constituem o campo temático do debate aqui proposto, que deverá confrontar-se com o caráter intempestivo, insurgente ou disruptor da contemporaneidade, sistematizando e provendo instrumental teórico e crítico para lidar com as suas diversas dimensões ou concreções. O deslocamento ou a recusa de hierarquias instituídas tanto na dimensão epistemológica quanto na dimensão artístico-criativa geram a oportunidade para que estejam sob o foco deste Simpósio – como desafios que emergem das zonas de sombras do contemporâneo – as formas, expressões e domínios de experiência recalçados ou preteridos e sua potência intempestiva, tais como: (a) o corpo, em sua materialidade e enquanto superfície de inscrição e energia ético-estética; (b) os afetos, enquanto força disruptora a dar ensejo a outras formas de experiência e representação das vivências; (c) o comum e o cotidiano enquanto categorias transversais da cultura, a mobilizar uma rede de significados que remetem a espaços periféricos, tanto no cenário político e sociocultural quanto nos cenários textuais e artísticos; (d) a violência, a exclusão e a cidade como figurações do presente que convulsionam os limites da representação ao instaurarem, em diversas linguagens artísticas; (e) a lógica do testemunho, do biográfico e do documental, em flagrante desafio à compreensão estabilizada do que seria próprio do domínio ficcional. Ao acolher as perspectivas dos estudos de literatura e de outras linguagens artísticas, bem como dos estudos de produções, práticas e políticas da cultura, incorporando as dimensões de materialidade, de performatividade e de insurgência, próprias das estratégias criativas da atualidade, este Simpósio ambiciona empreender não apenas uma discussão estética e política que possibilite a acolhida analítica das forças e das formas artísticas e culturais do presente, mas – e principalmente – acentuar uma potência inovadora e transformadora que possa afetar práticas investigativas, formativas e educacionais na sociedade brasileira contemporânea.

#### REFERÊNCIAS

AGAMBEM, Giorgio. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Chapecó: Editora Argos, 2009.

HALL, Stuart. Da diáspora. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

SAID, Edward. Cultura e imperialismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

## 21 - ESCRITAS DE SI NA CONTEMPORANEIDADE: PACTOS E DESDOBRAMENTOS

Coordenação: Carolina Duarte Damasceno (UFU); Júlio de Souza Valle Neto (UNIFESP); Ricardo Gaiotto de Moraes (PUC – Campinas)

Resumo: As escritas pessoais, pautadas pela memória e pela (re)construção de imagens do passado e de si, sempre apresentaram uma tendência a desembocarem na invenção, a despeito das promessas de sinceridade e fidelidade à experiência vivida. John Eakin (1985), ao tecer um breve panorama sobre as mudanças ocorridas nesses relatos, pontua

que, para Poe e Rousseau, ser fiel remetia à coragem de contar tudo, mesmo os episódios pouco louváveis da vida. Ou, como lembra Luiz Costa Lima, a Rousseau ainda não ocorre “que a vontade de destruir todas as máscaras pode alimentar outra máscara” (LIMA, 1986, p. 295). Não estava em jogo o problema epistemológico da verdade nem a possibilidade de atingi-la através da rememoração. No século XX, porém, despontou a consciência de que o relato do passado é moldado pela memória e pela imaginação. Assim, embora sempre tenha havido fronteiras entre as escritas de si e o universo ficcional, elas somente foram problematizadas pelos escritores a partir deste momento.

Na contemporaneidade, tornaram-se ainda mais inglórias as tentativas de “transformar o matagal da literatura do eu em jardim à francesa” (LEJEUNE, 2014, p. 21). Com a crítica à noção de sujeito, convenção de mais em mais problematizada, uma pergunta essencial para os gêneros pessoais – quem é o “eu” que escreve – ganha novas dimensões. Se em 1973, ano da escrita de “O pacto autobiográfico”, Lejeune observava que, em geral, os autobiógrafos estavam muito afastados do herói de *O inominável*, de Beckett, que se pergunta quem nele diz “eu”, no cenário atual essa distância certamente diminuiu. Novas formas de entender e expressar aquilo que se entende por identidade vêm à tona.

O termo autoficção foi lançado pela primeira vez por Serge Doubrovsky em *Fils*, livro de 1977. De acordo com Jacques Leacarme, a autoficção consistiria em um dispositivo muito simples: “uma narrativa cujo autor, narrador e protagonista compartilham da mesma identidade nominal e cuja denominação genérica indicia que se trata de um romance” (LECARNE, 2014, p. 68). A novidade deste dispositivo instauraria um novo pacto ambíguo diante do leitor, uma vez que, agora, se a coincidência entre narrador/protagonista/nome do autor levaria a uma confiança no caráter fatural da narrativa, a caracterização do texto como ficção levaria a uma suspensão dessa mesma confiança.

De todo modo, destaca-se, no campo literário atual, o que Diana Kingler (2012) chamará de um “retorno do autor”. Para além do campo literário, também nas artes visuais é possível verificar esse movimento, traduzido pelo imperativo “faz de sua vida uma obra de arte” (BOURRIAUD, 2011, p. 18). De fato, a figura do autor, alvo de questionamentos e críticas a partir do final da década de 50 volta à cena, assumindo novos papéis na cultura midiática, alimentando, ao que parece, novos “pactos” de leitura e consumo.

Assim, as escritas de si, consideradas de maneira ampla (da autoficção, aos diários, correspondências, ensaios, livros de artistas etc), dado seu caráter performático – uma vez que os sujeitos parecem se constituir e ser constituídos por elas –, provocam questionamentos estéticos e éticos que vão da afirmação de identidades ao “cultivo narcisista do eu” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 218).

Este Simpósio propõe-se a estimular o amplo debate sobre as escritas de si, abrangendo trabalhos que as abordem, dentre outras possibilidades, enquanto forma de expressão marcadamente literária; enquanto matéria multidisciplinar (em seus veios filosóficos, educacionais, psicanalíticos, historiográficos, etnográficos etc.); enquanto documento (de estudo historiográfico, antropológico, literário); em suas implicações para a constituição do cânone; em suas consequências para noções-chave da crítica (como o conceito de autor), bem como para variadas correntes da teoria literária; como ponto de indagação privilegiado na compreensão de diferentes obras em língua portuguesa e estrangeira – enfim, como forma de reabrir a discussão em seus múltiplos pactos e desdobramentos.

**REFERÊNCIAS**

- BORRIAUD, N. Formas de vida: a arte moderna e a invenção de si. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- EAKIN, Paul John. Fictions in autobiography: studies in the Art of Self-Invention. Princeton: Princeton University Press, 1985.
- LIMA, L. C. Júbilos e Misérias do Pequeno Eu. In: Sociedade e Discurso Ficcional. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. pp. 243-307.
- LECARNE, J. Autoficção: um mau gênero? In: NORONHA, J. M. G. Ensaio sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- LEJEUNE, P. Autoficção & CIA. In: NORONHA, J. M. G. Ensaio sobre a autoficção. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- KLINGER, D. Escritas de si, escritas do outro: o retorno do autor e a virada etnográfica. 3ª. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, L. Mutações da literatura no século XXI. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

**22 - ESCRITAS PERFORMÁTICAS - NARRATIVA, FICÇÃO E DISSENSO**

Coordenação: Adriana Sucena Maciel (PUC-Rio); Frederico Coelho (PUC-Rio); Lia Duarte Mota (UFJF)

Resumo: Este simpósio pretende pensar a narrativa nas diferentes linguagens artísticas, tendo em vista as transformações que ocorreram em suas dimensões sociais, políticas e intelectuais desde o final do século XIX. No campo da ficção, que não se opõe ao real, mas que age em dissenso, as narrativas constituem uma forma particular de pensamento e de produção de conhecimento.

Há um adensamento intelectual na literatura no final do século XIX. Machado de Assis, Dostoiévski, James Joyce, Samuel Beckett, Virginia Wolff, Marcel Proust, Jorge Luis Borges e muitos outros, além de provocarem uma reinvenção na escrita, passaram a colocar a questão da existência, do pensamento reflexivo e da condição do sujeito moderno em primeiro plano. O narrador se torna um dispositivo-chave para tais processos críticos de escritas ficcionais. Vale lembrar que tal quadro se deu a partir de um diálogo com autores como Freud e Nietzsche – diálogos esses de mão dupla, já que ambos viam na ficção uma usina de força para seus temas e questões. Além disso, áreas como a psicanálise e a filosofia propuseram formas narrativas desafiadoras para os seus campos de saber e demais áreas da escrita.

Ao permitir novas maneiras de pensar a ficção, as noções oriundas da arte da performance também contribuem para a discussão. A performance, na escrita, pode ser pensada como aquela que rompe com a estrutura clássica, que escava a linguagem, que se apropria de diferentes fontes, mídias e suportes. Narrativa que não distingue da produção de pensamento e de sensibilidade, pois ambas acontecem juntas no corpo.

A escrita performática é um ato, não apenas do corpo que risca o papel, mas do corpo que risca superfícies e que se deixa inscrever. Como escrita, ela é arquivo da cultura e ao performatizar a narrativa é, ao mesmo tempo, repertório. Organiza, em sua própria feitura, uma invenção singular na linguagem e age no tempo e no espaço de sua recepção. Essa escrita não ocorre apenas na literatura. Ela está a acontecer em diferentes tipos de textos – dança, artes visuais, filosofia, música, cinema etc. As narrativas são práticas de composição de realidades. A escrita performática é narrativa que se desdobra por diferentes meios e tecnologias. Se a escrita tradicionalmente organiza pensamentos



e ideias de forma linear e sequencial, a escrita performática possibilita a expressão simultânea de ideias. Ela não é apenas um estatuto do literário, a literatura é uma das suas possibilidades entre as várias formas narrativas.

Nas artes visuais, a partir do final do século XIX, altera-se a ideia de representação, a bidimensionalidade é reafirmada e a pintura deixa de ser vista apenas como uma janela que dá a ver o mundo, apresentando uma realidade pictórica e não ilusória. As vanguardas estéticas do início do século XX evidenciam os processos e procedimentos artísticos e põem em questão a excelência técnica como medida de qualidade. A partir de então, os processos são, muitas vezes, apresentados, eles mesmos, como obra, em outras, são dados a serem levados em conta na percepção do(s) sentido(s) propostos pela obra, o que altera a forma como percebemos a arte de nosso tempo e também a dos séculos que nos antecede.

É importante explorar tanto artistas que se tornaram críticos ou ensaístas quanto a escrita que se mostra parte da “obra”, casos como os de Tunga e Lygia Clark. Entendendo que a noção de obra foi modificada durante esse período, poderíamos dizer que escritas como as dos artistas citados constituem um mesmo ato artístico, abarcando a sua produção visual, espacial e textual.

O intuito é pensar textos artísticos como produtores de um corpus teórico. Ou seja, ir além dos questionamentos estanques sobre o que é arte e o que é literatura – não se trata de transdisciplinaridades –, e superar uma linha de corte entre esses campos, ou pelo menos, torná-la porosa. Buscamos ainda investigar como tais procedimentos operam e mostram-se capazes de uma produção de conhecimento, como ocorre na filosofia e ciência. Desta maneira, pretendemos rever a ideia de que arte é algo meramente ilustrativo de uma ideia, mas pode gerar, ela mesma, uma ideia.

Gostaríamos, portanto, de contar com pesquisadores e artistas para participar deste simpósio: Escritas performáticas - narrativa, ficção e dissenso, recorte feito no campo da discussão entre a escrita e pensamento, para que, juntos, possamos ampliá-lo e adensá-lo nas discussões acadêmicas.

#### REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita: seguido de novos ensaios críticos*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CARREIRA, A. L. A. N., VILLAR-QUEIROZ, F., GRAMMONT, G. de et al.(Org.). *Mediações Performáticas Latino Americanas*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras/UFMG, 2003.

CHIARA, Ana, SANTOS, Marcelo, VASCONCELLOS, Eliane (orgs). *Corpos diversos: imagens do corpo nas artes, na literatura e no arquivo*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2015.

CLARK, Lygia. “Caminhando”. In: *Livro Obra, 1964*. Retirado de [http://www.lygiaclark.org.br/arquivo\\_detPT.asp?idarquivo=17](http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17) em 26 de agosto de 2017.

CLARK, Lygia. “Do Ato”. In: *Livro Obra, 1965*. Retirado de [http://www.lygiaclark.org.br/arquivo\\_detPT.asp?idarquivo=17](http://www.lygiaclark.org.br/arquivo_detPT.asp?idarquivo=17) em 26 de agosto de 2017.

DELEUZE, Gilles. *Kafka – por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol.1. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

- DELEUZE, Gilles. *O que é a filosofia?*. Trad. de Bento Prado Jr., Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Editora 34, 2000.
- DERRIDA, Jacques. *Escritura e diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, Jacques. *Essa estranha instituição chamada literatura: uma entrevista com Jacques Derrida*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.
- DERRIDA, Jacques. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DEWEY, John. *Arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DIDI-HUBERMAN, G. *A imagem sobrevivente - História da arte e tempo dos fantasmas segunda Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- DIDI-HUBERMAN, G. *A sobrevivência dos vaga-lumes*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011.
- GUATTARI, Félix. *Lignes de fuite-pour un autre monde de possibles*. Paris: Ed. L'aube, 2011.
- GIL, José. "Sem título": *Escritos sobre arte e sobre artistas*. Lisboa: Relógio d'água, 2005.
- GIL, José. "Abrir o corpo". In: *Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde*. São Paulo: Ed. Pinacoteca, 2005, p. 63-66.
- GOLDBERG, RoseLee. *Performance Art. From futurism to the present*. London: Themes and Hudson, 2014.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Corpo e Forma*. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 1998.
- HUBERMAN, Georges Didi. *O que vemos, o que nos olha*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Ed. 34, 1998.
- RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível – estética e política*. São Paulo: Ed. 34, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da escrita*. São Paulo: Ed. 34, 1995.
- SERRES, Michel. *Variações sobre o corpo*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2004.
- NANCY, Jean-Luc. *Corpus*. Paris: Métailié, 2000.
- NANCY, Jean-Luc. *El Intruso*. Trad. Margarita Martínez. Buenos Aires: Amorrortu, 2007.
- ROLNIK, S. "Uma terapêutica para tempos desprovidos de poesia". In: *Lygia Clark – da obra ao acontecimento: Somos o molde*. São Paulo: Ed. Pinacoteca, 2005 pp. 13-27.
- VIDAL, Eduardo. "Uma letra que não se lê." In: *A prática da Letra*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana, 2000, p.25-30.

### **23 - ESCRITORES BRASILEIROS NO EXTERIOR, ESCRITORES ESTRANGEIROS NO BRASIL: EXPERIÊNCIAS, TEXTOS E CONTEXTOS**

Coordenação: Márcia Valéria Martinez de Aguiar (Unifesp); Maria Cláudia Rodrigues Alves (Unesp); Valter Cesar Pinheiro (UFS)

Resumo: Quando se trata de refletir sobre a publicação e a recepção da obra de um autor em terras estrangeiras, muitos são os elementos que entram em consideração. Que razões levam à escolha, para edição, de um autor estrangeiro em determinado país ou época? Qual o papel de agentes literários, passadores, editores, tradutores, discursos políticos e sociais e projetos editoriais nessa escolha? Em outras palavras, como a singularidade de certo texto será atualizada em dado horizonte histórico, geográfico e literário? Essa problemática abrange estudos sobre a presença de autores estrangeiros no Brasil e, inversamente, investigações sobre a presença de autores brasileiros no exterior.

Inúmeras são as pesquisas que examinam a absorção da obra de autores estrangeiros por escritores brasileiros ou o modo como certo escritor foi acolhido no Brasil, refletindo sobre a maneira como foi traduzido e/ou aclimatado em solo brasileiro em determinado período de nossa história, posto que, como constatava Antonio Candido em 1946, “estudar literatura brasileira é, em boa parte, estudar literatura comparada”. Não faltam, igualmente, ensaios sobre a edição de autores brasileiros no exterior em que são examinadas as diversas variáveis que vieram a definir sua presença nesses países. Assim, um dos autores brasileiros mais lidos no exterior, Jorge Amado, foi traduzido pela primeira vez nos Estados Unidos na década de 1940 no quadro da política de boa vizinhança idealizada pelo presidente Roosevelt; ao passo que, na França, sua edição se realizou no universo que correspondia ao seu militância comunista de então. Guimarães Rosa, publicado na Itália, França, Alemanha e Estados Unidos ao longo dos anos 1960, é diferentemente acolhido nesses países: como explicar a defasagem, na França, entre a crítica positiva de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas* e o fraco nível de venda desses livros, enquanto na Alemanha o romance do escritor mineiro esgota rapidamente três edições? Joaquim Nabuco, Ribeiro Couto e Sérgio Milliet, por sua vez, têm algumas de suas obras publicadas exclusivamente no exterior, o primeiro em razão do contexto político, o segundo e o terceiro pelo fato de terem vivido parte de suas vidas fora do solo nacional. Podemos observar que esse fenômeno acontece também em sentido inverso: assim, o recentemente publicado *Diálogo entre filhos de Xangô* (correspondência entre Pierre Verger e Roger Bastide, com notas e prefácio de Françoise Morin e tradução de Regina Salgado Campos) foi editado exclusivamente no Brasil em 2017. Outras configurações poderiam ainda ser lembradas, como o caso de Georges Bernanos que, exilado no Brasil, escreve aqui, em sua língua natal, obras que seriam inicialmente publicadas por seu editor no Rio de Janeiro, Charles Ofaire, da Atlântica Editora.

A publicação de um texto singular no exterior exige assim que o pesquisador examine as diferentes circunstâncias de sua edição: em que língua foi inicialmente escrito? No caso de ter sido traduzido, de que perspectiva foi realizada a tradução? Como foi escolhido o tradutor e quem era ele? Que paratextos verbais ou icônicos acompanharam esse escrito? Como foi ele visto no sistema literário ou político que o acolheu? Foi lido com base nos mesmos parâmetros em dois locais e momentos diferentes? Foi percebido em sua singularidade ou assimilado ao conjunto das obras de mesma nacionalidade? Causou impacto ou deixou indiferentes seus leitores? Apenas o estudo da publicação de cada autor e obra em certo local e época pode responder de forma precisa a essas questões e, mesmo, formular as questões a serem debatidas.

Nosso simpósio contempla diversas línguas e culturas e acolherá investigações que abordem, sob alguns desses aspectos, as experiências e o complexo processo de publicação e recepção de um escritor em um país estrangeiro, refletindo sobre as mediações que se estabelecem entre o texto original e/ou traduzido e os vários atores que participam de sua publicação, leitura e divulgação em seu país de origem e no estrangeiro.

#### REFERENCIAS :

JAUSS, H. R. *Pour une esthétique de la réception*. Traduction de Claude Maillard. Paris : Gallimard, 2007.

MILTON, J. *Tradução. Teoria e prática*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SAPIRO, G. HEILBRON, J. Por uma sociologia da tradução: balanços e perspectivas. Tradução: Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. In: Graphos. João Pessoa, Vol 11, N. 2, Dez./2009, p. 13-29. Disponível em:

<http://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/viewFile/4354/3284>. Acesso em 31 jan. 2018.

NITRINI, S. *Literatura comparada*. São Paulo: Edusp, 2000.

ROMÃO, S. RIAUDEL, M. (org.) QUINTINO, F. (col.). *Livros, literatura e história: passagens Brasil-França*. Florianópolis: Escritório do Livro, 2017.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Cotia: Ateliê Editorial: 2009.

## 24 - ESTUDOS PROUSTIANOS

Coordenação: Luciana Persice Nogueira (UERJ); Alexandre Bebiano de Almeida (USP); Carla Cavalcanti e Silva (UNESP)

Resumo: Escritor paradigmático e cronista de seu tempo, Marcel Proust (1871-1922) legou uma obra enciclopédica e polifônica, que se espraia pelos mais diversos gêneros: ensaios de caráter teórico, artigos de crítica (literária entre outras), poemas, rascunhos de projetos ficcionais abandonados inacabados (publicados postumamente), duas traduções comentadas (cujas notas de rodapé e paratextos complementam os artigos de caráter crítico e/ou teórico), um romance de sete tomos escritos numa prosa que reúne elementos desses gêneros precedentes (sendo que os últimos tomos também foram publicados postumamente, e sem sua revisão definitiva do autor – o que acrescenta um caráter polêmico às próprias edições), e uma vastíssima correspondência que não só liga o escritor a outros membros do meio artístico e intelectual da época (expondo os bastidores de sua produção escritural) como informa, ao menos em parte, sobre sua própria visão da obra em andamento, enquanto crítico e comentador de si mesmo. Polêmico, manteve-se no centro das turbulências artísticas e literárias que caracterizaram a *Belle Epoque*, fundando ou contribuindo para revistas especializadas, tomando partido em questões de monta (Caso Dreyfus, por exemplo), e desenvolvendo um estilo inortodoxo que o coloca no limiar entre várias tendências literárias que marcaram o século XIX e o início do século XX. Funâmbulo entre séculos e mundos, Proust torna-se um clássico, no sentido atribuído por Antoine Compagnon (1989): não “uma obra estável, mas uma obra fora de esquadro, cujas discrepâncias e falhas não param de suscitar a leitura”; o clássico não “transcende o tempo”, é “desconcertante em todo presente, inclusive o seu” próprio. E não foram poucos os críticos contemporâneos, nem os das gerações seguintes. Porém, contrariando Sartre, que em 1939 anunciava que estávamos “livres de Proust e ‘da vida interior’”, e Nathalie Sarraute, que dez anos depois colocava Proust entre os escritores de uma “psicologia” e “uma época passadas”, os incontáveis centros e núcleos de estudo e de pesquisa, revistas e boletins dedicados à obra proustiana (obra entendida em todas as manifestações da produção escrita do autor) vem colocando luz e foco sobre os seus sempre atuais e surpreendentes aspectos: os *avant-textes*, os intertextos, os temas (não esquecendo que a própria crítica temática se origina no seu método “contra Sainte-Beuve”), as relações com as outras artes (pintura, música, fotografia, cinema...) e outros saberes (filosofia, arquitetura, psicologia...). Homem sintonizado com tudo que estava no “ar do tempo”, Proust contribuiu para o seu debate, lançando um olhar singular sobre muitas questões em voga: o tempo, o espaço, a memória, a arte, a leitura, o papel do escritor, a importância das literaturas estrangeiras, a preservação do patrimônio... Homem paradoxal, conseguia ser, concomitantemente,

cosmopolita e recluso, cingiu-se de forros de cortiça e unguentos, insônias e achaques, e, ao escrever, deitado e enfronhado em cobertas, cadernos e papéis esparsos (de onde as temíveis *paperolles*), “mantém em círculo, ao seu redor, o fio das horas, a ordem dos anos e dos mundos”, assim como leitores atentos aos mais diversos indícios impregnados nas linhas de geografias sonhadas, amores e sabores perdidos, e toda sorte de histórias que incorporou à matéria de sua obra. Os estudos proustianos abarcam o sem-fim da escrita e da escritura proustianas, ocupam-se do estilo da frase, do uso da língua, da construção do texto, da estética, do universo imagético, do “eu” ambíguo e inovador...; atentam também para outras ambiguidades (romance e ensaio, prosa e poesia, erudição e inspiração, memória voluntária e involuntária, autobiografia e autoficção, tradição e inovação, retrospectiva e descortinamento de admiráveis rumos novos à literatura e à crítica). Estudos que – por que não? – analisam a própria fortuna crítica dedicada a Proust, desbravando caminhos, lados e vieses que, trilhados com dedicação e esmero, provam-se comunicantes. O Simpósio de Estudos Proustiano prevê incluir todos os aspectos imagináveis dessa busca enciclopédica, colocar em debate seus meandros, e divulgar seu caleidoscópio discursivo.

## 25 - ESTUDOS RETÓRICOS E POÉTICOS

Coordenação: Maria do Socorro Fernandes de Carvalho (UNIFESP); Marcus De Martini (UFSM); Marcelo Lachat (UNIFESP)

Resumo: Os estudos retóricos e poéticos vêm recebendo uma atenção renovada nos últimos anos, na academia, seja na esteira de trabalhos que procuraram resgatar a importância da disciplina de Retórica, como os de George A. Kennedy (*Classical Rhetoric and Its Christian and Secular Traditions*) e Brian Vickers (*In Defense of Rhetoric*), seja, principalmente, na relação dessa com a crítica literária, na tentativa de resgatar uma relação íntima com as poéticas anteriores à Modernidade. Se a crítica humanista e estilística de meados do século XX já vinha alertando para a importância de uma reconstrução histórica das formas de escritura, como se via já em Erich Auerbach, em seu clássico *Mimesis*, ou ainda no monumental *Literatura Europeia e Idade Média Latina*, de Ernest Robert Curtius, seria necessário ainda um pouco mais de tempo para que, no Brasil, houvesse um redirecionamento dos estudos literários nesse sentido. Sinais do interesse global que tem azeitado a produção da pesquisa científica nesses domínios ocorrem com a maturidade manifesta dos altos estudos acerca da obra de escritores emblemáticos das letras brasileiras, como o padre Antonio Vieira e o poeta Gregório de Matos. Assim, trabalhos como os de João Adolfo Hansen (*A Sátira e o Engenho*) e Alcir Pécora (*Teatro do Sacramento*) são fundamentais para os estudos poéticos e retóricos no Brasil. Notório ainda é o desenvolvimento da pesquisa sobre a obra teológica de Vieira na condição de réu do Tribunal do Santo Ofício realizada pela profa. Adma Muhana, grandeza na qual se inclui a edição dos “Autos do processo” de acusação a que o padre foi submetido durante décadas do século XVII pela Inquisição de Portugal e a publicação de textos proféticos do autor luso-brasileiro). Desse modo, esses trabalhos, dentre outros, foram emblemáticos quanto ao resgate dessas formas de representação, apontando para a necessidade de uma reconstrução “arqueológica”, nos dizeres de Hansen, de textos anteriores ao século XVIII, que, não raro, eram lidos pela crítica sob um viés anacrônico, ou, pior ainda, considerados de pouca ou nenhuma relevância para o leitor contemporâneo. Essa renovação tende a romper um círculo vicioso de desinteresse e desconhecimento das letras escritas antes da instauração do pensamento da modernidade nas artes, pontualmente antes de meados do século XVIII,

quando, como se sabe, todo o sistema do pensamento e do escrever foram profundamente alterados e mesmo rompidos. Observa-se neste sentido um incentivo no mundo editorial, com a publicação de numerosas obras jamais editadas, colocadas presentemente no circuito comercial de venda de livros, bem como um incentivo no domínio da pesquisa acadêmica, em alguns (poucos) nichos dos estudos clássicos e classicistas, para usar-se dois termos generalizantes, presentes na história literária. Com isso, a tendência é que os estudos das práticas retóricas e dos fazeres de poéticas reconquistem algum espaço nos currículos escolares, no debate científico, no mercado livresco, nas instituições globais de produção e disseminação dos saberes, como bibliotecas, institutos, academias e universidades, domínios de que vêm sendo predominantemente alijados por razões várias, cuja compreensão, debate e rejeição fazem parte do interesse deste Simpósio da Abralic, dentre outros mecanismos de ação reflexiva.

Assim, este Simpósio de "Estudos Retóricos e Poéticos" pretende discutir trabalhos nos campos da poética e da retórica, especialmente voltados para *corpora* das letras antigas e modernas (até o século XVIII), tendo como objetivos principais: elaborar um panorama das atividades de pesquisa realizadas no Brasil sobre preceptivas e produções retóricas e poéticas; estabelecer redes associativas de conhecimento e divulgação dessas pesquisas e de seus objetos; definir mecanismos institucionais para a troca de informações; agregar pesquisadores de temáticas afins com objetivo de divulgação de resultados de trabalhos; vitalizar a produção acadêmica brasileira nos domínios dos estudos retóricos e poéticos. Para tanto, propõem-se os seguintes eixos temáticos em que podem se inserir as propostas de comunicação:

- Retórica e poética nas letras clássicas ou antigas;
- Retórica e poética nas letras modernas;
- Manuscritura, história do livro e da cultura letrada;
- Relações entre as letras e o discurso da história;
- Retórica e poética e as disciplinas humanísticas;
- Retórica, poética e filosofia;
- Recepção de tratados de retórica e poética;
- Retóricas e poéticas medievais;
- Retórica e poética nas letras portuguesas e luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII.

Espera-se, desse modo, que os trabalhos deste Simpósio mostrem antes ruínas letradas do que construções atemporais anacronicamente idealizadas, recorrendo-se àquilo que enforma essas práticas letradas em seus próprios tempos, em especial, às *technai* retórica e poética e às matérias elaboradas tecnicamente, para que se compreendam melhor as especificidades de tempos que não são os da "modernidade literária".

## 26 - ESTUDOS SOBRE SHAKESPEARE

Coordenação: John Milton (USP); Lawrence Pereira Flores (UFESM); Régis Augustus Bars Closel (USP)

Resumo: Mesmo após quatrocentos anos da morte de Shakespeare, suas obras continuam a estimular diálogos, questionamentos e estudos ao redor do mundo. Novas mídias e formas de transmissão de conteúdo colaboram para que outros espaços ao

redor do mundo sejam alcançados e sua relevância sempre colocada à prova. Ao contrário de um falso senso comum, muito do que se produz atualmente sobre a obra e os tempos de Shakespeare e de seus contemporâneos é composto de ricos materiais que proporcionam novas rotas críticas para se pensar obras praticamente inesgotáveis. É natural que Shakespeare e suas mais de quarenta obras acabem por ser um imã natural para diversas teorias literárias tanto pela relevância quanto pela diversidade do conjunto dramático. Séries como “Shakespeare and Theory”, organizada por Evelyn Gajowski e publicada recentemente pela *Arden Shakespeare*, e a série abrangente “Shakespeare Oxford Topics”, publicada pela *Oxford University Press*, atestam a flexibilidade de se refletir, questionar e se aproximar do texto shakespeariano. Ambas as séries refletem sobre o que tem sido feito em cada área de concentração especializada e fornecem análises que aplicam o aparato teórico discutido e explicado ao longo do livro.

Este simpósio pretende reunir pesquisas de campos em desenvolvimento dentro ou relacionado à crítica literária/teatral/fílmica sobre Shakespeare, tais como linhas, ainda emergentes, de teoria e crítica literária e menos favorecidas nos estudos sobre Shakespeare e seus contemporâneos — por exemplo, *ecocriticism*, *ecofeminism*, *geocriticism*, *new economic criticism*, *attribution studies*, *post-humanist theory e spatial studies* —, com as linhas de pesquisa já mais estabelecidas — tais como *adaptation studies*, *movies theory*, *gender studies*, *textual studies*, *queer studies*, *psychoanalytic theory*, *economic criticism*, *marxism criticism*, *(post-)colonial studies*, *cultural materialism e new historicism* — promovendo o debate e a reflexão sobre os múltiplos olhares acerca de um objeto comum.

Convidamos propostas sobre Shakespeare, em qualquer linhagem teórica, para debatermos juntos, ao longo deste simpósio, questões como: Como o crítico (re)constrói o(s) sentido(s) a partir do aparato teórico?; Qual via deve ser utilizada ou evitada em sala de aula?; A existência de diversas teorias auxilia ou dispersa?; A divergência de conclusões é fruto da análise ou da natureza “shakespeareana” do texto?; Uma abordagem específica necessariamente anula/contradiz outra? Cabe ao crítico literário se especializar em uma abordagem ou não?; Quais cruzamentos entre linhas críticas devem ou não ser feitos?; Como deve ser interpretada a variedade de teorias lançadas para uma mesma obra, como um objeto inesgotável, saturado ou uma via segura para se pensar a produção da crítica literária?; Por que algumas teorias são desenvolvidas em língua portuguesa enquanto outras não?. Portanto, a partir de uma malha crítica diversificada, este simpósio procura, por meio da diversidade de abordagens, estimular o diálogo entre diversas formas e percursos de se pensar os estudos sobre Shakespeare desenvolvidos tanto no Brasil como no exterior.

#### REFERÊNCIAS:

- BROWN, Carolyn. *Shakespeare and Psychoanalytic Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2015.
- EGAN, Gabriel. *Shakespeare and Ecocritical Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2015.
- EGAN, Gabriel. *Shakespeare and Marx*. Oxford: Oxford University Press, 2004.
- HARBER, Karen. *Shakespeare and Post-Humanist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2018 [no prelo].
- HAWKES, David. *Shakespeare and New Economic Criticism*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2015.
- LAROSHE, Rebeca et MUNROE, Jennifer. *Shakespeare and Ecofeminist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.

- MARLOW, Christopher. *Shakespeare and Cultural Materialist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.
- MARTIN, Randall. *Shakespeare & Ecology*. Oxford Shakespeare Topics. Oxford: Oxford University Press, 2015.
- MENON, Madlavi (Ed.). *Shakespeareer: A companion to the Complete Works of Shakespeare*. London: Duke University, 2011.
- NOVY, Marianne. *Shakespeare and Feminist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.
- PARVINI, Neema. *Shakespeare and New Historicist Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2017.
- RACKIN, Phyllis. *Shakespeare & Women*. Oxford Shakespeare Topics. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SINGH, Jyotsna. *Shakespeare and Post-Colonial Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, 2018 [no prelo].
- TAYLOR, Michael. *Shakespeare Criticism in the Twentieth Century*. Oxford Shakespeare Topics. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- SANCHEZ, Melissa. *Shakespeare and Queer Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, [no prelo].
- HOLLIFIELD, Scott. *Shakespeare and Film Theory*. Shakespeare and Theory. Arden Shakespeare. London: Bloomsbury, [no prelo].

## 27 - EXPERIÊNCIA ESTÉTICA NA LITERATURA E NA CRÍTICA IBERO-AMERICANAS

Coordenação: Joana Luiza Muylaert Araujo (UFU); Karla Fernandes Cipreste (UFU); Thiago Cesar Viana Lopes Saltarelli (UFMG)

Resumo: Este simpósio foi pensado a partir de inquietações comuns aos três proponentes e tem como um dos objetivos encontrar pesquisadores que compartilhem desse sentimento. Trata-se da observação de que desbordam pesquisas literárias mais estimuladas por questões sociológicas e mingam propostas fundamentadas em questões de imaginário e de estética. Recuperando uma obra muito interessante, citamos alguns fragmentos de *Curso de literatura europea*, de Vladimir Nabokov: “Así que, ¿cuál es el auténtico instrumento que el lector debe emplear? La imaginación impersonal y la fruición artística. Tiene que establecerse, creo, un equilibrio armonioso y artístico entre la mente de los lectores y la del autor.” (NABOKOV, 2016, p.24). Em um artigo publicado no jornal espanhol *El País*, o escritor peruano Ivan Thays comenta o prólogo desse livro de Nabokov, o qual discorre sobre o bom e o mau leitor: “Y los que buscan en las novelas aspectos socio-económicos, esos lectores antropológicos carentes de imaginación e incapaces de reconocer la autonomía de la ficción, están irremediavelmente perdidos para Nabokov”. Essa conclusão está bem fundamentada no próprio texto do escritor russo quando ele discorre sobre o surgimento da literatura: “La literatura no nació el día en que un chico llegó corriendo del valle neanderthal gritando el lobo, el lobo, con un enorme lobo gris pisándole los talones; la literatura nació el día en que un chico llegó gritando el lobo, el lobo, sin que le persiguiera ningún lobo.” (NABOKOV, 2016, p.18).

Procurando aprofundar-se nessa discussão sobre o caráter do literário, tanto na perspectiva da crítica quanto da teoria e da criação, este simpósio está interessado em propostas de leituras de obras ibero-americanas que tenham como substrato teórico três eixos, a saber: imaginário, erotismo, experiência estética. O propósito é reunir e fazer



circular pesquisas cujas questões estejam mais vinculadas à especificidade da literatura como espaço do ficcional e menos sujeitas ao viés culturalista e identitário. O interesse pela literatura feita no espaço geográfico delimitado se justifica pela possibilidade de se formar um diálogo profícuo entre países cujas culturas foram entrelaçadas pela história. Algumas discussões teóricas dos campos da filosofia e da teoria literária inspiram esta proposta. Em primeiro lugar, a questão do imaginário como proposição para uma antropologia da literatura, inspirada em Wolfgang Iser (1999), quem analisa a literatura como um jogo no qual o indivíduo pratica o autodesdobramento de si, via imaginário, para entrar no mundo do “como se”, o qual revela a vida como um repertório de possibilidades. Em segundo lugar, interessam-nos pesquisas cuja proposta de leitura esteja inspirada no erotismo como experiência de jogo com a morte para reafirmação das energias vitais. Essa concepção se encontra nas análises de Georges Bataille (arte, riso, sacrifício e experiência do sagrado) em suas obras *O erotismo* e *A parte maldita*, e nas reflexões de Octavio Paz sobre a cultura mexicana, presentes na obra *El laberinto de la soledad*. Para Bataille, as experiências eróticas do *excesso* – erotismo, poesia, riso e êxtase – não estão contempladas pela razão ocidental porque eludem a explicação conceitual e porque se aproximam da morte na medida em que suspendem a noção de tempo instituído e de espaço construído. Bataille denomina esse acontecimento como excesso porque irrompe como uma violência de um ser racional que sucumbe a uma força interior, a qual não se deixa aprisionar pela razão. Para isso, é necessário ter coragem para negar a realidade como uma simples limitação do possível. Em terceiro lugar, pensamos na questão da experiência estética na literatura como uma instância capaz de estimular uma vida autodeterminada e inspirada na estética da existência, ou seja, em um estilo de vida ético e estético insubmisso a qualquer questão ideológica. Nesse sentido, tendo em conta a experiência de Mario Vargas Llosa narrada por ele mesmo na obra *La llamada de la tribu*, interessam-nos pesquisas cuja concepção de literatura, leitor e escritor se distancie do imperativo do engajamento e da revolução, proposto por intelectuais como Sartre e dominante na crítica latino-americana, e se aproxime de propostas que prestigiem a construção de uma vida bela pela fruição nos sentidos e na convivência visceral com o outro, aposta de intelectuais como Albert Camus, Luc Ferry, André Comte-Sponville, Jacques Rancière e os já citados Octavio Paz e Mario Vargas Llosa, entre outros.

#### REFERÊNCIAS:

- BATAILLE, Georges. *El Erotismo*. Buenos Aires: Tusquets Editores, 2009.
- BATAILLE, Georges. *La Parte Maldita*. Barcelona: ICARIA, 1987.
- NABOKOV, Vladimir. *Curso de literatura europea*. Barcelona: Ediciones B, 2016.
- PAZ, Octavio. *El laberinto de la soledad*. México: Fondo de Cultura Económica, 2015.
- ROCHA, João Cezar de Castro, ed. *Teoria da Ficção*. Rio de Janeiro: Editora UERJ, 1999.
- Vargas LLOSA, Mario. *La llamada de la tribu*. Barcelona: Alfaguara, 2018.

#### 28 - FANTÁSTICOS, PARAFANTÁSTICOS, METAFANTÁSTICOS, PSEUDOFANTÁSTICOS, FANTASISMOS

Coordenação: Marisa Martins Gama-Khalil (UFU/ CNPq); Flavio García (UERJ/ FAPERJ); Maira Pandolfi (UNESP – Assis)

Resumo: Mesmo depois de uma infinidade de teóricos e críticos, tanto na Europa, quanto nas Américas, virem, há muito, se dedicando a refletir sobre o fantástico, ainda é sumamente impossível delimitar, com rigor, a ficção recoberta pelo termo-conceito. Nem mesmo o recurso à diversidade de artistas que, produzindo em diferentes *media*, exercitaram-se, no passado, e exercitam-se, ainda hoje, como críticos, problematizando essa vertente ficcional, torna mais amena a sempre movediça tentativa de definir, com alguma precisão, o que seja, efetivamente, o fantástico.

Tzvetan Todorov, em seu famoso estudo *Introdução à literatura fantástica*, reuniu as ideias de teóricos, críticos e literatos que, antes dele, debruçaram-se sobre o fantástico, com o fito de, a partir dessas reflexões, esquadrihar uma definição para essa literatura. Por intermédio de uma posição marcadamente estruturalista, esse teórico búlgaro ofereceu ao público da época um estudo que ainda hoje é seguido por alguns estudiosos e que considera a literatura fantástica por meio de uma perspectiva genológica. Nessa direção todoroviana, o gênero fantástico, que se define pela hesitação, tem por vizinhos o gênero maravilhoso, no qual a hesitação inexistente, e o gênero estranho, em que a hesitação, instaurada no início da narrativa, é desfeita por alguma evidência que tenha como base a razão.

Insatisfeitos com o modelo todoroviano, que esquadriha limites entre os gêneros a partir de diferenças, e percebendo que algumas narrativas não se encaixam rigorosamente nos referidos limites, alguns teóricos buscaram novos mirantes teóricos para a definição do fantástico. Dentre essas alternativas teóricas, podemos citar duas principais: a percepção do fantástico como modo e como categoria. Acompanhando os argumentos indicados especialmente por Rosemary Jackson, o pesquisador português Filipe Furtado, no verbete “Fantástico: modo”, que escreve para o *E-dicionário de Termos Literários* de Carlos Ceia, denuncia o quanto a perspectiva genológica deixa à parte uma série de narrativas que poderiam ser consideradas e lidas como fantásticas. Nesse linha de entendimento, Furtado admite que o conceito de sobrenatural não seria englobante a ponto de conjugar diferenças e similitudes e por isso defende que o modo fantástico seria caracterizado por uma fenomenologia metaempírica. Furtado compreende que o metaempírico englobaria acontecimentos da ordem do sobrenatural, mas outros ainda que, assustadores ou não, são insólitos, inexplicáveis quando da produção do texto, seja por incapacidade de percepção, seja por falta de conhecimento de suas leis, seja, enfim, por não possuírem existência efetiva em nossa realidade prosaica.

A definição do fantástico pelo mirante de categoria foi de certa forma motivada pelo fato de o fantástico extrapolar o domínio do literário e encontrar-se em outras artes. Aqui abrimos um parêntese para lembrar que as visões genológica e modal - especialmente essa última -, ainda que não tenham se enveredado pela leitura de outras artes, privilegiando o enfoque sobre a literatura, permitem sua aplicação em artes diversas, como, por exemplo, o cinema ou a hoje tão difundida *graphic novel*. A pesquisadora portuguesa Maria João Simões, com base nos estudos de Roger Bozetto, Arnaud Huftier Étienne Souriau e Robert Blanché, esclarece que a categoria se define por intermédio de um *ethos* específico e estabelecido ilustrativamente através de um diagrama em rosácea. O fantástico seria uma das células/partes de uma rosácea, que seria composta por tantas outras unidades, como o grotesco, o gótico, o sublime, o cômico, o trágico etc.. E, nessa perspectiva de compreensão, o fantástico seria um predicado estético que pode ser encontrado no gênero trágico, por exemplo.

Todas essas variadas experiências de compreensão do fantástico foram e continuam sendo realizadas em função de haver um imenso conjunto de produções artísticas que

fazem emergir elementos e/ou acontecimentos da ordem do inexplicável e que parecem esquivarem-se a toda tentativa de definição. Há, contudo, no vasto e heterogêneo conjunto de produções ficcionais fantásticas, parafantásticas, metafantásticas, pseudofantásticas ou fantasistas em geral, seja em língua portuguesa, espanhola, francesa, inglesa, seja em galego, italiano, alemão etc., um traço distintivo que daria, a essa vertente ficcional, certa unidade. Esse traço corresponde à impressão do caráter insólito na composição de qualquer de suas categorias narrativas, isoladas ou solidariamente entre si, afastando o texto do universo comprometidamente realista. Essa impressão se produziria a partir do recurso a diferentes estratégias de construção narrativa – ranhuras, fissuras, fraturas e rupturas, resultantes da instauração de incoerências ou incongruências face aos referentes extratextuais, geralmente demarcados pela verossimilhança realista – que põem em xeque as expectativas da lógica racional e aristotélica.

Tem-se, nesses casos, a manifestação do que se pode chamar de insólito ficcional, reunindo uma ampla diversidade de gêneros, modos, categorias do discurso que foge da *mimesis* realista. Assim, percorrendo por essas manifestações artísticas, espera-se que as apresentações e discussões acolhidas neste simpósio problematizem e reflitam sobre essas questões, tomando como *corpus* ficções diversas, caracterizadas como fantásticas, maravilhosas, estranhas, góticas, ficções científicas, distopias, ucronias, fantasistas ou outras tantas várias modalidades de expressão do insólito ou metaempírico.

## 29 - FICÇÃO CIENTÍFICA E LITERATURA FANTÁSTICA: INTERFACES E MÚLTIPLOS OLHARES

Coordenação: Naiara Sales Araújo Santos ( UFMA); Gonzalo Ignacio Portals Zubiarte (Universidad Científica del Sur – Ucsur)

Resumo: Os gêneros de ficção especulativa e fantástica ocupam um nicho relativamente pequeno do mercado literário brasileiro. Durante décadas, a ficção científica brasileira sofreu com a ideia de que um país de Terceiro Mundo não poderia autenticamente produzir tal gênero; o mesmo se pode dizer da literatura fantástica mais associada a escritores estrangeiros tais como C. S. Lewis, J. R. R. Tolkien e Edgar Allan Poe. Embora sejam considerados gêneros populares, ainda são poucas as discussões e produções acadêmicas que focam nesses dois universos literários, ainda que alguns dos seus praticantes sejam figuras literárias bem estabelecidas, como Lígia Fagundes Telles, Dinah Silveira de Queiroz, o poeta André Carneiro e maranhenses como Coelho Neto e Aluísio Azevedo, dentre outros. Não é de surpreender que a maior parte dos primeiros estudos dedicados a esses gêneros, no Brasil, enfoquem obras estrangeiras. O primeiro estudo brasileiro de ficção científica publicado em português, *Introdução ao Estudo da Science Fiction* (1967), de André Carneiro, ecoa o argumento de C.P. Snow de que a distância crescente entre as humanidades e as ciências tem favorecido a rejeição da ciência pela maioria dos autores. Carneiro cita principalmente obras de ficção científica anglo-americanas para ilustrar seus argumentos, concluindo com uma breve seção sobre trabalhos brasileiros. O primeiro estudo de ficção científica brasileira figura em *Introdução a uma História de Ficção científica* (1987), de Léo Godoy Otero, que tenta enumerar e analisar trabalhos que poderiam ser classificados como ficção científica brasileira, vindo desde a virada do século até meados da década de 1980. Segundo Otero (1987, p.185), nenhuma obra no estrito conceito de ficção científica foi escrita em épocas anteriores aos anos 30, como se deu na Europa através de Wells e Júlio Verne. Entretanto, recorrendo-se ao passado, consegue-se antolhar precursores, sob o mesmo

processo elástico empregado para se identificar convergências eventuais da pré-história da ficção científica com a moderna. Nesse sentido liberal, então, também no Brasil poderão alguns autores ser catalogados: Aluísio de Azevedo com seu conto “*Demônio*”, Monteiro Lobato com sua sátira mordaz “*O Presidente Negro*” e Érico Veríssimo com *Viagem à Aurora do Mundo*, dentre outros. Este simpósio tem como objetivo levantar discussões acerca das figurações dos gêneros Ficção Científica e Literatura Fantástica no Brasil e no mundo. Dentre análises comparativas e discussões, atenção especial será dada às variações destes gêneros no Maranhão por entendermos que tais gêneros ainda são pouco explorados neste Estado. As discussões aqui propostas visitarão as mais variadas temáticas do campo da Linguagem, Discurso, Gênero, Identidade e Memória, dentre outros. Com o intuito de analisarmos diferentes modalidades de discurso, daremos espaço tanto ao discurso Literário quanto ao discurso cinematográfico e seus múltiplos elementos de construção de sentido. Aqui, será enfatizado, dentre outros aspectos, o diálogo entre a Literatura Brasileira e a Euroamericana no tocante às temáticas do Fantástico e sua interface com a Ficção Científica. Atenção especial será dada às figurações ficcionais da literatura, sobretudo no que se refere ao impacto da tecnologia nas relações humanas, terreno ainda pouco explorado no universo da crítica literária, especialmente quando se trata da Literatura Fantástica e de Ficção Científica. Dentre os autores explorados neste simpósio estão: Aluísio Azevedo, André Carneiro, Coelho Neto, José Saramago, Plínio Cabral, Philip K. Dick, Poe, Humberto de Campos e outros que possam enriquecer as discussões aqui propostas. Também abordaremos discussões contemporâneas que versam sobre o homem pós-moderno e sua relação com o meio tecnologicamente desenvolvido, bem como aspectos político-sociais que influenciam nas transformações de elementos relacionados à identidade nacional e memória de um povo. Como suporte teórico traremos à baila as ideias de Tzvetan Todorov, H.P. Lovecraft, Irlemar Chiampi, Felipe Furtado, Adam Robert, Paul Alkon, Darko Suvin, Homi Bhabha, Stuart Hall, Maurice Halbwachs, Michel Pollak, Nestor Canclini, entre outros. Nossa análise comparativa e crítica lançará mão de discussões já existentes em âmbito nacional e internacional no tocante ao conceito de Ficção Científica e Literatura Fantástica e outros gêneros relacionados a estes. Assim, exploraremos também os estudos feitos no âmbito desta temática por uma equipe de pesquisadores nacionais, dentre eles Flavio Garcia, Maria Cristina Batalha, José Paulo Paes e Naiara Araújo, dentre outros.

### **30 - FICÇÃO CONTEMPORÂNEA E O JOGO DO TEXTO: DESLEITURAS**

Coordenação: Juliana Cristina Salvadori (UNEB); José Carlos Felix (UNEB); Ana Maria César Pompeu (UFC)

Resumo: Compreendemos a leitura como atuação crítica e criativa - afinal, ler, é eleger e pôr em circulação certas narrativas, estruturas, autores, línguas e, também, produtos. Essa concepção da leitura como reescrita crítica e criativa, intrinsecamente interlocutória, é o que fundamenta este projeto e o grupo de pesquisa Desleituras em série, que “pretende, como o título implica, repensar o ato da leitura a partir de outras perspectivas, encarando-a como prática transgressora e desviante: desler o texto é também mediá-lo para outros públicos, e, nessa perspectiva, os outros textos /textos outros - como as adaptações e as traduções (textos outros/dos outros, por excelência) sejam estas multimodais, intersemióticas, interlinguísticas - desempenham papel/tarefa fundamental: desleem os textos a partir de outras linguagens, culturas, línguas.” O

conceito de desleitura é desenhado por Bloom em sua obra *Angústia da influência* (1991) e posteriormente expandido em *Um mapa da desleitura* (1995) e a compreendemos como estratégia de resistência cultural, antídoto contra a angústia da influência, interpretada em uma chave pós-colonial: a desleitura põe em xeque a questão de uma estética do novo, do original e nos permite repensar nossas experiências excêntricas compartilhadas – mesmo que pontualmente diferentes – e lidar com a consequente angústia de estar “atrasados” – temporal e espacialmente excêntricos. Bloom, em *A angústia da influência* (1991), reconceitualiza influência a partir de uma virada no campo da literatura comparada – como uma desleitura, desviante e criativa, e é a partir da desleitura do conceito de Bloom que propomos este simpósio: dialogar com as desleituras contemporâneas e pós-coloniais que ampliam e põe em xeque o próprio conceito de literatura ao questionar obra, autor e leitor. Do mesmo modo, Umberto Eco, em seu livro *Obra Aberta* (1968), reflete acerca desse fenômeno ao examinar, na sociedade contemporânea, desde as “estruturas que se movem até aquelas em que nós nos movemos”, e cuja consequência mais sintomática é uma pleora de “formas que apelam à mobilidade das perspectivas”. A partir disso, pode-se entender que a revolução tecnológica transformou profundamente o modo pelo qual os sujeitos se inscrevem no mundo. Enquanto a modernidade erigiu as bases de uma tradição literária estreitamente pautada no domínio da escrita, afastando-se assim de uma tradição de narrativa oral de séculos, a sociedade e a cultura contemporânea são marcadas por uma tônica que confere à literatura contemporânea uma gama de possibilidades, particularmente mediada pelo ambiente hipermidiático. Destarte, a produção literária, em constante diálogo com o cinema, a música, os quadrinhos e a internet, engendra um campo interdisciplinar que, ao ganhar legitimidade na atualidade, opera como um poderoso meio aberto a todas as formas e sujeitos outrora não inseridos em uma tradição literária canônica. Nessa perspectiva, o espaço do texto, ou melhor, da textualidade – sempre a se fazer no gesto – é o espaço da devoração e da emergência da diferença, do Outro – texto, leitor, língua, identidade, cultura. Nesta proposta de trabalho, enfocaremos as traduções e adaptações da ficção moderna e contemporânea. O objetivo geral é o de compreender o impacto da reescrita e consequente formação de um cânone doméstico, brasileiro, de certos autores e gêneros, nas práticas de leitura e consumo do público brasileiro contemporâneo, compreendendo seu impacto no horizonte de expectativas de uma geração de leitores e autores que opera com gêneros textuais que se estruturam em uma lógica de rede e interconexão diversa - hipermodal - e tem na adaptação, compreendida como uma das dimensões da tradução, sua operação hermenêutica de base. Neste simpósio acolhemos propostas que se propõe refletir como as textualidades contemporâneas encampadas pela etiqueta de ficção (produzidas, circuladas e recebidas a partir de outros suportes/materialidades, particularmente mediados pelas novas tecnologias, línguas, gêneros) têm posto em xeque o sistema literário e seus elementos (autor, leitor e obra). O objetivo é compreender as práticas de leitura/escrita que estas textualidades fomentam – e nestas pensamos particularmente naqueles atos de (des)leitura e (des)escrita que a contemporaneidade permite e mesmo fomenta – ressignificando o lugar da ficção na contemporaneidade. Neste sentido, a leitura e a escrita são pensadas como desleitura na acepção de Bloom (1991; 1995), apropriação desviante do texto do outro – texto escrevível, a ser lido sempre na perspectiva de uma abordagem comparada, ou seja, em diálogo com outros textos. Esta proposta parte dos conceitos de desleitura e desescrita, cunhados por Bloom (1991; 1995), de textualidade (DERRIDA, 2008) e de textos escrevíveis (BARTHES, 1987; 2004), isto é, a partir de uma nova concepção de texto/textualidade.

## REFERÊNCIAS:

- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Tradução de Mário Laranjeira. Prefácio de Leyla Perrone-Moisés. [São Paulo: Brasiliense, 1988](#).
- BARTHES, Roland. “A morte do autor”. In: *O Rumor da Língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BLOOM, Harold. *Um mapa da desleitura*. Trad. Thélma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- \_\_\_\_\_. *A angústia da influência*. Trad. Arthur Nestrovski. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura comparada*. 4.ed. rev. e ampliada. São Paulo: Ática, 2006 (Princípios; 58)
- DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 4. ed. rev. e atual. São Paulo: Perspectiva, 2011....
- ECO, U. “Entrando no bosque”. In: *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- ECO, U. “Bosques possíveis”. In: *Seis passeios pelo bosque da ficção*. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.
- ECO, Humberto. *Obra Aberta*. São Paulo, Editora Perspectiva, 1968.

## 31 - GENDER STUDIES: A CIRCULAÇÃO, AS TRAMAS E OS SENTIDOS DOS CORPOS NO TEXTO LITERÁRIO

Coordenação: Cláudia Maria Ceneviva Nigro (UNESP); Flávio Adriano Nantes (UFMS)

Resumo: Pensar que os sentidos empreendidos na cultura para um determinado comportamento estão perpassados pela heteronormalização e heteronormatização implica afirmar que ainda há corpos que não podem circular democraticamente em todos os espaços, sejam eles público ou privado. Esses corpos (aqui tomados como dissidentes) que não se enquadram àquele conjunto de normas, a hétero, são alocados às margens sociais, invisibilizados, silenciados, ou seja, há uma política corpórea empreendida por diversos setores que visa à inexistência de um grupo de pessoas, mais especificamente o LGBTQIA+ e acrescentamos, também, o corpo da mulher não trans. Jacques Derrida (1995), no ensaio “Paixões” afirmou que a literatura tem o direito de dizer tudo; estamos de acordo com a proposição do filósofo franco-argelino, e acrescentamos: o texto literário pode dizer inclusive a verdade – uma verdade acerca de determinados corpos que, por razões de uma ditadura compulsoriamente heteronormativa no interior de diversas sociedades ao redor do mundo, sofrem assédios, injúrias e às vezes a eliminação letal do corpo. A literatura, nesse sentido, a partir de um projeto est(ético) empreende ao leitor/espectador novos saberes sobre mulheres e a população LGBTQIA+, desterritorializando esses sujeitos da invisibilidade, do anonimato, da inexistência. Esses novos saberes ofertados pela literatura pode dar a conhecer o outro, o diferente, o corpo que não aceitou a imposição social heteronormativa e subverteu a linearidade sexo-gênero-orientação; esse conhecimento sobre o outro gera, ademais, o sentimento outridade. A literatura, embora não tenha nenhuma responsabilidade com a ética, a moral, a religião, os engendramentos do Estado-nação, etc., em muitos caos, se arvora a falar desses sujeitos tratados aqui: o que fazem, como é sua vida, quais são seus desejos, o que esperam da sociedade. O discurso

literário, assemelhando-se à função de algumas instituições que visam à proteção das minorias sexuais, coloca esses corpos em evidência, em visibilidade, em debate. Judith Butler (2016) nos faz saber: “Minha perspectiva é de que a vida é certamente mais vivível quando nós não estamos confinadas, enquanto pessoas, a categorias que não funcionam para nós. A tarefa do feminismo, a tarefa da teoria e do ativismo *queer*, a tarefa da teoria e do ativismo trans, é seguramente a de fazer com que respirar seja mais fácil, com que andar pelas ruas seja mais fácil, com que encontrar uma vida vivível seja mais fácil, obter reconhecimento, quando necessitamos tê-lo, uma vida que possamos afirmar com prazer e alegria, mesmo em meio a dificuldades”. A literatura, voltando a Derrida, detém um sem-número de conteúdos à disposição do leitor, e em conluio com alguns organismos do governo ou não, com outras áreas do saber, pode disseminar conhecimentos acerca de vidas dissidentes que estão em condições precárias, sob ameaças, injúrias, assédios. Há sujeitos que vivem na iminência da eliminação letal de seu corpo, estão desprotegidos, não podem vivenciar de maneira aberta o sexo, o gênero, a sexualidade e quando o fazem passam por uma série de sanções, isto é, pagam um preço alto por ser quem são. O discurso literário, de acordo com nosso pensamento, provoca uma espécie de denúncia, evoca esses sujeitos da dissidência a falar, dizer sua história, chorar suas dores, exigir direitos sexuais, igualdade de gênero, se mover de forma democrática nos espaços público e privado. Existe um discurso falacioso de que mulheres e a população LGBTQIA+, ao solicitarem ações e políticas protetivas, estão mais no campo da vitimização que da violência. Há quem diga – sujeitos, máquina governamental, instituições religiosas, etc., etc. – que essa violência já não existe mais, foi extirpada. Sabemos que esse discurso é mentiroso, perigoso e tendencioso, pois se assim não fosse, o Brasil não seria o país que mais mata pessoas trans no mundo e nem estaria em 1º lugar do *ranking* internacional em assassinatos de militantes que lidam com diferentes minorias corpóreas. Convocamos para esse Simpósio pesquisadores que tratem de pensar como esses corpos são apresentados, construídos, postos em movimentação por intermédio da literatura e como o discurso literário pode colocá-los em evidência, eliminando a invisibilidade, a inexistência, a marginalização, e indicando caminhos para que essas vidas deixem de ser dissidentes e passem a ser vivíveis, respiráveis.

## REFERÊNCIAS

- ADICHE, Chimamanda. *Sejamos todos feministas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BUTLER, Judith. “Corpos que ainda importam”. In: COLLING, Leandro. *Dissidências sexuais e de gênero*. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 19-42
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- DERRIDA, Jacques. *Paixões*. Campinas/ SP: Papyrus, 1995.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

## 32 - IDENTIDADE, CULTURA E ETNIA: IMAGENS DA(S) AMAZÔNIA(S) NA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Mirella Miranda de Brito Silva (UFRR); Adriana Helena de Oliveira Albano (UFRR); Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

Resumo: A Amazônia sempre suscitou as mais variadas imagens e significados no imaginário nacional, sobretudo ao longo do último século, período em que os discursos midiático e científico se debruçaram mais sistematicamente sobre a região. Espaço cuja conceituação parece sempre obnubilarse, assim como o céu da floresta, via de regra encoberto pelas densas nuvens que sacodem os aviões que a sobrevoam, a Amazônia é um termo cercado de equívocos e inexatidões, mesmo do ponto de vista físico-geográfico. Geralmente enunciada como sinônimo da Região Norte do Brasil, como assevera o senso comum, a Amazônia brasileira abrange outras regiões, se fazendo presente em estados do Centro-oeste e Nordeste brasileiro, além dos países fronteiriços que concentram boa parte de sua área.

Entretanto, na imensa maioria dos discursos acerca deste espaço, do oficial ao publicitário, percebe-se a representação de duas imagens da Amazônia que, apesar de antagônicas, permanecem inalteradas: de um lado, uma Amazônia risonha, que acena com a possibilidade do achamento do *El dorado* de riquezas infindáveis (uma visada que justificou os diversos *boons* migratórios do último século em direção às Amazônias); de outro, a imagem terrificante do “inferno verde”, da selva que destrói corpos e ânimos de quem tenta dela tirar seu sustento. A primeira perspectiva, nascida dos relatos dos viajantes, é reforçada de forma notável pela propaganda institucional dos governos militares, sobretudo a partir do programa de interiorização getulista, que reafirma “O destino brasileiro no Amazonas”, se plasmando em definitivo no imaginário nacional. A segunda imagem, frequentemente nascida da experiência do migrante, se solidifica nas obras atinentes à produção amazônica, sobretudo as que tratam especificamente da vida na Amazônia e que acabam por elaborar a expressão poética mais conhecida do que é a Amazônia e o que significa viver ali (como ocorre nos já clássicos *A Selva*, de Ferreira de Castro, e *Inferno Verde*, de Alberto Rangel). À opulência da natureza local se junta a imagem de exotismo, plasmada sobretudo na figura do “índio amazônida” (que o senso comum julga ser singular, pretérito e unívoco) e esta ideia da Amazônia como espaço/identidade por construir acaba por se tornar determinante.

Euclides da Cunha já declarara que a Amazônia esteve por muito tempo à margem da história, e só então a região se destacava nas discussões internacionais, ressaltando que os interesses nacionais e internacionais estavam muito mais voltados para as potencialidades naturais da biodiversidade da fauna e flora amazônica, do que para o homem da região e sua cultura. Nesse sentido, estamos de acordo com o que informa a professora e pesquisadora Ana Pizarro (2006), que afirma que “A Amazônia não é somente um reservatório ecológico, guardião da biodiversidade e necessário para a sobrevivência do planeta [...] a área amazônica é um reservatório cultural, berço de parte das formas de seu imaginário, esfera de uma densidade histórica em que não se pensa com frequência [...] é um centro de importância ecológica, mas, além disso, é um centro de elaboração cotidiana de cultura, de densidade histórica e de imaginários.” (PIZARRO, 2006, p. 98-99).

Para além do já enunciado *El dorado* amazônico que aponta para um porvir, é a imagem de um “lugar periférico” a que acaba por prevalecer, todo selva, primitivismo e rara *intelligentia*, cuja definição estereotipada, em termos qualitativos-quantitativos, passa pelo termo homogeneizador escolhido para sua definição e que lhe dá nome: Amazônia. Essa “mitologia”, segundo Pizarro (2009), “entorpeció el reconocimiento de su compleja unidad en el plano simbólico”. Pizarro ainda afirma que, a despeito da enorme



evolução nos estudos acerca da cultura latino-americana como um todo, os estudos acerca da Amazônia ainda são insuficientes, tornando-a, nas palavras da autora, “um espacio cultural que prácticamente no ha sido considerado en los estudios de la cultura latinoamericana. Se trata del relativo a la Amazonía” (Pizarro, 2009, p. 01)

Evidentemente, a literatura também funciona como discurso construtor/problematizador dessas imagens formadas acerca do que é a Amazônia (ou Amazônias) e de suas relações com o resto do continente, como sugere Pizarro. No que se refere ao contexto local, as formas literárias produzidas nas “grunhas do Roraima lá”, tanto em termos de prosa, quanto de poesia/música: também são reiteradoras ou construtoras desta e de outras imagens da Amazônia, seja colando-se às imagens paradisíacas plasmadas no discurso dos viajantes, seja problematizando esta mesma perspectiva, na busca da construção de outra(s) identidade(s) que contemplem a multiplicidade deste espaço.

É, pois, diante desse complexo cenário histórico – assim como teórico e crítico – que propomos, para este Simpósio, pensar a literatura produzida na(s) e sobre a(s) Amazônia(s), com ênfase especial às propostas que focalizem as confluências entre a produção literária da região e sua inserção no cânone nacional. Serão acolhidos trabalhos na seara da teoria da literatura, estudos culturais, história da literatura, literatura e cinema, ensino de literatura no contexto da Amazônia e áreas/temas afins.

### **33 - LEITURAS E RELEITURAS DO LITERÁRIO: ABORDAGENS DIALÓGICAS**

Coordenação: Marcel Alvaro de Amorim (IFRJ/UFRJ); Kátia Carvalho da Silva (UEMASUL); Adriana Gonçalves da Silva (UNIVESP)

Resumo: O simpósio aqui proposto tem por objetivo agrupar trabalhos que tenham como foco a investigação de formas e modos da leitura de textos literários como um processo social que se realiza nos mais diferentes contextos. Com efeito, consideramos a obra literária – e a obra artística, de forma geral – como parte de um texto infinito no sentido barthesiano (2010) do termo; isto é, como um produto fluido, em constante movimento, que se constrói em sentido em diferentes momentos sócio-históricos, nas mais diversas redes intertextuais e interdiscursivas. Sendo assim, o texto literário encontra-se sempre aberto a novas leituras e releituras, que, por consequência, o constituem enquanto objeto estético e de fruição. Nesse contexto, a proposta aqui delineada prioriza questões como os modos e formas da leitura literária, bem como a investigação do como, do onde e de quais são os participantes envolvidos nos mais diferentes eventos de (re-)construção discursiva do texto literário. Assim, os contextos da leitura literária tal como aqui entendida podem ser institucionais ou informais, na esfera da produção editorial, industrial e/ou didática e escolar, desde que se considere o ato de leitura ou releitura do objeto artístico a partir de bases teóricas de cunho dialógico (BAKHTIN, 2010 e 2016; VOLOSHINOV, 2017), abarcando a interação entre os participantes do evento de leitura – leitor, texto, autor, contexto etc. – e entre os diferentes discursos e momentos sócio-históricos como essenciais no processo de (re-)construção dos sentidos do texto. Considerando esses apontamentos, é intenção deste simpósio agrupar apresentações que tratem de temas como a prática de leitura e releitura de textos literários e o processo de construção de novos sentidos sobre esses textos em contextos escolares e/ou não escolares (ZILBERMAN, 2013; AMORIM, 2013; SILVA, 2017), as leituras e releituras do literário que possibilitam a construção de novos textos e produtos artístico-literários na contemporaneidade (SANDERS, 2006; HUTCHEON,

2006), o processo da adaptação de textos literários para mídias como o cinema, quadrinhos, TV etc. como práticas dialógico-intertextuais de leitura (STAM, 2000; AMORIM, 2013) –, dentre outros modos e práticas interdiscursivas e intertextuais de leitura e releitura do literário. Em última instância, este simpósio tem como proposta reunir experiências dos pesquisadores envolvidos com ações de leitura e releitura do texto literário, abarcando diversos contextos, gêneros, mídia e tipos, na tentativa de criação de um diálogo fértil que busque a criação de integridade sobre o modo como, por meio da leitura, o leitor/autor constrói e (re-)constrói sentidos a partir do literário, dialogicamente, em um movimento de compreensão intertextual e interdiscursiva do tecido artístico. Nosso maior objetivo é divulgar trabalhos que apresentem experiências de leitura e releitura do literário enriquecedoras, em que a literatura se mostre como ponto de partida, realidade possível, tecido em construção, bem como horizonte de constituição da alteridade.

#### REFERÊNCIAS:

- AMORIM, M. A. de. “Literatura, adaptação e ensino: uma proposta de leitura”. In: GERHARDT, A. F.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: Pontes, 2013a, pp. 231-262.
- AMORIM, M. A. Da tradução intersemiótica à teoria da adaptação intercultural: estado da arte e perspectivas futuras. *Itinerários: revista de literatura*. Araraquara, n. 36, p.15-33, jan./jun. 2013
- VOLOSHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- BAKHTIN, M. *Os gêneros do discurso*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- BAKHTIN, M. *Por uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BARTHES, R. *O prazer do texto*. Tradução de J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- HUTCHEON, L. *A theory of adaptation*. London; New York: Routledge, 2006.
- SANDERS, J. *Adaptation and appropriation*. London; New York: Routledge, 2006.
- SILVA, T. “O ensino de literatura em tempos de homens partidos: a dramatização como possibilidade de rejunte”. In: AMORIM, M. A. (Org.). *Ensino de literaturas*. Campinas: Pontes, 2017, p. 97-122.
- STAM, R. “Beyond fidelity: the dialogics of adaptation”. In: NAREMORE, J. (Org.). *Film adaptation*. New Jersey: Tutgers University, 2000, pp. 54-76.
- ZILBERMAN, R. “Porque a leitura da literatura na escola”. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A. de.; CARVALHO, A. M. *Linguística aplicada e ensino: língua e literatura*. Campinas: Pontes, 2013, p. 209-230.

#### **34 - LETRAMENTO LITERÁRIO, ENSINO DE LITERATURA E FORMAÇÃO DO LEITOR NO PROFLETRAS**

Coordenação: Márcio Araújo de Melo (UFT); Áustria Rodrigues Brito (UNIFESSPA); Dra. Maria da Conceição de Jesus Ranke (SEE-TO)

Resumo: Ao completar seis anos, o Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional (ProfLetras) pode fazer um balanço dos primeiros resultados de sua ação no âmbito da formação de docentes que atuam educação básica. Criado por uma

demanda da CAPES e de caráter emergencial, mobiliza dezenas de universidades públicas e centenas de professoras da Área Linguística/Literatura. Isso não é pouco pelo volume de sujeitos implicados, muito menos pelas pretensões quanto ao alcance pretendido pelos efeitos desse enorme trabalho. Assume para si a urgência de produção de saberes novos que envolvem, sobretudo, a reflexão sobre a prática, o saber fazer docente, considerando as complexidades que ultrapassam a mera aplicação de uma abordagem teórica e apressadas transposições didáticas. Embora tenha presença ainda tímida do ponto de vista da proporção que ocupa no currículo frente às demais disciplinas, a literatura encontra aí seu lugar, o que implicou que se mobilizassem pesquisadores de todo o país para pensar o ensino de literatura, a formação do leitor literário, o letramento literário (COSSON, 2007; 2013; 2014), a leitura subjetiva (ROUXEL, 2012; 2013), a formação do gosto e a experiência estética (FIORIN, 1999); a leitura sob a perspectiva da escrita criativa (FREITAS, 2016), o letramento literário indígena e negro (SOUZA, 2015), a literatura oral no processo de identificação cultural, a literatura na relação com as mídias digitais, enfim, temáticas que até bem pouco tempo não gozavam de prestígio na pesquisa acadêmica mais canônica na área de literatura. Mobilizamos aqui o conceito de letramentos adotado por Street (2007), por consideramos práticas sob perspectiva não universal e, nessa direção, importa pensar os diferentes espaços em que os sujeitos vão construindo suas identidades e ideologias. Simultaneamente, pensamos que, como efeito da consolidação de abordagens teóricas advindas da linguística, muitas vezes vemos apresentadas propostas didáticas que favorecem a redução do tratamento do texto literário sob a perspectiva do gênero (SILVA, 2017). Nesse caso, o texto pode servir apenas como modelo de uma estrutura que deve ser incorporada para os fins mais pragmáticos da produção textual e um soneto de Camões pode ser traduzido como apenas um soneto exemplar com a finalidade única de apreensão elementar de um gênero literário (SILVA e MELO, 2015), seguindo os previsíveis modelos de abordagem do texto a partir de esquemas representados por sequências didáticas. Diante desse quadro, este simpósio objetiva reunir pesquisas oriundas do ProfLetras e que reflitam as contribuições para a leitura literária na educação básica sob um viés crítico. Que caminhos estão sendo construídos pelos docentes/pesquisadores? Como essa formação tem impactado na escola pública? Considerando o momento especial do Programa, a chamada de trabalhos para este simpósio prevê ainda contribuições para um projeto que se encontra em fase de reformulação. Buscamos, assim, a escuta da pluralidade e da heterogeneidade de proposições diante do desafio que se impõe ao tratamento do texto literário na escola.

#### REFERÊNCIAS:

- COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2007.
- \_\_\_\_\_. A formação do professor de literatura: uma reflexão interessada. In: PINHEIRO, A. S.; RAMOS, F. B. (Orgs). *Literatura e formação continuada de professores: desafios da prática educativa*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2013. p. 11-26.
- \_\_\_\_\_. *Círculos de leitura e letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2014. 189p.
- FIORIN, J. L. Objeto artístico e experiência estética. In: LANDOWSKI, Eric; DORRA, Raúl; OLIVEIRA, Ana Cláudia (Orgs.). *Semiótica, estesis, estética*. São Paulo/Puebla: EDUC/UAP, 1999, p. 101 – 118.
- FREITAS, M. R. S. *Contribuições do digital para a formação do leitor literário: interações na leitura de “A Hora da Estrela”*. 2016. 158 f. Dissertação (Mestrado).

Programa de Mestrado Profissional em Letras em Rede Nacional, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína.

ROUXEL, A. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? *Cadernos de Pesquisa*, v.42, n.145, p.272-283, jan./abr. 2012.

\_\_\_\_\_. Autobiografia de leitor e identidade literária. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Orgs.). *Leitura subjetiva e ensino de literatura*. São Paulo: Alameda, 2013, p. 67 – 87.

SILVA, L. H. O.; MELO, M. A. O que pode o leitor? *EntreLetras (Online)*, v. 6, p. 120-132, 2015.

SILVA, L. H. O. Não vejo o mundo com seus olhos: inquietações sobre a leitura e a literatura na perspectiva da semiótica didática. In: BRITO, A. R.; SILVA, L. H. O.; SOARES, E. P. M. (Orgs.). *Divulgando conhecimentos de linguagem: pesquisas em língua e literatura no ensino fundamental*. Rio Branco: NEPAN, 2017, p. 195-211.

SOUZA, L. F. *Literatura negra e indígena no letramento literário: um estudo sobre a identidade leitora de alunos do ensino fundamental II*. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS, Uberlândia.

STREET, Brian. *Letramentos sociais: abordagens críticas do letramentos no desenvolvimento, na etnografia e na educação*. São Paulo: Parábola, 2014.

### 35 - LITERATURA CARIBENHA ESCRITA POR MULHERES

Coordenação: Juliana Pimenta Attie (UNIFAP); Viviane Ramos de Freitas (UFRB)

Resumo: Pensar na cultura caribenha é pensar em nações que durante anos tiveram – e a ainda têm – sua cultura e linguagem violentamente substituídas pelas do colonizador. Nessa dinâmica de apropriação e imposição, comum à maioria das nações colonizadas, permeia a literatura a busca pela identidade e os percalços para sua expressão. Primeiramente, deve-se levar em conta a influência de países dos continentes europeu e africano no processo de formação da identidade dos caribenhos, tendo em vista o processo colonizatório e escravocrata. Em segundo lugar, é preciso considerar também a questão da diáspora. Conforme Hall (1999, p.1), “[...] a migração tem sido um tema constante na história do Caribe” e, nessa conjuntura, as identidades tornam-se múltiplas. Sobre essa multiplicidade de identidades, é relevante pensar que, nos estudos pós-coloniais caribenhos, encontramos, basicamente duas correntes que abordam a questão da identidade. A primeira, representada principalmente pelo pensamento de Frantz Fanon e Aimé Césaire, entende que a cultura caribenha deve buscar uma essência, uma identidade unificadora e fortalecedora dos povos caribenhos. Já a outra vertente procura ressaltar a heterogeneidade dos povos de origem caribenha e entender a identidade como um elemento processual. A esse pensamento ligam-se teóricos marxistas modernos. Guardadas as diferenças entre as duas perspectivas, em ambas observamos o desejo pela reconstrução do passado histórico e por dar voz aos sujeitos silenciados pelo colonizador, ou, nas palavras de Spivak (2014), os subalternos. Para a teórica indiana, são subalternos os sujeitos excluídos do mercado, da representação política e legal, e impossibilitados de participarem plenamente do extrato social dominante. Em *Twentieth Century Caribbean Literature*, Alison Donnel (2006, p. 5) aprofunda a discussão e identifica quatro momentos críticos através dos quais os paradigmas da crítica literária caribenha foram estabelecidos em torno de um conjunto de questões: 1) anticolonialismo, nacionalismo; 2) migração e diáspora; 3) a centralidade da etnia afro-

caribenha; 4) a concepção das mulheres como duplamente colonizadas. Donnel aponta o início da década de 1990 como o momento em que começaram a surgir estudos críticos sobre narrativas de mulheres caribenhas, pela primeira vez consideradas como um conjunto distinto. Esses primeiros estudos feministas sobre o trabalho de escritoras caribenhas foram orientados pelas demandas de uma crítica voltada para a diáspora negra. Já em relação ao quarto momento crítico, Donnel introduz a noção de colonização dupla (“*double colonisation*”), que para ela consiste numa descrição simplificada da complexa posição das mulheres negras inseridas na ordem social patriarcal e colonial imposta pelo colonialismo e suas consequências (DONNEL, 2006, p. 138). Conforme apontam os autores de *The Empire Writes Back*, o termo firmou-se como uma descrição durável do status das mulheres no colonialismo (ASHCROFT, GRIFFITHS, TIFFIN; 2002, 206). Donnel pontua que o termo de fato ofereceu uma identidade ideológica para a escrita de mulheres afro-caribenhas, que permitiu a sua incorporação em estudos mais abrangentes sobre a escrita de mulheres negras, que surgiram no final da década de 1980 e início da década de 1990. No entanto, Donnel argumenta que o termo também criou um discurso crítico em torno da invisibilidade e silêncio que não tem sido útil para situar a escrita de mulheres caribenhas como parte de uma tradição ou história literária regional de longa data. Donnel propõe como substituto o termo agente duplo (“*double agent*”). Desse modo, no lugar de conceber as mulheres (escritoras) pós-coloniais como duplamente destituídas de poder, Donnel coloca em primeiro plano a ideia do quanto as escritoras caribenhas são capazes de mobilizar as questões de gênero, etnia e identidade cultural como locais de resistência e afirmação. A noção de “agente duplo” alude ao domínio da espionagem, disfarce e subterfúgio, bem como à capacidade de agência que passou sem reconhecimento. Nesse sentido, o termo potencialmente abre possibilidades para as mulheres caribenhas e suas obras literárias serem lidas como resistentes, textos rebeldes que exigem uma compreensão mais específica e diferenciada da “mulher caribenha”, tanto como posição do sujeito como sujeito posicionado (DONNEL, 2006, p. 139). Diante disso, esse simpósio é um convite para dirigir o olhar ao trabalho de escritoras caribenhas, radicadas ou não no Caribe, mas comprometidas com uma escrita situada. As interlocuções com essas escritoras permitem explorar de que forma as questões morais, políticas, religiosas, espirituais encenadas por esses textos são capazes de ampliar, contestar, deslocar, ou propor novas travessias de fronteiras raciais, sexuais e culturais.

#### REFERÊNCIAS:

- ASHCROFT, Bill Frances; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The Empire Writes back: Theory and Practice in Post-Colonial Literatures* New York: Routledge, 2002
- DONNEL, Alison. *Twentieth-Century Caribbean Literature: Critical Moments in Anglophone Literary History*. London: Routledge, 2006.
- HALL, Stuart. *Thinking the Diaspora: Home-Thoughts from Abroad*. Small Axe, Durham (North Carolina), p. 1-18, 1999.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o Subalterno Falar?* Tradução de André Pereira Feitosa e Marcos Pereira Feitosa; Sandra Regina Goulart Almeida. Belo Horizonte: UFMG, 2010

Coordenação: Roseli Gimenes (UNIP); Lígia Regina Máximo Cavalari Menna (USP/UNIP); Sandra Trabucco Valenzuela (Universidade Anhembi Morumbi)

Resumo: Este simpósio temático busca analisar as interações, convergências e conflitos entre as imbricações de literatura, cinema e psicanálise partindo do termo 'inteligência': artificial, emocional, coletiva, libidinal. Literatura e psicanálise mantêm relações bastante estreitas. A matéria básica de ambas é o elemento linguagem. Há uma fala e uma interpretação que as permeia. Há a cura, pela psicanálise, de um real sintomático que não se suporta mais pelas vias imaginárias. Como isso se dá? Por meio do simbólico. Em se falando, pode-se curar. Usando a linguagem. Assim, a literatura - pelo poeta - expressa-se no simbólico: no texto. Texto fala. Desde que Freud instaurou a psicanálise, ela vem permeando a análise de textos literários e a literatura tem dado contribuições generosas aos psicanalistas. E as relações entre cinema e psicanálise já começam pelo próprio escurinho do cinema: todas as imagens são grandes metáforas metonimizadas. Assim como no sonho: *flashes* metafóricos apontam um descondensar interminável de possibilidades de análise. Talvez o cinema possa ser a possibilidade do sonho de olhos abertos. Eis a soma das relações: literatura, cinema e psicanálise. Nessa relação, o estudo da semiótica psicanalítica que aponta, como linha de pesquisa, as manifestações do inconsciente na contemporaneidade. Seu objeto de estudo são os sintomas da cultura, como apontado de acordo com Lucia Santaella em seu artigo de 2004, *O corpo como sintoma da cultura*, que compreende os processos de produção, de circulação e de consumo de significações na vida cotidiana, segundo o estilo de recalçamento próprio da presente época histórica. Os sintomas seriam os aspectos contraditórios do capitalismo global, que podem ser lidos, escutados e interpretados com o auxílio da semiótica aplicada e da psicanálise em extensão. A onipresença das mídias afeta a subjetividade, individual e coletivamente. O ser-no-mundo atual decorre da mediatização da existência, a ser entendida como um fenômeno irreversível, onde a tecnologia permite estruturar os processos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos de grande parte da população. Assim sendo, a realidade social construída pelos meios de comunicação define um campo de investigação privilegiado, pois ali se cruzam os aspectos simbólicos e imaginários da ideologia. Dentro das produções da indústria cultural, tem especial importância um tema abrangente, porém, específico. A sexualidade e suas representações, até pouco tempo atrás censuradas no Ocidente, fazem parte hoje das paisagens urbanas, de forma aberta. Tamanha visibilidade, rapidamente integrada no dia a dia, na literatura, na propaganda, na televisão, no cinema, na internet, se apresenta como um fato consumado, a ponto de parecer banal. Mas nunca foi, nem poderia ser. Nessa indústria cultural insere-se o cinema como produção híbrida e que, desde **Metrópolis** (Fritz Lang, 1927) até o recente **Fragmentado** (M. Night Shyamalan, 2017) ou **Blade Runner 2049** (Denis Villeneuve, 2017), tem trabalhado as questões não apenas da sexualidade, mas a tecnologia hoje vista como inteligência artificial. As relações triádicas de literatura, cinema e psicanálise estão muito bem trabalhadas no primeiro **Blade Runner** (Ridley Scott, 1982). Nesse filme nos deparamos com a base literária de Philip K. Dick **Do Androids Dream of Electric Sheep?** (Grã-Bretanha: Orion Publishing, 2010). Não se trata de transposição literária para o cinema, mas de uma base - de fato - de argumento para o filme de Scott. Basta um olhar ao título da obra de Dick para a percepção de como o sonho, principal referente freudiano, perpassa a questão da inteligência humana para a percepção robótica. Como se dão esses sonhos, sim, é trabalho de análise psicanalítica. Semelhante caso é o do filme **A.I. Artificial Intelligence** (A. I. Inteligência Artificial título no Brasil e em Portugal), uma ficção científica de Steven

Spielberg lançada em 2001, a partir de um projeto de Stanley Kubrick, sobre a possibilidade da criação de máquinas com sentimentos. O roteiro criado por Spielberg foi baseado em um conto de Brian Aldiss chamado **Supertoys Last All Summer Long**. Assim, são objetivos deste simpósio temático as relações frutíferas que a literatura gera em outros códigos, em outras linguagens, proporcionando aquilo que conhecemos como literatura comparada. Neste caso, especificamente, as relações entre literatura, cinema e psicanálise entremeadas pelos sintomas da cultura contemporânea, notadamente, a da Inteligência Artificial. Autores como Yuval Noah Harari, em suas recentes obras, **Homo Deus**(2015) e **Homo Sapiens**(2016), aponta para o pensamento ético que se torna necessário neste momento. Dentro desse objetivo de relações que a literatura propõe, este simpósio marca a presença da psicanálise freudiana e lacaniana, assim como o cinema de trabalho envolvendo as questões da inteligência, notadamente a inteligência emocional, libidinal, artificial. Todas cabíveis em filmes ditos de ficção científica sem que necessariamente partam de obras literárias desse gênero.

### 37 - LITERATURA, CINEMA, TEATRO: TRAMAS E SENTIDOS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

Coordenação: Anna Paula Soares Lemos (Unigranrio); Barbara Simões Daibert (UFJF); Vanessa Cianconi (UERJ)

Resumo: O conjunto de imagens, o ritmo, o contexto, os tons, o sentido, entram em jogo quando se fala de fazer a travessia dos signos de um idioma a outro, de um código a outro, de um ponto de partida (referente) a sua transcrição. As práticas de linguagem tematizam e instituem questões identitárias. Saberes, memórias e patrimônio, críticas e limites de expressão se colocam em questão quando o movimento de tradução de linguagens entra em cena.

O tradutor Paulo Bezerra, no artigo Tradução como criação compara o movimento de traduzir com o ritmo do adágio, um ritmo gradativo e lento de entrar em contato com outros valores culturais, outra psicologia de recepção, outra literatura e outra oralidade para depois retornar a si mesmo e interpretar, recriar o ritmo da obra entendida em seu contexto referente. Como no adágio, é preciso estabelecer uma sequência de passos e de posições complexas em um ritmo lento, como que a primeira parte de um pas de deux clássico, para que o resultado final não gere entendimentos equivocados que podem ser perpetuados na história justamente por uma busca de literalidade que leva em conta apenas a palavra como referente.

Segundo Paulo Henriques Britto, a tradução – e seus limites para a utilização deste conceito – pode ser no seu caminho de travessia estrangeirizadora ou domesticadora.

A tradução domesticadora visa facilitar o trabalho do leitor, modificando tudo aquilo que lhe poderia causar estranheza, aproximando o texto do universo linguístico e cultural que já lhe é familiar. A estratégia estrangeirizadora faz o contrário: ela mantém muitas das características originais do texto – referências nada óbvias para o leitor da tradução, recursos estilísticos desconhecidos na cultura-alvo, até mesmo alguns elementos do idioma-fonte – com o intuito de aproximar o leitor do universo linguístico e cultural da obra original. (BRITTO, 2012: p. 21).

Tanto uma como outra forma de lidar com a linguagem estabelece uma operação com sentidos e não com significados, que deve afastar a ilusão da literalidade, uma literalidade impossível de ser atingida salvo pelo jogo da poesia.

Como não se traduz uma língua, mas sim uma linguagem, que é “o mundo do sentido”, nos termos de Octavio Paz, o suporte material constitui-se como um aspecto essencial à compreensão das narrativas.

O mundo do homem é o mundo do sentido. Tolerar a ambigüidade, a contradição, a loucura ou a confusão, não a carência de sentido. O próprio silêncio está povoado de signos. Assim, a disposição dos edifícios e suas proporções obedecem a uma certa intenção. Não carecem de sentido - pode-se dizer, com mais precisão, o contrário - o impulso vertical do gótico, o equilíbrio tenso do templo grego, a redondeza da estupa budista ou a vegetação exótica que cobre os muros dos santuários de Orissa. Tudo é linguagem. (PAZ, Octavio. O arco e a lira. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. P. 25).

Neste sentido, literatura, cinema e teatro mudam suas estruturas textuais - entendendo texto como tecido de linguagens - conforme os suportes e tecnologias que dialogam com suas relações de escrita, leitura e respectivas formas de recepção. Atualmente, tanto crítica quanto criação narrativas não podem prescindir da análise do suporte em que é fixado o texto, seus meios de divulgação, suas rotas de circulação e inclusive os agentes mediadores do processo de publicação e/ou difusão da obra. Desse modo, não nos ateremos apenas a análises semântico-narrativas. Abrangendo o texto literário, o roteiro e criação cinematográficos, o texto teatral, sua divulgação e sua apresentação, e tendo como foco a adaptação e roteirização para televisão ou cinema, as traduções e transcrições, o uso das tecnologias na linguagem teatral, desde sua escrita literária até seu roteiro de apresentação, este simpósio temático tem como propósito reunir estudos que coloquem no centro de sua reflexão os aspectos materiais envolvidos na relação Literatura, Cinema e Teatro com a chegada das diversas mídias contemporâneas.

### **38 - LITERATURA, CULTURA E IDENTIDADE NA/DA AMAZÔNIA: CIRCULAÇÃO, TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA**

Coordenação: Luciana Marino do Nascimento (UFRJ/UFAC); Roberto Mibielli (UFRR); Devair Antônio Fiorotti (UFRR)

Resumo: Este simpósio Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia, tem se repetido ao longo dos últimos 10 anos de Abralic, dele, muita discussão produtiva e algumas publicações resultaram, tendo sido o segundo livro editado em formato digital, a partir das discussões ocorridas tanto no evento de 2016 quanto no de 2017 (a ser lançado pela ABRALIC ainda em 2018). O primeiro, lançado pela Letra Capital há quatro anos (2014) intitulou-se *Nós da Amazônia: Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia*. De 2008 para cá, esta parceria, na perpetuação das discussões em torno das questões atinentes à Amazônia, tem perdurado e se perpetuado em quase todas as edições dos encontros nacionais e internacionais da ABRALIC.

A cada ano temos visto crescer a quantidade de trabalhos sobre a região, ao mesmo tempo em que vemos crescer também a ignorância sobre ela. Nesse sentido, entendemos que a Amazônia representa, no imaginário da grande maioria, o El Dorado que se está por descobrir. Imagina-se que haja na Amazônia Legal riquezas incomensuráveis, oriundas dos três reinos naturais. Mas a construção desta faceta do imaginário não se limita apenas aos reinos da natureza, abarca também o universo da cultura.

A diversidade de fronteiras e de culturas, dentro e fora das comunidades indígenas locais, é um dos elementos que merece destaque. É bem verdade que boa parte do conhecimento sobre esta Região ainda está por ser construído. Tanto é que muitas



peças que imaginam ser este um espaço privilegiado em termos naturais – e mesmo humanos, como as existentes entre as comunidades indígenas, de seringueiros e garimpeiros, por exemplo – não percebem que esta diversidade abrange, inclusive outras fronteiras, as das culturas urbanas. Não percebem, ou não sabem, também, que há universidades, pesquisa, tecnologias em desenvolvimento neste meio/lugar.

A imagem que prevalece, via de regra, é a de um “lugar periférico”, subdesenvolvido ao extremo (“primitivo”, para alguns), fechado em seus limites regionais, pobre, tomado pela floresta, em que há grande diversidade de culturas indígenas e pouca *intelligentzia*.

A Amazônia é muito diversa em sua conformação geográfica, climática, e nos habitats que proporciona. Esses, por seu lado, têm ampla influência na cultura das populações que neles vivem. Se de um lado predominante, mas nunca homogêneo, há matas exuberantes e abundantes, por outro lado também há o pântano, o altiplano e o lavrado (espécie de estepe, pobre de florestas e rica em vegetação rasteira). Os próprios espaços urbanos são muito diversos entre si. Manaus e Belém são centros que ilustram bem essas diferenças.

O simpósio que propomos não pretende dar conta de toda esta diversidade cultural, mas abrigá-la. Pretende contrastá-la, compará-la, tanto interna, quanto externamente, questionando as fronteiras e limites de sua regionalidade/universalidade, além de mostrar uma fatia desta construção/invenção em seus múltiplos aspectos. Ao abrigarmos trabalhos cuja temática se refere à Amazônia, pretendemos exercer a comparação tanto no que concerne aos objetos abordados em cada trabalho, na sua relação com o cânone central, quanto na relação entre seus centros, como também nas relações constituídas entre centros, margens e periferias, dentro e fora do âmbito do espaço regional amazônico, propondo sempre o necessário debate entre seus autores/pesquisadores.

Nesse sentido, o simpósio intitulado *Literatura, Cultura e Identidade na/da Amazônia* objetiva, assim como pretende-se, objetivar sempre a discussão acerca dos limites e das confluências linguísticas e culturais da/na Amazônia, nas perspectivas da Teoria da Literatura, dos Estudos Culturais e da História (e áreas afins), deslocando-se o eixo da análise da cultura, desfazendo ideias já constituídas acerca dessa região, com vistas a tornar possível o debate em torno das identidades híbridas, de uma compreensão dessas identidades frente às estruturas globais e às novas configurações do lugar do periférico, das fronteiras e das culturas, bem como, da circulação, tramas e sentidos da Literatura neste universo.

Nosso simpósio pretende (e pretenderá), principalmente, privilegiar questões relativas à literatura (sua teorização, suas possibilidades, suas categorias, o modo como se apresentam ao leitor os narradores, o que propõem como narrativa, que tipo de intervenção pedagógica é feita nas escolas a partir do objeto literário, por exemplo); privilegiar a estética de contos, fábulas e mitos da literatura latino-americana, de origem oral ou escrita. Também é nosso objeto de investigação a identificação e interpretação de certo discurso identitário, a partir do estudo comparado de textos literários diversos, enfocando questões culturais específicas, quase sempre oriundas ou emanadas, da produção literária/mitológica amazônica, de sua circulação, tramas e sentidos.

### 39 - LITERATURA E DISSONÂNCIA

Coordenação: André Dias (UFF); Rauer Ribeiro Rodrigues (UFMS); Alfredo Ricardo Silva Lopes (UFMS)

Resumo: A proposta do simpósio é examinar a manifestação da dissonância em diferentes obras literárias das mais variadas nacionalidades, com vistas a compreender o modo pelo qual alguns autores se constituíram, através dos discursos literários, como vozes questionadoras de seus tempos, sociedades e condições existenciais. O tema está associado aos artistas e intelectuais que analisaram de maneira profunda aspectos primordiais de diferentes épocas e construíram uma crítica contundente aos mais distintos valores presentes nessas realidades sociais. A ideia central é abrir espaço para o diálogo entre pesquisadores que investigam variados autores, cujas obras expressam inquietações e questionamentos, tanto na esfera social quanto na ideológica ou na existencial. O que se espera é que os trabalhos apresentados no âmbito do Simpósio Literatura e Dissonância discutam, entre outras questões, o problema teórico do intelectual frente às variadas ideologias, quer sejam elas hegemônicas ou não, e o problema histórico dos escritores diante do *status quo*, manifestado na esfera da política, da moral, dos costumes, da economia, etc.

Mikhail Bakhtin, falando sobre o grande tempo histórico e o trabalho dos escritores, chama atenção para o seguinte fato: “o próprio autor e os seus contemporâneos veem, conscientizam e avaliam antes de tudo aquilo que está mais próximo do seu dia de hoje. O autor é um prisioneiro de sua época, de sua atualidade. Os tempos posteriores o libertam dessa prisão, e os estudos literários têm a incumbência de ajudá-lo nessa libertação.” (BAKHTIN, 2003, p. 364). Sendo assim, ao abordarmos a temática Literatura e Dissonância, temos clareza de que todo autor, para o bem e para o mal, é antes de tudo um homem de seu tempo. Desse modo, aos que se ocupam da investigação literária cabe a desafiadora tarefa de, dialogicamente, atualizarem os diversos discursos literários produzidos nos mais variados tempos e espaços históricos. Agindo assim, os estudiosos da literatura contribuirão para manter a vivacidade de distintos autores e suas obras. Sobre a criação romanesca, o pensador russo adverte que “o *autor-artista pré-encontra* a personagem já dada independentemente do seu ato puramente artístico, não pode gerar de si mesmo a personagem – esta não seria convincente” (BAKHTIN, 2003, 183-184). Em outras palavras, nenhuma personagem é fruto do gênio criador de um autor adâmico, pois a matéria de memória da literatura está no mundo social, local de onde os escritores extraem os motivos para criar. De maneira análoga, a palavra do outro é fundamental para a tomada de consciência de si e do mundo, segundo aponta ainda Bakhtin: “como o corpo se forma inicialmente no seio (corpo) materno, assim a consciência do homem desperta envolvida pela consciência do outro” (BAKHTIN, 2003, p. 374). Dessa forma, as premissas bakhtinianas apresentadas aqui fundamentam o desenvolvimento das nossas reflexões e ajudam a ampliar os sentidos das análises.

O fórum, observada a perspectiva da dissonância no campo dos estudos literários e do comparativismo, acata propostas que vão desde o enfoque do ensino da literatura, passando pela questão do trabalho crítico, até chegar à discussão teórica das experiências literárias e da diversidade de textualidades contemporâneas. Seja no espaço das territorialidades, cujos limites se esvaem diante da instantaneidade das comunicações globais, seja no âmbito do regional esvaziado no mesmo diapasão — em que os conceitos de literatura e de literariedade vigentes nos séculos XIX e XX perdem sentido com as realizações e as propostas estéticas dos autores do século XXI —, procura-se o dissonante na antiga ordem hierarquizada, no recente e finado mundo bipolar ou no universo multilateral que se instaura. Há que se considerar, ainda, estudos comparativos entre autores que, mesmo distantes no tempo e no espaço, fixam a seu modo o questionamento de valores hegemônicos e não hegemônicos. Tais autores,

independente se no âmbito da prosa ou no da poesia, acabam por constituir uma aproximação literária mediada pelo estado de permanente inquietação.

Do ponto de vista da historiografia literária, qualquer que seja o modo analítico proposto, os problemas se sucedem, pois os últimos anos têm sido de deslocamentos incessantes dos postulados teóricos. Tais deslocamentos transformaram em cada vez mais inglórios os embates com o mundo concreto, considerando a acelerada mutabilidade das circunstâncias sociais, políticas, históricas e das representações simbólicas, no âmbito das artes em geral e da literatura em particular. Assim sendo, no estudo da circulação, das tramas e sentidos construídos pela literatura cabe, inclusive, questionar as significações do conceito de literariedade. Tal questionamento pode incorporar novas e dissonantes acepções ao termo, tanto na perspectiva dos cânones consagrados, quanto dos cânones emergentes.

Levantar questionamentos, de preferência contundentes, e, eventualmente, produzir alguma conclusão, ainda que provisória, é o que se espera alcançar com o presente Grupo de Trabalho, cuja sequência de participações na Abralic, sempre com intensa adesão dos colegas, indica a importância e a pertinência do debate proposto.

#### REFERÊNCIAS:

- BAKHTIN, Mikhail. *Teoria do romance I: a estilística*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2015.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia das Letras, 2002.
- DIAS, André. *Lima Barreto e Dostoiévski: vozes dissonantes*. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2012.
- SARTRE, Jean-Paul. *Que é literatura?* Trad. Carlos Felipe Moisés. São Paulo: Ática, 1989.
- TEZZA, Cristovão. *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- TEZZA, Cristovão. *O espírito da prosa: uma autobiografia literária*. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- VARGAS LLOSA, Mário. *A verdade das mentiras*. Trad. Cordelia Magalhães São Paulo: ARX, 2004.

#### **40 - LITERATURA E DRAMATURGIA: ENTRE O PALCO E A ACADEMIA**

Coordenação: Suzi Frankl Sperber (UNICAMP); Sandra Luna (UFPB)

Resumo: Retomamos a proposta de estudar dramaturgia, continuando a examinar tanto o texto dramático autoral quanto a cena. A acolhida a essa dupla injunção, literária e teatral, fundamenta-se na convicção de que, sob perspectivas dos estudos literários, o drama não tem merecido a atenção concedida a outros gêneros, sobretudo no contexto brasileiro, no qual a tradição dramática não se sobrepõe em relação a outras formas ficcionais, narrativas ou poéticas, entendidas como pilares de nossa herança nacional e mais afeitas a abordagens estritamente literárias. Do ponto de vista dos estudos teatrais, o drama também se revela obscurecido, e por motivos opostos, por um lado, por representar uma longa, incontornável e por vezes opressora tradição de cujas convenções não se consegue escapar, a não ser por via de um proposital “esquecimento” ou “negação”, como o quer o chamado teatro “pós-dramático”, cujo rótulo faz ainda

ecoar a própria tradição. Por outro lado, se para os estudiosos da literatura o drama é excessivamente teatral, contaminado por uma concretude cênica que escapa a interesses estritamente literários, para os estudiosos do teatro contemporâneo, o drama é uma área excessivamente literária, poética, discursiva, sobretudo considerando-se que a própria experiência teatral, no século XX, priorizou o espetáculo, concedendo especial atenção a outras linguagens, a recursos cênicos, à arte e ao corpo do ator, valorizando aspectos que hoje consubstanciam pontos centrais na formação dos profissionais do teatro.

Levaremos em conta a ideia explicitada pela temática proposta na presente ABRALIC. Um objetivo será refletir sobre a relação entre público e criação, traduzida pelo uso do termo linguagem no seu sentido mais amplo: o uso da linguagem literária, cênica, dos atores, a linguagem dos temas e dos discursos, a linguagem como sujeito literário, a linguagem como expressão de problemas centrais e ideias negociadas na contemporaneidade social, política, humana, e até mesmo em seu sentido metafórico, como estilo, forma e gênero. A diversidade e, sobretudo, a intensidade e a mescla das múltiplas experiências artísticas no teatro, capaz de combinar obras dramáticas canonizadas com uma encenação contemporânea, e mesmo uma modificação do texto original, desautorizam concepções normativas do estético e as ideias de gênero tradicionais, que reduzem drasticamente o horizonte de leituras, criando entraves para a renovação do repertório teórico e crítico. Navegando em sentido contrário às normas, incorporamos a pluralidade de valores e de interesses como uma alternativa a ser radicalizada. Portanto, o reconhecimento da existência da multiplicidade de suportes e de formas de inscrição textual nos leva a abandonar a ideia de "texto", em seu sentido mais canônico, a fim de reafirmar a noção de "textualidades contemporâneas" que implica a "pluralidade de suportes possíveis, a miríade de formas de inscrição e a multiplicidade tanto de produções de presença quanto de atribuições de sentido".

A linguagem, ou escrita, ou texto têm sido entendidos, pelo menos desde Foucault, como esburacados, fraturados, corroídos. Colocados linguagem, escrita, texto em perspectiva macro histórica, de fato a fratura, os ruídos, a corrosão existem. Mas quando há necessidade de expressão e existe desejo de comunicação – e, pois, de alguma forma de entendimento – linguagem, escrita, palavra, texto são organizados num universo micro - e mesmo existindo a dificuldade de se exprimir o indizível, o irrepresentável, há (ou deveria haver?) um claro esforço de que o receptor possa pelo menos intuir o dito ou a-presentado. Existe a esperança de que os órgãos de recepção captem tons, ritmos, compassos, algum desenho, linha, volume que possa ser captado e faça algum sentido a partir da construção de arte. Ainda que a experiência seja volátil, a pulsão de ficção lança fios que tentam captar vibrações – e que estes fios que possam fazer algum sentido. É relevante, portanto, saber que apesar de haver buracos na expressão, manifesta-se sempre o desejo de comunicação. Sem contar que em uma obra de arte são disseminados de alguma forma, mais ou menos, algo de memória, mito, transmissão da Palavra e do Exemplo expressos pela experiência (tal como nos explicou Walter Benjamin), resgate ou crítica da tradição, consciência crítica do presente, decifração do sentido da ação humana, resgate de aspectos desqualificados pela sociedade. Ainda que reunindo eventualmente linguagens diferentes entre si, assim como o humano, o super-humano ou a marionete e a supermarionete, os mecanismos e os hibridismos, ainda que sendo uma das finalidades de um espetáculo impressionar pelo impacto do novo, persiste, na expressão, o desejo de acolhimento e este, talvez, com atribuição de sentido.

**41 - LITERATURA E OUTRAS ARTES (MÚSICA, PINTURA, DANÇA, CINEMA, TEATRO): RELAÇÕES INTERARTÍSTICAS**

Coordenação: Francisco Antonio Ferreira Tito Damazo (Centro Universitário Toledo); Agnaldo Rodrigues da Silva (UNEMAT)

Resumo: Este simpósio é um espaço para reflexões e discussões sobre as relações entre a literatura e outras artes (música, pintura, dança, cinema, teatro). O estudo comparativo entre artes e obras literárias, fundado na relação interartística, tem se apresentado de forma eficaz quanto à capacidade de envolver e seduzir o leitor, constituindo o ponto inter-relacional para o diálogo entre obras literárias, na perspectiva da intertextualidade, bem como entre a literatura e outros sistemas semióticos artísticos. Afinal, já em si mesma, a complexidade do literário se configura envolta por camadas cuja natureza, espelhada por sua linguagem, suscita perceptíveis traços homológicos com outras linguagens artísticas. Este espaço se abre também para experiências de leitura literária pela ótica das artes vivenciadas no ensino da literatura, seja no âmbito da literatura oral, seja no âmbito da expressão da arte literária por meio dessas outras artes, ou nas homologias possíveis de serem estabelecidas entre elas, como, por exemplo, através da musicalização de poemas, ou ainda pelas letras de canções da música popular brasileira que atingem a categoria de poesia; seja na possível visualização da obra de arte por meio das artes plásticas, ou mesmo da encenação de obra literária. Este procedimento tem demonstrado em atividades voltadas aos estudos e à pesquisa o grande interesse por parte de metodologias educacionais contemporâneas, considerando que os diferentes se compõem no todo. O propósito é tornar este espaço aberto para as pesquisas que propendam à investigação das mais diversas e sutis relações entre a literatura e as outras artes, dando, assim, mais visibilidade às múltiplas possibilidades dessa instigante atividade de pesquisa. É público e notório, nos dias de hoje, o avanço do conhecimento por meio da inter-relação entre as mais diversas áreas das ciências e, por conseguinte, das artes. É consensual também o entendimento de que não se pode perder de vista que as coisas, os seres são um todo, de cuja relação integrada e interacional depende a plenitude de sua existência. Nesse sentido é que se pode afirmar que as mais diversas manifestações artísticas, guardadas suas especificidades, permitem-se dialogicidades múltiplas consubstanciadas em proximidades e diferenças. Aproximam-se pelo fato de que, dentre outros, todas elas têm o estético como primeira plana. Este é o dínamo de seus fazeres. Move-as o belo como fator e resultado de uma expressão que, sem obliterar a realidade, constrói – e com ela simultaneamente se constrói – uma linguagem elevada à categoria do inusitado, do singular, em que a ética e a moral se estabelecem sob o primado do estético. O olhar arguto do artista faz-se pelo viés da percepção desautomatizada. Suas inquietações e inconformismos, instigados por fina sensibilidade e visão crítica do mundo em que se inserem, fazem-no criar a obra de arte, cuja dimensão poética não se alinha com este seu universo e tampouco dele se desaliena. Ao contrário, configura-se como uma realidade, cuja beleza consiste na confluência da capacidade de emocionar, sensibilizar, ao mesmo tempo em que confronta. Este procedimento, reitera-se, é particular e comum a todas as artes. E sua comparação, tomando cada uma com sua forma e linguagem, pode conduzir à consecução de realidades e visões daí resultantes, mas com percepções também diferentes. Assim é que suas diferenças, em razão de suas peculiaridades, permitem olhares múltiplos muitas vezes sobre os mesmos temas, possibilitando leituras diversas e pertinentes. Compará-las, confrontá-las, sem dúvida, abrem para dimensões de sentido, ampliando o campo de análise, interpretação e compreensão da realidade. A esse respeito, em sua clássica Obra Aberta, Umberto Eco diz que “Das estruturas que se movem até aquelas em que nós nos

movemos, as poéticas contemporâneas nos propõem uma gama de formas que apelam à mobilidade das perspectivas, à múltipla variedade das interpretações. Mas vimos também que nenhuma obra de arte é realmente “fechada”, pois cada uma delas congloba, em sua definitude exterior, uma infinidade de leituras possíveis.” (Eco, 1969). Portanto, é pautando-se nessas reflexões que este simpósio se propõe a dar continuidade a um trabalho de pesquisa iniciado em 2008 quando da sua primeira proposição ao congresso da Abralic realizado na USP e os seguintes, 2010 (Curitiba), 2013 (Campina Grande), 2015 (Belém) e 2016/2017 na Uerj, cujos resultados podem ser observados em publicações, troca de experiências e participação de pesquisadores em grupos de pesquisa em diversos centros acadêmicos, enriquecendo a amplitude do conhecimento da Literatura Comparada.

#### REFERÊNCIAS:

- BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 1985.
- BRASIL, Assis. *Cinema e Literatura*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1967.
- ECO, Umberto. *Obra Aberta: Forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Tradução Giovanni Cutolo. São Paulo: Perspectiva, p. 67, 1969.
- \_\_\_\_\_. *A Definição da Arte*. Tradução José Mendes Ferreira. Rio de Janeiro: Elfos Ed., Lisboa: Edições 70, 1995.
- DORIA, Gustavo Alberto Accioli. *Moderno teatro brasileiro: crônica de suas raízes*. São Paulo: Serviço Nacional do Teatro, 1975.
- GONÇALVES, Aguinaldo José. *Transição & Permanência. Miró / João Cabral: Da Tela ao Texto*. São Paulo: Iluminuras, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Laokoon Revisitado: Relações Homológicas entre Texto e Imagem*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- OLIVEIRA, Solange Ribeiro de. *Literatura e Música: modulações pós-coloniais*. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- OLIVEIRA, Valdevino Soares de. *Poesia e Pintura – Um Diálogo em Três Dimensões*. São Paulo: UNESP, 1999.
- TINHORÃO, José Ramos. *Música popular: um tema em debate*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- TATIT, Luiz. *Análise semiótica através das letras*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- TODOROV, Tzvetan. *A Beleza Salvará o Mundo: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.
- WISNIK, José Miguel. *Sem receita: ensaios e canções*. São Paulo: Publifolha, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

#### 42 - LITERATURA E RELIGIOSIDADE

Coordenação: Cristhiano Motta Aguiar (Universidade Presbiteriana Mackenzie); João Leonel (Universidade Presbiteriana Mackenzie); Júlio Paulo Tavares Zabatiero (Faculdade Teológica Sul Americana)

Resumo: No Ocidente contemporâneo, a religião é um fenômeno que chama a atenção por sua expansão e diversidade. Sensíveis a isso, vários segmentos como a antropologia, a sociologia, a história em seus diversos matizes, a psicologia, além da própria ciência da religião fazem da religiosidade seu foco de pesquisa e trazem para o ambiente acadêmico resultados já consolidados.

Estudiosos da literatura, de forma geral, mantêm-se distantes do tema. No entanto, é fato que a religião e suas expressões ocupam espaço relevante tanto na literatura mundial quanto na literatura de língua portuguesa. As raízes da própria ideia de literatura como a conhecemos hoje se encontram interligadas com o sagrado e a religiosidade. Assim, a mélica e a épica gregas, por exemplo, não podem ser plenamente compreendidas se não levarmos em conta suas relações com o imaginário religioso dos seus contextos originais de produção. Momentos importantes da história da literatura ocidental estabelecem conexões com a religiosidade: os poemas barrocos de Quevedo e Gôngora, o teatro de Shakespeare, *Os Lusíadas*, de Camões, a prosa de James Joyce, ou os contos de Jorge Luis Borges são alguns dos exemplos possíveis dessa fecunda relação. No caso específico da literatura brasileira, é possível percebermos a fecundidade do diálogo entre poesia, representação ficcional e religiosidade, que já se inicia entre nós, por exemplo, com o teatro de Anchieta, percorre a poesia de Gregório de Matos, perpassa o arcadismo, romantismo e a obra de Machado de Assis. Ao longo dos séculos XX e XXI, a literatura brasileira continuará esse diálogo nas obras de escritores como Cecília Meireles, João Guimarães Rosa, Jorge Amado, Ariano Suassuna, Milton Hatoum, Adélia Prado, Hilda Hilst, Conceição Evaristo, entre tantos outros que poderiam ser citados. Dessa forma, embora a lista a seguir não seja exaustiva das possibilidades de abordagem e trabalho no campo da literatura e religiosidade o objetivo deste Simpósio se propõe a pensar um tema de relevância na literatura universal – a religião – indicando como em obras literárias o tema se manifesta por meio da reescrita de textos religiosos, nas relações intertextuais entre texto literário e texto religioso, nas manifestações poéticas do sagrado, nas expressões de gênero e raça e na constituição dos elementos narrativos da ficção. O Simpósio volta-se, igualmente, para os estudos que relacionam memória e religiosidade, para os elementos discursivos de sermões religiosos e para a análise literária e semiótica da Bíblia e de textos religiosos.

Por decorrência, a abordagem proposta se distancia das áreas de estudos que tratam da religião, seja a teologia ou as ciências da religião, uma vez que elege um tema – a religião/religiosidade – e investiga sua presença na literatura a partir de teorias e análises próprias ao campo.

#### REFERÊNCIAS:

- ALTER, Robert. *A arte da narrativa bíblica*. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.
- \_\_\_\_\_; KERMODE, Frank. *Guia literário da Bíblia*. São Paulo: Editora Unesp, 1997.
- ARMSTRONG, Karen. *A Bíblia: uma biografia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.
- \_\_\_\_\_. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Uma história de Deus*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2008.
- BLOOM, Harold. *Abaixo as verdades sagradas: poesia e crença desde a Bíblia até nossos dias*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2012.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Publifolha, 2000 (Grandes nomes do pensamento brasileiro).
- EAGLETON, Terry. *Como ler literatura: um convite*. Porto Alegre: L&PM, 2017. Ebook.
- \_\_\_\_\_. *Teoria da literatura: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- ELIOT, T. S. Religion and Literature. In: KERMODE, Frank (Ed.). *Selected Prose of T. S. Eliot*. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1975. p. 97-106.
- Espírito da letra, o: temas de literatura e teologia. *Religião & Cultura*. Departamento de Teologia e Ciências da Religião – PUC/SP, v. III, n. 6, jul/dez, 2004.
- FERRAZ, Salma. *As faces de Deus na obra de um ateu*. 2. ed. rev. e ampl. Blumenau, SC: Edifurb, 2012.
- FRYE, Northrop. *O código dos códigos: a Bíblia e a literatura*. São Paulo: Boitempo, 2004.
- JASPER, David. *The Study of Literature and Religion: An Introduction*. 2nd. Ed. Eugene: Wipf and Stock Publishers, 2009.
- KNIGHT, Mark; MASON, Emma. *Nineteenth-Century Religion and Literature: An Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- \_\_\_\_\_; LEE, Louise (Eds.). *Religion, Literature and the Imagination: Sacred Worlds*. London: Continuum, 2009.
- KORT, Wesley A. “Religion and Literature” in Postmodernist Contexts. *Journal of the American Academy of Religion*, Oxford University Press, v. LVIII, n. 4, p. 575-588, 1990.
- KUSCHEL, Karl-Josef. *Os escritores e as escrituras: retratos teológico-literários*. São Paulo: Loyola, 1999.
- LEONEL, João. Religião e linguagem literária: contribuições da literatura para a interpretação de textos religiosos. *Reflexão*, Puccamp, v. 41, p. 47-59, 2016.
- MAGALHÃES, A. *Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- MALANGA, Eliana Branco. *A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica*. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.
- MILES, Jack. *Deus: uma biografia*. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- MORI, Geraldo Luiz de; SANTOS, Luciano Costa; CALDAS FILHO, Carlos Ribeiro (Orgs.). *Aragem do sagrado: Deus na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Ed. Loyola, 2011.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza (Org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- PERRONE-MOISÉS, Leila. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.
- QUEIROZ, Maria Eli de. *Machado de Assis e a religião*. Considerações acerca da alma machadiana. Aparecida (SP): Ideias e Letras, 2008.
- WOOD, James. *Como funciona a ficção*. São Paulo: Cosac Naify, 2012.
- ZABATIERO, Júlio P. T.; LEONEL, João. *Bíblia, literatura e linguagem*. São Paulo: Paulus, 2011.

### 43 - LITERATURA E TESTEMUNHO: TEORIAS, LIMITES, EXEMPLOS

Coordenação: Carlos Augusto Nascimento Sarmiento-Pantoja (UFPA); Wilberth Claython Ferreira Salgueiro (UFES)

Resumo: Contemporaneamente, a noção de testemunho vincula-se à chamada “literatura do Holocausto”, como a narrativa de Primo Levi e a poesia de Paul Celan, por exemplo, mas também à literatura eslava – polonesa e russa, em especial – sobre o Gulag, como as obras de Gustaw Herling-Grudziński e Varlam Chalamov, entre outros (cujo antecedente histórico mais próximo é constituído pelas obras literárias oitocentistas



versando sobre as penas dos condenados à Sibéria). Na América Latina, destaca-se um amplo e variado conjunto de textos votados à memória e à denúncia de fatos reveladores do viés autoritário, discriminatório e excludente de nossas sociedades, abrangendo desde Graciliano Ramos e Rigoberta Menchú a Ferréz, desde Miguel Barnet e Paulo Lins aos Racionais MC"s. A proposta do simpósio é estudar as relações entre literatura e testemunho, a partir de alguns traços e textos que caracterizam este “gênero”, como, por exemplo: registro em primeira pessoa; compromisso com a verdade e a lembrança; desejo de justiça; vontade de resistência; valor ético sobre o valor estético; representação de um evento coletivo; forte presença do trauma; sintomas de ressentimento; vínculo estreito com a história; condição de minoridade etc. A ideia é, portanto, “manter um conceito aberto da noção de testemunha: não só aquele que viveu um ‘martírio’ pode testemunhar” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 48), entendendo, assim, que “testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro” (GAGNEBIN, 2006, p. 57). Pensar o que há de testemunho na literatura significa, a um só tempo, pensar as intrincadíssimas teias entre verdade e ficção, entre ética e estética, entre história e forma. Percebe-se que a avassaladora existência da “literatura de testemunho”, na sua salutar diversidade conceitual, promove um inevitável abalo na noção de cânone e de valor literário, além de alterar o quadro dos agentes ou produtores de literatura: textos e registros de presos, torturados, crianças de rua, favelados, empregados domésticos, prostitutas, sem-teto, povos tradicionais, enfim, todo um grupo “subalternizado” que agora depõe e se expõe não só em nome próprio, mas também em nome de muitos. Nesse sentido, é preciso destacar que “o estudo do testemunho articula estética e ética como campos indissociáveis de pensamento. O problema do valor do texto, da relevância da escrita, não se insere em um campo de autonomia da arte, mas é lançado no âmbito abrangente da discussão de direitos civis, em que a escrita é vista como enunciação posicionada em um campo social marcado por conflitos, em que a imagem da alteridade pode ser constantemente colocada em questão” (GINZBURG, 2012, p. 52). Seja na versão iniludivelmente dramática da experiência da Shoah e de outros genocídios, que geraram um conjunto de textos rubricados como “literatura de testemunho”, seja na versão lírica ou romanesca por vezes mais “suavizada” da experiência cotidiana da violência no Brasil e no mundo, temos um elemento absurdamente comum: a ação do homem contra o homem. O Simpósio pretende reunir, em suma, pesquisadores e interessados na problemática do testemunho e suas relações com o literário, apresentando [a] estudos teóricos que discutam os limites e as confluências entre estes discursos (o literário, tradicionalmente ligado à estética; e o testemunho, produzido a partir de um propósito ético) e mormente [b] estudos que analisem obras específicas que exemplifiquem tais relações – quer obras já consagradas nesta perspectiva do testemunho, quer obras menos conhecidas ou mesmo não analisadas à luz do paradigma testemunhal. [c] Proposições no âmbito estético de atualizações do conceito de testemunho e sua relação com a resistência ao autoritarismo. No XII Congresso Internacional da Abralic, ocorrido em 2011 em Curitiba, este Simpósio teve uma primeira edição; no XIII Congresso, em 2013, em Campina Grande, ocorreu uma segunda edição; em 2015, em Belém, a terceira; em 2017, no Rio de Janeiro, a quarta edição. A produtividade do tema e a necessidade dos debates, fundamentam nosso quinto encontro, além de questões eminentemente teóricas, o debate envolveu nomes como Alan Pauls, Aleksander Henryk Laks & Tova Sender, Alex Polari, Ana Maria Gonçalves, Art Spiegelman, Ayaan Hirsi Ali, Bernardo Kucinski, Cacaso, Caio Fernando Abreu, Carlo Levi,

Carolina Maria de Jesus, Conceição Evaristo, Charlotte Delbo, Chico Buarque, Czesław Miłosz, Davi Kopenawa & Bruce Albert, Edgar Hilsenrath, Ferréz, Deborah K. Goldemberg, Eduardo Galeano, Eliane Potiguara, Elie Wiesel, Elisa Lispector, Elisa Lucinda, Ferréz, Gonçalo M. Tavares, Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, João Antônio, Jurek Becker, Kaka Werá Jecupé, Lara de Lemos, Lídia Tchukóvskaia, Lima Barreto, Luis Fernando Verissimo, Luiz Alberto Mendes, Mario Benedetti, Miguel Torga, Miron Białoszewski, Paulo Ferraz, Paulo Leminski, Paulo Lins, Pedro Tierra, Pierre Seel, Primo Levi, Reinaldo Arenas, Renato Tapajós, Ricardo Aleixo, Ricardo Piglia, Roberto Bolaño, Ruth Klüger, Sérgio Sampaio, Sérgio Vaz, Stefan Otwinowski, Svetlana Aleksievitch, Tadeus Różewicz, Tereza Albues, Ungulani Ba Ka, Vasco Pratolini, Władysław Szlengel e W. G. Sebald. A ideia é estender o debate, seja em relação a estes nomes, como, naturalmente, incorporar outros autores e textos em que o problema da literatura e do testemunho se deixe perquirir.

#### REFERÊNCIAS:

- GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história, testemunho. Lembrar, escrever, esquecer. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- GINZBURG, Jaime. Linguagem e trauma na escrita do testemunho. Crítica em tempos de violência. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2012, p. 52
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Apresentação da questão. História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes. Org.: Márcio Seligmann-Silva. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

#### 44 - LITERATURA INDÍGENA EM PERSPECTIVA

Coordenação: Carlos Augusto de Melo (UFU); Graça Graúna (UPE).

Resumo: Nas últimas décadas, os povos indígenas encontraram uma das mais sensíveis alternativas de poderem ser ouvidos: a escrita literária. Principalmente, após a década de 1980, período de intensas lutas e confrontos dos movimentos políticos indígenas, um número significativo de escritores conseguiu demonstrar, por meio de intensa atividade literária, a potência de subverter os estereótipos construídos sobre os aborígenes que, pela tradição europeia e branca, sempre foram considerados inferiores intelectualmente. A literatura tornou-se uma espécie de arma contra o violento silenciamento histórico, político e cultural imposto a eles. Os indígenas ocupam o espaço da criação literária como forma de verdadeira resistência! Escrever é, para eles, a possibilidade de tornarem-se visíveis e ouvidos, desprenderem-se das sufocantes amarras coloniais e revelarem-se sujeitos protagonistas de suas próprias histórias. Como afirma a escritora indígena Graça Graúna, a literatura indígena “é um lugar utópico (de sobrevivência), uma variante do épico tecido pela oralidade; um lugar de confluência de vozes silenciadas e exiladas (escritas), ao longo dos mais de 500 anos de colonização. (GRAÚNA, 2013, p. 15). Essa prática autoral permitiu revelar a complexa representação das identidades indígenas, mas, agora, sob a ótica de dentro, daqueles que construíram suas próprias culturas e subjetividades. Nesse sentido, esses textos apontam para o fortalecimento da identidade indígena como forma de resgate coletivo dos princípios da ancestralidade atemporal. Amplia-se, portanto, a possibilidade de acesso à cultura literária indígena, a qual era mantida, há séculos, apenas por meio da tradição oral e a socialização dos conhecimentos ancestrais. Com o domínio da escrita em língua

portuguesa, no caso brasileiro, a produção literária de autoria indígena permite ressignificar a tradição literária de seus ancestrais, cujas marcas estéticas “perpassam desde a literatura oral, sistemas pictóricos, cantos, danças, variadas formas de artes e pinturas corporais, etc.” (ROSA, 2017, p.286). Desse modo, os estilos literários desses escritores revelam uma complexidade artística que ultrapassam as barreiras dos gêneros literários dos escritores da história da literatura canônica. As representações literárias, nesse contexto, demonstram uma íntima relação entre o universo primitivo e as revelações de nossa contemporaneidade. Em seus textos, muitas vezes, a coexistência dos estados prosa e poesia, característica dos povos primitivos, da qual Edgar Morin (1998) fala, confirma-se exemplarmente. Além disso, eles entrelaçam, com um domínio surpreendente, aspectos da oralidade, da contação de histórias e dos elementos visuais, associados, sobretudo, à revelação das histórias ancestrais, dos mitos, do protagonismo dos povos aborígenes, dos relatos de si e do posicionamento político. Nessa direção, este Simpósio, intitulado “A literatura indígena em perspectiva”, tem como princípio reunir trabalhos reflexivos que, de alguma forma, contribuam para o enriquecimento da fortuna crítica em torno das importantes produções literárias de escritores indígenas, dentro do círculo nacional e, também, internacional. Tem-se o anseio que, neste encontro, seja possível congregiar ideias as quais aprofundem saberes sobre o complexo e vasto universo literário indígena dentro de diversas perspectivas críticas, teóricas, filosóficas, epistemológicas, históricas, sociais, estéticas, culturais e políticas. Nesse sentido, acolher-se-ão propostas que, com profundidade, abordem e problematizem as produções literárias dos escritores indígenas, as representações dos indígenas na história da literatura brasileira ou estrangeira, os contrapontos entre escrita indígena e não indígena, as aproximações entre as literaturas indígena, africana e afro-brasileira, a ressignificação dos mitos indígenas, a construção da identidade e da memória ancestrais, o lugar dos autores indígenas no cânone literário, a contação de histórias indígenas, a literatura infantil e juvenil indígena, a literatura indígena no contexto escolar, a valorização e a demarcação étnicas, as marcas da alteridade, as espacialidades ameríndias. Essas são algumas das possibilidades de contribuição deste encontro, dentre muitas outras. Vale ressaltar, portanto, que este simpósio pretende ser um espaço de conhecimento para que se desconstruam as barreiras intelectuais e culturais que ainda subjagam cruelmente a cultura literária dos povos autóctones, principalmente dentro do campo literário, e se desestabilizem as diversas perspectivas de silenciamento das vozes indígenas no contexto contemporâneo. Em particular, o propósito é apoiar e, até mesmo juntar-se a, essas vozes que, recordando das palavras de Daniel Munduruku (2014, p. 182), “estão soando há tempo suficiente para serem reconhecidas como um desejo coletivo de se mudar a (in)compreensão sobre as populações indígenas (...)”, e “já fazem eco nas universidades, nas editoras, nas escolas, nos governos.”

#### REFERÊNCIAS:

- GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.
- MORIN, Edgar. A fonte da poesia. In: Morin, Edgar. *Amor, poesia, sabedoria*. 8.ed. Trad. Edgard de Assis Carvalho. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. p. 33-43.
- MUNDURUKU, Daniel. Literatura indígena e as novas tecnologias da memória. In: MARTINS, Maria Sílvia Cintra (org.). *Literatura, cultura e direitos indígenas em época de Globalização*. V. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2014. p.173-183.

ROSA, Francis Mary Soares Correa da. A Literatura Indígena Brasileira: um movimento de afirmação identitária. *Brasiliana Journal for Brazilian Studies*, V 5, n. 1, p. 285-317, 2017.

#### **45 - LITERATURAS, AFRICANIDADES E DESCOLONIZAÇÃO**

Coordenação: Felipe Fanuel Xavier Rodrigues (UERJ); Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG); Paulo Dutra (SFASU)

Resumo: Dando continuidade ao projeto de acolher comunicações dedicadas ao estudo da vida, obra e pensamento de autores e autoras de ascendência africana, cuja imaginação literária provém de vivências da afrodescendência em localidades formalmente descolonizadas, às margens das quais a africanidade constitui *leitmotif* de literaturas que se situam dialeticamente dentro e fora de sistemas literários hegemônicos, apresentamos esta proposta de simpósio. O objetivo é explorar os contornos críticos e teóricos das produções literárias engendradas a partir das histórias, culturas e instituições de pessoas de origem africana, bem como o impacto dessas literaturas em contextos de desigualdades e demandas sociais. Ao declarar o período de 2015-2024 como a Década Internacional dos Afrodescendentes, as Nações Unidas reconheceram a urgência de se colocar na ordem do dia a promoção e proteção dos direitos humanos de um contingente de aproximadamente 200 milhões de pessoas de ascendência africana espalhadas pelo mundo. A discussão dessa pauta acarreta ressonância política e histórica no contexto brasileiro. Apesar de o Brasil gerar a segunda maior população afrodescendente atual, os jovens negros (pretos e pardos) são as principais vítimas de homicídio no país (CERQUEIRA *et al.*, 2016). O fenômeno, já descrito como “genocídio negro”, expõe os efeitos funestos da persistência do racismo e impõe reflexões acerca da cultura como local de luta e sobrevivência para afrodescendentes que vivem em democracias desiguais. Na genealogia do racismo contemporâneo – onde quer que seja flagrante –, constam ontologias construídas para fundamentar sistemas de segregação racial que cercearam os direitos dos negros em territórios controlados por projetos colonialistas etnocêntricos. Contudo, o imprevisível surgimento de literaturas de sujeitos que perspectivam tradições africanas, afirmam identidades negras e tematizam experiências em ambientes hostis manifesta a dinâmica cultural de afrodescendentes cuja escrita contrapõe práticas textuais e interpretativas que essencializaram seus corpos e os trataram como objetos. Trata-se de um processo de descolonização, isto é, um processo histórico em que sujeitos legatários do mal-estar colonial “recriam” a si mesmos como seres humanos, rompendo, portanto, com a conformidade à lógica de um mundo em que a discriminação racial perdura.

#### **REFERÊNCIAS:**

CERQUEIRA, Daniel *et al.* *Atlas da Violência 2016*. Brasília: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2016.

#### **46 - MEMÓRIA, HISTÓRIA E CONSTRUÇÃO DA PERSONAGEM NEGRA**

Coordenação: Jurema Oliveira (Ufes); Luciana Silva

O presente simpósio tem por objetivo discutir os processos narratológicos e de composição da personagem em narrativas africanas de língua portuguesa e afro-brasileiras. Entendendo-se os processos de figuração de personagens (REIS, 2015)

como marco central da elaboração de uma narrativa, pois como já destacara Roland Barthes “não existe uma só narrativa no mundo sem personagens” (1971, p. 43). É uma preocupação no âmbito das discussões a percepção de modelos de composição dos seres de ficção para entender o conjunto de elementos constitutivos da narrativa com personagens negros. Assim, será possível observar em que medida a enunciação e a personagem constituem e são constituídas por experiências afro-centradas, reunindo traços que caracterizam um comprometimento com a produção literária africana de língua portuguesa que descende direta ou indiretamente da tradição oral. A discussão poderá refletir acerca da produção literária durante a colonização, no pós-guerra de libertação, no pós-guerra civil e também na contemporaneidade, percebendo o legado recebido pelas novas gerações de escritores africanos de língua portuguesa. Em relação ao Brasil, desde a década de 1970, uma nova geração de escritores afro-centrados vem assumindo a responsabilidade de produzir uma literatura negra que traduza, seja no romance, no poema, no conto, na crônica, enfim, na obra literária, na bibliografia e, mesmo, nos textos científicos, uma escrita que busque responder de forma plena a toda a dimensão humana e espiritual da população afro-centrada, procurando contextualizar as nuances de sua formação e produção. Ambiciona-se, com isso, construir um amplo espaço de discussão acerca da literatura afrocentrada brasileira, focalizando prioritariamente os processos de composição literária, porém sem perder de vista os elementos impulsionadores para a formação de determinada literatura nos mundos da ficção. Pretende-se analisar os processos de composição da personagem negra, percebendo as estratégias concatenadas para engendrar as engrenagens narrativas. Também será parte das reflexões do presente simpósio a cadencia de imagens que se misturam para gerar a literatura negra, focando, ainda, nos elementos motivadores para a sua produção. A expectativa é a de reunião de olhares em que se conjuguem as motivações extratextuais e intratextuais para a composição narrativa, porém com foco centrado nos alicerces presentes na teoria da literatura para a produção de uma literatura denunciadora e enriquecida pelo muitos elementos que a constituem. O presente simpósio espera conjugar propostas comparativistas, bem como trajetos isolados, no campo dos estudos das literaturas africanas de língua portuguesa e afro-centradas. Há, portanto, a perspectiva de perceber e refletir sobre os movimentos presentes na construção dos mundos e submundos de personagens no campo dessas literaturas, averiguando os diferentes espaços de construção, mas, principalmente, desnudando os muitos matizes da estruturação do personagem negro na literatura africana de língua portuguesa e brasileira, seja a partir do seu próprio olhar, seja pelos meios como esse negro foi olhado no decorrer dos tempos. Desse modo, por meio de uma narrativa que traz nos estilos, novas sintaxes, novas subjetividades e novas interpretações representativas do modo de ser negro e que necessita de uma reflexão sobre o conjunto abarcado pela novidade presente na irrupção de uma literatura marcada também pelo lugar de fala. Nessa perspectiva, procura-se ler nas narrativas as memórias, as histórias e os processos de criação, que contam com experiências/vivências individuais e coletivas em obras de autores africanos de língua portuguesa e afrocentrados brasileiros. A leitura de tais obras será realizada pela via dos estudos narrativos, percebendo os processos de configuração das personagens e entendendo as muitas nuances envolvidas na composição dessas narrativas.

#### REFERÊNCIAS:

BARTHES, Roland. “Introdução à Análise Estrutural”. In: BARTHES, Roland *et al.* *Análise estrutural da narrativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 1971. p.19-60.

CUNHA Junior, Henrique. “Ntu”. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/9385/5601>

OLIVEIRA, Jurema. “As marcas da ancestralidade na escrita de autores contemporâneos das literaturas africanas de língua portuguesa”. In: *Signótica* Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/Faculdade de Letras. – Goiânia: Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística/Faculdade de Letras, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/sig/issue/view/1534/showToc>.

\_\_\_\_\_. “A poética da ancestralidade em narrativas contemporâneas de autores de Moçambique e Angola”. CUNHA, Betina Ribeiro Rodrigues da; ARANTES, Luiz Humberto Martins & CARMO, Maria Suzana Moreira do (Org.). In: *Tantas margens: reflexões sobre literaturas e arte*. Uberlândia: Edufu, 2017.

REIS, Carlos. *Pessoas de livro: estudos sobre a personagem*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2015.

SILVA, Luciana Morais da. *Figurações da personagem e o universo insólito nos novos discursos fantásticos: narrativas curtas de Murilo Rubião, Mário de Carvalho e Mia Couto*. 2016. 216 p. Tese (Doutorado em Letras) - Instituto de Letras da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil; Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, Portugal, 2016. Disponível em: <https://estudogeral.sib.uc.pt/handle/10316/39121#>.

#### 47 - MITO E POÉTICAS DO IMAGINÁRIO

Coordenação: Alexandre Nunes (UFG); Fábio Cavalcante de Andrade (UFPE); Felipe Aguiar (São Miguel)

Resumo: A literatura e, conseqüentemente, os Estudos Literários, sempre estabeleceram um diálogo intenso com as linguagens e saberes que lhes fazem fronteira. Em alguns momentos esse diálogo foi mais poroso que em outros. Atualmente a perspectiva transdisciplinar representa um espaço de questionamento tanto em relação à noção mais tradicional e estável de literatura, como em relação aos métodos de abordagem de viés formalista do texto literário. Nessa perspectiva transdisciplinar, podemos situar os Estudos do Imaginário que, embora tenham desde cedo eleito a literatura como um de seus objetos preferidos de reflexão, estendem-se para as mais diversas áreas e linguagem artísticas. A proposta desse simpósio é discutir as ressonâncias e aplicações, no das reflexões voltadas para a perenidade da linguagem do mito, do símbolo e da imaginação na literatura e nas artes contemporâneas. Dentro de uma perspectiva *poiética* (do termo grego “poiesis”), de um fazer criador que mergulha no manancial de imagens que fundamenta nossas relações com o mundo, com o outro e com nós mesmos; propomos a partilha de um olhar sobre a textura profunda e velada da cultura em sua dimensão individual e gregária. É possível pensar a valorização da imaginação num grande arco que parte de pensadores como Nietzsche e o historiador e teórico das artes Aby Warburg, até os encontros do círculo de Eranos, a fenomenologia das imagens simbólicas de Gaston Bachelard, o estruturalismo figurativo de Gilbert Durand e o imaginário social de Cornelius Castoriadis; chegando a uma geração mais recente de pensadores, tais como James Hillman, Carlo Ginzburg, Giorgio Agamben e Georges Didi-Huberman. Vê-se uma espécie de amplificação do trabalho das chamadas “hermenêuticas restauradoras”, para usar a terminologia de Durand, ao interpretarem o mito, o símbolo e a imagem simbólica como elementos fundamentais na constituição da cultura e da sociabilidade humanas. Didi-Huberman, por exemplo, insiste numa consagração de sua escrita às imagens. Ao invés da linguagem ser instrumentalizada

para dar conta de um saber filosófico que se define exteriormente a ela, é justamente ela – a linguagem – que se transforma, em sua oscilação entre o dizível e o visível, no caminho possível para acompanhar o aparecimento das imagens, reconhecendo-as na sua dimensão gestual – de gesto criador e, por isso mesmo, epistemológico. Acreditamos que a questão da imagem que tanto interessou a Warburg, ele mesmo um pesquisador de grande inclinação trans-disciplinar, pode significar a via para uma reflexão muito produtiva inclusive no tocante à *literatura*, ao deslocar o próprio conceito de literatura para o âmbito mais amplo de um possível pensamento estético contemporâneo, marcado, ele mesmo, por um princípio pluralista incontornável. Pensadores, teóricos e filósofos de tendência multidisciplinar, como Walter Benjamin e Georges Bataille, que se interessaram pela imagem e pela vida das imagens no contexto da sensibilidade moderna e contemporânea, também devem ser considerados importantes temas de comunicação para este simpósio. A idéia de constelações de imagens e imagem dialética de Benjamin, assim como a noção de experiência interior e dispêndio de Bataille e os estudos em torno da Arte da Memória, de Francis A. Yates constituem construtos teóricos profundamente sintonizados com as reflexões mais atuais sobre o imaginário, em suas repercussões artísticas e sociais. Outro desdobramento direto do conjunto de inquietações que esses autores representam é a questão da memória, vista também sob a ótica não apenas da visibilidade da imagem, mas também de sua legibilidade. Sobre a questão da memória, observa-se sob a ótica da legibilidade da imagem que Não há memória sem imagens, assim como não há imagem sem memória. Ampliando esse princípio, diríamos igualmente que não há memória sem fantasma, para usar o inaugural termo aristotélico para se referir à força da imaginação; assim como não há fantasma sem memória. O tempo residual e a anterioridade que desencadeiam o presente são pressupostos basilares da esfera imaginativa – que não a determinam necessariamente, mas a influenciam. A relação das imagens com a memória na literatura e na arte contemporânea, e com temporalidades disjuntivas, através de noções como as de anacronia, representam também importantes pontos de passagem para a reflexão que este simpósio procurará proporcionar. Por fim, a disposição do simpósio é abrigar comunicações que nos permitam refletir sobre as relações entre mito, arte e memória – do ponto de vista da literatura contemporânea em seu constante diálogo com as mais variadas linguagens artísticas (teatro, fotografia, música, cinema e dança). Nessa reflexão, ao que parece, devemos buscar compreender o percurso da imagem e do imaginário no pensamento estético moderno e contemporâneo em seus vínculos com a cultura e com a sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, Giorgio. *Nudez*. Trad. de Davi Pessoa. São Paulo: Autêntica, 2014.
- BATAILLE, Georges. *O Erotismo*. Trad. de Fernando Sheibe. São Paulo: Autêntica, 2013.
- CALASSO, Roberto. *A Literatura e os deuses*. Trad. de Jônatas Batista Neto. São Paulo: Companhia das letras, 2004.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo das fantasmas segundo Aby Warburg*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.
- \_\_\_\_\_. *A semelhança informe: ou o gaio saber visual segundo Georges Bataille*. Trad. de Caio Meira, Fernando Scheibe e Marcello Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

PAZ, Octavio. *A Outra Voz*. Trad. de . São Paulo: Siciliano, 1992.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Além do visível: o olhar da literatura*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2016.

WARBURG, Aby. *Histórias de fantasmas para gente grande: escritos, esboços, conferências*. Trad. de Lenin Bicudo Bárbara. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

OLIVEIRA, Alexandre et Al. *Deslocamentos críticos / Itáu Cultural*. São Paulo: Babel, 2011.

## 48 - MODERNIDADE, MATERIALIDADE E ESPAÇO URBANO NA LITERATURA

Coordenação: Geraldo Cáffaro (Unimontes); Marcelo Parreira (USP)

Resumo: A literatura moderna surge em meio a uma série de transformações de ordem econômica, material e social. A partir da segunda metade do século XVIII a relação dos autores com o público sofreu profundas transformações com o surgimento de um mercado literário, o crescente intercâmbio entre diferentes nações e a experiência urbana, marcada pela diversidade, crises, fragmentação e mobilidade. As formas de circulação de informação e das produções literárias também se modificaram, e a maior circulação no espaço da cidade, entre outros aspectos do desenvolvimento capitalista, submeteu os autores a novas experiências, obrigando-os a forjar diferentes propostas estéticas.

Várias têm sido as perspectivas utilizadas para se discutir o impacto dessas transformações no desenvolvimento do romance e de outros gêneros, sendo que alguns dos destaques são o novo historicismo, os estudos pós-coloniais, o marxismo em suas diversas vertentes, o estruturalismo, o pós-estruturalismo, o desconstrutivismo e os estudos de gênero e culturais. Além disso, nas últimas décadas temos observado um aumento no número de trabalhos comparativos que elucidam várias interseções e relações entre autores de diferentes partes do globo. Nesse cenário, a modernidade, um conceito moldado na experiência do centro hegemônico europeu, se abre a outras temporalidades e modernidades, incluindo uma vasta gama de literaturas ditas periféricas.

Também temos percebido como o autor, figura amplamente contestada nas teorias pós-estruturalistas, tem ressurgido nos estudos literários, abrindo espaço para revisões e releituras do cânone, bem como da relação dos autores com o público, com os campos literários emergentes e com a experiência moderna. Esse autor que ressurge não é visto mais como princípio unificador, mas como elemento de dispersão e indeterminação. Como observa Sean Burke em *The death and return of the author*: “Longe de consolidar a noção de um sujeito universal ou unitário, o redirecionamento de um trabalho a seu autor significa sua reinserção histórica, cultural e política” (BURKE, 1998, p. 202).

Nesse contexto, ganham relevância os processos de automodelamento (Stephen Greenblatt), as performances autorais, as ansiedades e as negociações simbólicas que permeiam a experiência da escrita num cenário de profissionalização da arte literária. É também nesse contexto que perspectivas como as da história e geografia culturais – como as de Franco Moretti – ou a da sociologia literária – como a de Pierre Bourdieu – tornam-se particularmente enriquecedoras para os críticos.

A revitalização do autor, com efeito, sintoniza-se com uma maior valorização do sujeito nos discursos. De acordo com Nestor García Canclini, o mundo de sujeitos simulados no qual vivemos, caracterizado pelo anonimato em diferentes níveis (especialmente na



World Wide Web), conduz a uma crescente irresponsabilidade, e, ao mesmo tempo, cria um sentimento de impotência nos indivíduos (CANCLINI, 2005, p. 183).

Junto com a maior valorização do sujeito, percebe-se maior atenção para indivíduos marginalizados e subalternos, para as hierarquias na produção de sentidos, para a importância dos lugares de fala e para reflexões relativas aos espaços de forma mais abrangente, como as relações entre os espaços físicos e virtuais, as tensões relativas às configurações geopolíticas, os trânsitos entre espaços marginais e centrais, entre outros. Muitas têm sido as contribuições nesse campo, e os trabalhos circunscritos aos chamados estudos urbanos têm lançado luz sobre diversas obras e produções culturais. Por outro lado, as formas autográficas, ou autoficcionais, ganham cada vez mais espaço nos estudos literários atuais, uma vez que trazem à tona a dimensão política das subjetividades e a potencialidade disruptiva dos afetos.

Esse simpósio abará comunicações que proponham discutir a modernidade, mormente sob a perspectiva esboçada acima. Serão aceitos trabalhos que abordem as relações de escritores com o campo literário, com as questões materiais envolvidas na atividade da escrita, e também com as questões urbana e geopolíticas. Trabalhos que explorem o tema da circulação, em seus diferentes aspectos (por exemplo: financeiro, simbólico, afetivo e espacial – no que se refere a deslocamentos, trânsitos e movimentos interculturais) sintonizam-se com a proposta maior do encontro da ABRALIC em 2018. Estudos comparatistas que discutam relações entre escritores e obras de contextos distintos também serão bem-vindos. Além disso, o simpósio está aberto a propostas de caráter teórico que busquem debater as diversas disjunções temporais evidenciadas pelas temáticas modernas em diferentes gêneros narrativos e que também levem em conta o atual cenário crítico e a forma como ele re-significa e relê a história literária.

#### REFERÊNCIAS:

- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. Trad. Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BURKE, SEAN. *The death and return of the author*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1998.
- CANCLINI, Nestor Garcia. Quem fala e em qual lugar: sujeitos simulados e pós-construtivismo. In: *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. 183-208. Trad. Luiz Sergio Henriques. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.
- GREENBLATT, Stephen. *Renaissance self-fashioning: from More to Shakespeare*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- MORETTI, Franco. *Signos e estilos da modernidade: ensaio sobre a sociologia das formas literárias*. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

#### **49 - MULHERES EM TERRITÓRIO LITERÁRIO: ENTRE TRANSIÇÕES ESTÉTICAS, AUTORIA, SUBJETIVIDADE E HIBRIDISMO**

Coordenação: Guacira Marcondes Machado Leite (UNESP/ ARARAQUARA); Fani Miranda Tabak (UFTM/UBERABA)

Resumo: Este simpósio agrega estudos que tenham como tema central a mulher, seja sob o prisma da produção literária, seja sob a forma de representação discursiva. Considerando o trabalho arqueológico sobre a mulher que se intensifica a partir dos

anos 90 e o aumento da visibilidade feminina nas mais variadas cenas da cultura, entendemos que seja necessário refletir sobre a condição de transição estética que se opera nos discursos produzidos pelas mulheres e para as mulheres desde o século XIX.

A partir dos oitocentos, estereótipos femininos eram construídos e repetidos por meio do imaginário literário, escritos fundamentalmente por homens, para determinar espaços e papéis esperados das mulheres. Consequentemente, a linguagem torna-se objeto onde se instaura e se manifesta o poder, uma vez que, repetida exaustivamente, é usada para solidificar estereótipos discursivos em um determinado tempo, legitimando-os como uma construção histórico-cultural a ser compreendida. O poder exercido pelo imaginário romanesco do século XIX, enquanto mediação perfeita de um ponto de vista androcêntrico sobre a mulher, nos permite compreender o desenvolvimento de mecanismos para controlar e punir as questões de gênero, criando uma cultura exemplar de condutas a serem seguidas já que as mulheres estavam excluídas de toda e qualquer participação cultural.

A criação literária feminina nesse período, no entanto, demonstrou tratar-se de uma produção extremamente híbrida, em que a produção estética configura um amalgama de tendências que tornam difícil a sua classificação dentro dos parâmetros escolares de época, tão caros à história literária romântica. Nesse sentido, a produção de mulheres encontrava novas formas de comunicação da vida social e de si. A partir da observação desses discursos femininos, que se intensificou nas últimas décadas, podemos acompanhar a inquietação de uma produção teórica que deve reconstruir um modo operacional para tratar desses móveis artísticos. Com uma natureza intrinsecamente feminina, esses discursos problematizam as noções de autoria, hibridismo, subjetividade e transição estética.

Interessa-nos, portanto, do ponto de vista da linguagem, como o poder exercido por variados discursos dentro do universo literário compõe representações que legitimam ou não espaços forjados ao gênero feminino e como este discute com suas “forjas”. Nesse aspecto, dialoga-se diretamente com a noção de que o corpo é um produto oriundo de uma cultura historicamente determinada e que deve ser examinado a partir dos diferentes discursos que o engendram. O corpo feminino, objeto discursivo de diversas metáforas sociais, transcende o espaço literário e encena representações para além da arte. O corpo é memória que se ergue de uma tradição misógina, mas é forma semovente que luta para ressignificar-se. Assim, procurando avançar na compreensão de um corpo que se agiganta, um novo movimento de discussão e leituras das geografias da identidade (Friedman, 2017), impactando de forma irrefutável os estudos feministas, aponta que a noção de identidade, localismo, está muito além de um espaço determinado, mas subjacente às diferentes construções discursivas de uma sociedade em constante tensão e redimensionamento de suas ideias. A produção literária feminina, nesse sentido, incorpora intersecções importantes que traduzem desde seus localismos periféricos até questões discursivas que reinventam as próprias noções de sexualidade forjadas. Nesse território literário, a estética de produção feminina reinventa modos e formas de concepção dos objetos artísticos, submetendo-os a um tratamento intenso de verticalização subjetiva. A invenção de si incorpora uma metáfora de desprendimento de uma longa e penosa tradição misógina, projetando um universo dinâmico que traduz a possibilidade de um futuro, de um corpo reinventado. Essa estética proporciona ao texto uma posição híbrida, caracterizando uma identidade que está em constante dissolução de si mesma. Nessa direção, a produção literária feminina encontra, a nosso ver, uma ressonância intensamente forte nas palavras de Maria Teresa Horta: *A literatura é o meu primeiro sentido das coisas. Entre aquilo que leio e aquilo que*

*escrevo, correnteza de rio indo pelo caminho das pedras, até ao lugar onde as águas se misturam, se confundem, se fusionam.*

#### REFERÊNCIAS:

- Brandão, Izabel (org.) Traduções da cultura: Perspectivas Críticas Feministas (1970-2010)/ Izabel Brandão, Ildney Cavalcanti, Cláudia de Lima Costa, Ana Cecília Acioli Lima (Organizadoras). –Florianópolis: EDUFAL; Editora da Ufsc, 2017.
- Flores, Conceição.(org.) Mulheres e literatura: ensaios. Natal: Edunp, 2013.
- Foucault, Michel. A Ordem do Discurso. 17ª Ed., São Paulo: Edições Loyola, 2008.

#### **50 - NARRATIVAS AUDIOVISUAIS CONTEMPORÂNEAS**

Coordenação: Maria Elisa Rodrigues Moreira (UFMT – Brasil); Rosângela Fachel de Medeiros (URI/FW – Brasil)

Resumo: Neste início de século XXI, chama a atenção a grande disseminação da imagem audiovisual, a qual se distribui na sociedade por meio dos mais diversos tipos de telas, desde as salas de cinema aos quase onipresentes smartphones. Esses suportes variados propiciam a convivência entre velhas e novas mídias: se é possível ainda, por um lado, assistir à programação em televisores comuns ou em salas de cinema mais tradicionais, por outro se expandem as experiências renovadas diante dessas plataformas. As salas de cinema 3D chegaram para ficar e, a cada dia, parecem aprimorar sua tecnologia com o intuito de propiciar uma imersão cada vez maior no universo narrativo que ali se apresenta; as smart tvs possibilitam o acesso a conteúdo diversificado e on-line, fazendo da televisão um aparelho muito mais interativo, por meio do qual se pode agregar à experiência televisiva aquela oriunda da navegação web; os celulares parecem, hoje, servir menos para conversas telefônicas rápidas que para possibilitar a conexão ininterrupta com o mundo e com a multiplicidade de narrativas que pode ser acessada através de suas telas. Em meio a esse universo ofuscado pelo brilho das telas, constante e simultaneamente ligadas, as narrativas audiovisuais se expandem, por meio de desdobramentos inesperados, multiplicações vertiginosas e hibridizações surpreendentes, colocando em questão os modos pelos quais estávamos habituados a refletir sobre elas. Novos referenciais teóricos e distintos aportes metodológicos surgem diante de objetos que colocam problemas ao pesquisador que não sabe ao certo como lidar com essa profusão de materiais que lhe provocam, exigindo que ele também se desdobre e multiplique seus caminhos de reflexão. As teorias da adaptação e da tradução intersemiótica, que já podemos considerar como referenciais estabelecidos nos estudos sobre narrativas audiovisuais, ainda que continuem a ser utilizadas mostram-se insuficientes para atender aos problemas colocados na contemporaneidade, de modo que a elas se acrescentam reflexões sobre os processos de transmídiação e as narrativas transmidiáticas, sobre a imersão propiciada por filmes e jogos, sobre as noções de interface e de convergência, sobre a constituição de universos narrativos complexos, entre diversas outras. Teorias clássicas do cinema são utilizadas para se refletir não só sobre a chamada sétima arte, mas também sobre séries de televisão, webfilmes e performances multimídia: nesse deslocamento, agregam-se às teorias cinematográficas estudos específicos sobre a produção para televisão, sobre a comunicação social, sobre os meios multimodais, sobre as teorias de rede, sobre a produção de games. Franquias complexas expandem-se sobre mídias e suportes diversos, exigindo pesquisadores que sejam capazes de lidar com universos narrativos cada vez mais variáveis e problemáticos, reticulares, aos quais é impossível

responder somente recorrendo a aportes teóricos advindos da literatura, do cinema, da televisão, da comunicação: esses novos objetos de análise transitam entre o cinema, a internet, os quadrinhos, os livros, os objetos, os games. Diante dessas mudanças, os métodos de trabalho requeridos também exigem transformações, e mostram-se cada vez mais associados às perspectivas transdisciplinares e transmidiáticas, indicando que a capacidade de se estabelecer um diálogo entre materiais tão diversos é essencial à compreensão desses materiais. A universidade não se depara mais, assim, apenas com a possibilidade do estudo de narrativas audiovisuais que se afirmaram ao longo do século XX: junto a estas, que continuam a ser objeto de estudo, a academia precisa enfrentar o desafio de produzir saberes a partir de uma série de novos produtos, processos e mídias que hoje se fazem presentes de forma indiscutível na sociedade. O provocante slogan — Não é TV. É HBO!, utilizado por este veículo de comunicação entre os anos de 1996 e 2009, prenunciando um período de transformações no que diz respeito às narrativas audiovisuais, parece ser hoje insuficiente para cobrir toda a variedade de possibilidades que nos assola. É nessa perspectiva que este simpósio se propõe a discutir conteúdos, formatos e plataformas de séries, webseries, games, fanfictions, filmes, telenovelas, telefilmes, assim como sobre seus cruzamentos e sobre outras modalidades narrativas audiovisuais emergentes na contemporaneidade, buscando tornar-se um espaço para a reflexão sobre essas narrativas e sobre seu impacto na sociedade contemporânea. Para tanto, serão acolhidos trabalhos que versem sobre esses objetos, em perspectiva crítica-analítica, ou que se proponham a refletir sobre teorias e métodos que possibilitem que nos acerquemos deles de maneira mais produtiva e problematizadora.

## 51 - NATURALISMO E NATURALISMOS

Coordenação: Haroldo Ceravolo Sereza (USP); Vanessa Costa e Silva Schmitt (UFRGS); Leonardo Mendes (UERJ)

Resumo: O Naturalismo do século XIX, estética que possui estreitos laços com o realismo do qual se origina, mas que dele se mantém independente, torna-se, a partir de sua difusão pelo mundo, um modelo capaz de influenciar a literatura e outras manifestações artísticas para muito além de seu período histórico. A vaga naturalista deu origem a métodos de pesquisa e criação, bem como a formas de expressão que foram sistematicamente retomadas por escritores ao longo do século XX, mas não apenas por eles. Sua forma de abordar a realidade como elemento constitutivo da obra de arte influenciará pintores, fotógrafos, cineastas e autores de novela. Flora Süssekind, ao analisar o romance brasileiro, refere-se a vagas naturalistas nos anos 1930 e 1970 a manifestar-se no Romance de Trinta e no Romance Reportagem. A própria Flora apontará, em “Desterritorialização e forma literária - Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana”, a “escrita para-jornalística” e de “catalogação patológico-criminal” de Ferréz, Dráuzio Varella e Paulo Lins nos anos 2000 como uma retomada de características centrais da produção literária naturalista. Süssekind, como já fizera em *Tal país, qual romance?*, opõe-se a esse movimento, mas o registro dessa nova onda naturalista é representativa, justamente, da força da ficção de inspiração naturalista. O desejo de expressar um aspecto da realidade, a primazia dada à descrição de conflitos sociais, o racismo (na virada do século XX para o XXI narrados também sob o ângulo de escritores negros e militantes), o desejo de documentar situações não vividas pelo leitor hipotético constituem elementos desse pacto de leitura que se renova: o leitor encontra obras que se posicionam como retratos e debates que dialogam com o

tempo imediato e que sugerem tomadas de posição sobre violências e situações cotidianas. O elemento extraliterário é um componente central da obra, e a busca por verossimilhança decorre tanto do discurso da experiência pessoal quanto da pesquisa científica (nesse momento, das ciências humanas) ou jornalística. Por outro lado, estudos de pesquisadores ao redor do mundo sobre a influência da obra literária de Émile Zola apontam a permanência e a adaptação do modelo que o consagrou em países tão distantes culturalmente da França quanto o Japão e a Coreia, além de repercussões no cinema, seja por meio de releituras de obras dos escritores naturalistas, seja por meio da adoção, pelos autores cinematográficos, de métodos e formas criadas pelos escritores. No caso brasileiro, é inevitável pensar em Nelson Pereira dos Santos e sua adaptação de *Vidas secas*, em Lúcio Flávio, o passageiro da agonia (1977), de Hector Babenco, também diretor de *Carandiru*, ou de *O invasor* (2001), de Beto Brant. Ao não recusar o paralelo entre o escritor e o fotógrafo que lhe é frequentemente atribuído pela crítica, o escritor naturalista do século XIX ou aquele que retoma seus métodos no século XX e XXI estabelece um diálogo direto com a fotografia e com o cinema. Essa relação foi percebida, de forma negativa, por Machado de Assis, quando a fotografia ainda era uma técnica incipiente e o romance naturalista não havia se implantado entre nós. Escrevendo sobre *O primo Basílio*, Machado afirma ainda que, até então, “não se conhecia em nosso idioma aquela reprodução fotográfica e servil das cousas mínimas e ignóbeis”. Graciliano Ramos, por outro lado, aceitará este rótulo, defendendo, no texto “O fator econômico no romance brasileiro”, métodos de aproximação com a realidade análogos à fotografia: “Com certeza os nossos autores dirão que não desejam ser fotógrafos, não têm o intuito de reproduzir com fidelidade o que se passa na vida. Mas então por que põem nomes de gente nas suas ideias, por que as vestem, fazem que elas andem e falem, tenham alegrias e dores?” Para o filósofo francês Jacques Rancière, a literatura naturalista, ao abolir hierarquias e criar obras de arte que não respeitavam a organização até então vigente, criou, por meio do “efeito de realidade”, o “efeito de igualdade”. Esse efeito de igualdade está diretamente ligado, para ele, à possibilidade de associação livre de imagens: Rancière apontará, inspirado em Adorno, que a literatura que privilegia o descrever sobre o narrar permite que o “aristocrático emprego da ação” seja “bloqueado pela democrática coleção desordenada de imagens”. O propósito desse Simpósio Temático é, justamente, pôr em discussão a prosa naturalista (ou realista-naturalista) do século XIX, no exterior e no Brasil, estabelecendo diálogos que permitam analisar suas derivas tanto na literatura quanto em outras artes, especialmente as visuais, estabelecendo um percurso interpretativo que não se esgota nas obras dos irmãos Goncourt, de Émile Zola, de Eça de Queiroz, de Aluísio Azevedo ou naquela de outros escritores da mesma corrente menos reconhecidos. Ao contrário, a expressão naturalista, bem como o alicerce estético-científico que a define, reinventa-se ao longo do século, provocando e instigando o leitor, renovando-se em sua forma e abrindo caminhos e espaços para novas manifestações estéticas e culturais da realidade.

#### REFERÊNCIAS:

- ADORNO, Theodor W. Notas sobre literatura. Obra completa, 11. Tradução: Alfredo Brotons Muñoz. Madri: Akal, 2009.
- ASSIS, Machado de. Crítica litteraria. São Paulo/Rio de Janeiro/Porto Alegre: W.M. Jackson, 1942.
- CANDIDO, Antonio. O discurso e a cidade. 3ª edição. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro Sobre Azul, 2004.
- CHEVREL, Yves. Le naturalisme – Étude d'un mouvement littéraire international. 2ª

- edição. Paris: PUF, 1993.
- LUKÁCS, Georg. Ensaio sobre literatura. Trad. de vários. Coordenação e prefácio de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.
- LUKÁCS, György. Arte e sociedade – Escritos estéticos 1932-1967. Trad. de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.
- MACKÉ, Sébastien. « Filmer “la vie telle qu’elle est” ». In: Mitterand, Henri. Le naturalisme: Textes et documents pour la classe, 2012, p. 26-27
- MENDES, Leonardo Pinto. O retrato do imperador. negociação, sexualidade e romance naturalista no Brasil. Porto Alegre: EdiPUC-RS, 200. 228 p.
- MÉRIAN, Jean-Yves. Aluísio Azevedo. Vida e obra (1857-1913). Tradução do francês por Claudia Poncioni. Rio de Janeiro: Garamond, 2013, 616 p.
- MITTERAND, Henri. « Le naturalisme n’existe pas à l’état pur ». In: Idem. Le naturalisme: textes et documents pour la classe, 2012, p. 28-29.
- RAMOS, GRACILIANO, Linhas tortas. Rio de Janeiro/São Paulo: Record/Livraria Martins Editora, 1976.
- RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível – Estética e Política. Trad. de Mônica Costa Netto. São Paulo: Editora 34/Exo Experimental, 2005.
- RANCIÈRE, Jacques. “O Efeito de Realidade e a Política da Ficção”. Trad. de Carolina Santos. Revista Novos Estudos, nº 86. São Paulo: Cebrap, março de 2010.
- SEREZA, Haroldo Ceravolo. O Cortiço, romance econômico. Revista Novos Estudos, nº 98. São Paulo: Cebrap, março de 2014.
- SNIPES-HOYT, Carolyn, ARMSTRONG, Marie-Sophie Armstrong et ROSSI, Riikka (ed.). Re-Reading Zola and Worldwide Naturalism: Miscellanies in Honour of Anna Gural-Migdal. Newcastle-upon-Tyne: Cambridge Scholars Publishing, 2013, 434 p.
- SÜSSEKIND, Flora. Tal brasil, qual romance? Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.
- SÜSSEKIND, Flora. Desterritorialização e forma literária - Literatura brasileira contemporânea e experiência urbana”. Rev. Literatura e Sociedade, nº 8. São Paulo: FFLCH, 2005.
- ZOLA, Émile. Le bon combat – des Courbet aux impressionistes. Hermann, Paris, 1974.
- ZOLA, Émile. O romance experimental e o naturalismo no teatro. Trad. De Italo Caroni e Célia Berrentini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

## 52 - O CORPO COMO RESISTÊNCIA NA LITERATURA DE AUTORIA FEMININA

Coordenação: Kelcilene Grácia-Rodrigues (UFMS/Três Lagoas); Enedir da Silva dos Santos (SME/São José do Rio Preto)

Resumo: O que é ser mulher? É ter um corpo físico em que prevaleça a vagina como órgão sexual? A posse e o peso do aparelho reprodutor como obrigatoriedade da maternidade? As questões, assim como as concepções mudaram muito e permitem-nos repensar não apenas as delimitações naturalmente assimiladas por meio da violência simbólica, como aponta Bourdieu (2002), mas aquelas que orientam o processo de reflexão do ser/estar e do papel social. Simone de Beauvoir (2016) prenunciava que não se nasce mulher, torna-se mulher, isto porque nenhum destino poderia definir a forma

que a fêmea humana assume no seio da sociedade. É no seio da sociedade brasileira do século XXI que as questões sobre gênero e sexualidade estão em ampla evidência e as barreiras colocadas por uma sociedade religiosa e patriarcalmente moralizante têm se afrouxado e caído à medida que se lança luz sobre discussões que foram silenciadas por leis e sentenças regulatórias, punitivas e discriminatórias. Pensar em gênero é obrigatoriamente pensar em relações entre os seres e deles com seus corpos, cernes das discussões e delimitações comportamentais, territórios políticos e de poderes em que a materialização do sexo revela uma série de disputas, como evidenciou Judith Butler (2000) para quem materializar os corpos em dois eixos únicos: masculino e feminino, é uma forma de sedimentar a hegemonia da heterossexualidade. Os desdobramentos dessa sedimentação se fazem sentir em vários setores sociais, inclusive no campo literário, em que a literatura modelar brasileira foi sempre orientada pela construção masculina e foi por meio dessa voz que as mulheres, enquanto leitoras, foram conduzidas para sua própria representação, o que se constitui como elemento confirmador da sedimentação da importância da voz masculina e, conseqüentemente, da desimportância da feminina. O corpo da mulher enquanto território de disputas de poderes: biológico, quando tratado como elemento de reprodução humana; sedução, quando enaltecido pela sexualização; moralizador, quando evidenciado como condutor de práticas abusivas e regulatórias (in) justificadas por valores sociais; político, quando elemento articulador de políticas públicas, econômico: quando elemento capitalizador de recursos em prol da estética; influencia diretamente a relação entre seu ser e seu corpo, seu corpo e o corpo de outras mulheres, desaguando em questões mais amplas. Esse caleidoscópio de relações e representações do corpo foi evidenciado por Elódia Xavier (2007) em dez categorias exemplificadas com análises de textos literários: corpo invisível, corpo subalterno, corpo disciplinado, corpo imobilizado, corpo envelhecido, corpo refletido, corpo violento, corpo degradado, corpo erotizado e corpo liberado, o que nos leva a perceber que a variedade de abordagens e de tratativas dispensadas ao corpo é importante para a representação da mulher e de como ela se relaciona com o ele enquanto território. O olhar para o corpo feminino e o papel que ele ocupa nos textos de autoria feminina nos permite observar que ele é também o ponto de partida para a resistência a papéis instituídos pela sociedade patriarcalista, pois exemplifica posturas que vão do silenciamento à exploração sexual consciente. Não se trata restrita e especificamente da relevância do corpo físico, mas àquilo que se pode transver a partir dele, visto que o texto literário permite que se ficcionalize a realidade e esta possa evidenciar-se como libertação dos parâmetros instituídos, por meandros narrativos, poéticos e dramáticos que cada autora emprega para propiciar suas abordagens. A proposta deste simpósio é buscar dentre os textos de autoria feminina as articulações entre o corpo e posicionamentos que evidenciem resistência ou que levem a refletir acerca do papel da mulher no contexto social, talvez até mais do que isso, proporcionar novos olhares para como a escrita feminina aborda essa questão e a emprega como combate à repressão seja na orientação sexual, seja no posicionamento ideológico. Entendemos que assim como a variedade de abordagens, há também variedade de diálogos possíveis, por isso, o intuito é abrir espaços para se discutir o papel do corpo em diferentes obras escritas por mulheres e, conseqüentemente, como esse corpo e suas relações podem ecoar como pontos focalizadores para incentivar novas posturas no campo social: que o corpo seja uma forma de resistir às mais variadas imposições naturalizadas pela violência simbólica. Dessa forma, convidamos para este simpósio, trabalhos que abordem o corpo como elemento de resistência em obras de autoria feminina e proponham reflexões acerca desse corpo inserido no tempo/espço como território de disputas.

## REFERÊNCIAS:

- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*, vol. 2. Trad. de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e resistência. *Revista Itinerários*, Unesp/Araraquara, n. 10, p. 11 – 27, 1996. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/itinerarios/article/view/2576/2205>>. Acesso em: 10 nov. 2016.
- BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. Trad. de Maria Helena Kuhner. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Trad. de Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). *O corpo educado: pedagogia da sexualidade*. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2. ed.. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *A construção do feminino no romance brasileiro contemporâneo*. s/d. Disponível em: <<http://www.crimic.paris-sorbonne.fr/IMG/pdf/dalcastagne.pdf>>.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo: Horizonte, 2012.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Vera. O poder da palavra: representações na literatura de autoria feminina: escrevo, logo existo. *Revista Cerrados*: Brasília, v. 20, n. 32, p. 101-130, 2011.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da C. Albuquerque. 8. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.
- MATOS, Maria Izilda S.; SOIHET, Raquel. *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp, 2003.
- RAGO, Margareth Luzia. *A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções de subjetividade*. Campinas: Unicamp, 2013.
- RAMALHO, Cristina (Org.). *Literatura e feminismo: propostas teóricas e reflexões*. Rio de Janeiro: Elo, 1999.
- SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma teoria prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Mulheres; Goiânia: Editora da UFG, 1997.
- XAVIER, Elódia. *Que corpo é esse? O corpo no imaginário feminino*. Florianópolis: Mulheres, 2007.

**53 - O ENSINO DE LITERATURA HOJE: CAMINHOS, PROPOSTAS E ATITUDES**

Coordenação: Marta Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN); Rosana Cristina Zanelatto Santos (UFMS, CNPQ), Benedito Antunes (UNESP/ASSIS).

Resumo: Em 2013, o Congresso internacional da ABRALIC, ocorrido em Campina Grande (PB) foi palco de várias ações voltadas para as discussões sobre o ensino de literatura, reforçando a importância dos debates sobre o tema e a sua consolidação na área de Literatura e Linguística. Aquela edição da ABRALIC estimulou um grupo de



pesquisadores a promoverem a reativação do GT Literatura e Ensino, criado no I ENANPOLL, na UFPR, em 1985. Assim, nosso Simpósio, parte integrante das ações do GT Literatura e Ensino da ANPOLL, convida pesquisadores a discutirem temas inerentes ao ensino da literatura no ensino superior, assim como nos níveis fundamental e médio. Destacamos que a orientação central deste Simpósio recai sobre o ensino como atividade relacional que envolve de maneira circular a teoria, a prática e a pesquisa. Muitos dos problemas do ensino – e não somente de literatura – situam-se no modo como os conteúdos são aplicados e discutidos em sala de aula e na ausência de correlação entre esses conteúdos e as experiências para além do universo escolar/acadêmico. Os saberes, em qualquer nível de ensino, devem ser produzidos e não reproduzidos; ainda hoje, eles são, de modo preponderante, disciplinarmente reproduzidos segundo uma organização que não é clara para os aprendizes e, muitas vezes, nem para os docentes. Assim, não há reflexão, não há compreensão (aqui, pensamos contiguamente à Hannah Arendt, para quem compreensão não é sinônimo de convencimento, porém de discernimento) na maioria de nossas salas de aula, o que dificulta e mesmo elimina a possibilidade de produção de conhecimento. Quando nos referimos à prática da pesquisa como ingrediente do ensino, ela é o *locus* propício para o desenvolvimento de posturas investigativas e compreensivas, enfim, críticas tanto no corpo docente quanto no discente, apresentando-se como catalisadora e antídoto à dispersão no processo ensino-aprendizagem. Adentrando no ensino de literatura, é preciso que se dê conta da materialidade dos objetos literários, inicialmente, *de per se*, encaminhando-se, a seguir, para seu caráter estético, advindo da percepção do observador/leitor, afinal, o processo que constrói a interpretação das obras literárias e, de modo geral, artísticas. Faz-se necessário que se abandone um determinado ensino de literatura baseado/consubienciado em uma historiografia literária de caráter, ainda, positivista e objetivista, o que, no mais das vezes, entroniza os dizeres dos “críticos especializados” (em geral, professores universitários) e deixa ao largo o leitor de primeira hora, seduzido *pelo* texto literário e não pelas resenhas/artigos/ensaios *sobre* o texto literário. É preciso prestigiar *o texto literário* e os leitores desse texto, muitas vezes também os atores aí representados. Como assevera Márcio Seligmann-Silva (p. 71), devemos pensar num dos desejos de Walter Benjamin, qual seja, o de arrancar os fenômenos “[...] da falsa continuidade cronológica e da cadeia de causas e efeitos, para inseri-los dentro de uma nova ordem que conecta diferentes agoras e revela, ao mesmo tempo, a interpretação objetiva desses fenômenos”. Nesse sentido, serão aceitos trabalhos que se afinem aos temas norteadores propostos para a organização do Simpósio, como: metodologias de leitura do texto literário; os estudos interartes e o ensino da literatura: interfaces e possibilidades; as questões da identidade e da outridade e o ensino de literatura; o ensino da literatura e a intertextualidade: singularidades e processos; estudos literários e gêneros literários; o ensino de literatura em relação com outras áreas do saber; os estudos de gênero e o ensino de literatura; o ensino de literatura no contexto do comparativismo; a lei 10.639/2003; o ensino da literatura luso-africana e afro-brasileira; o ensino de literatura e os novos estudos de recepção e hermenêutica intercultural; a literatura e a formação docente; o ensino de literatura na atualidade: o imanentismo e os fatores externos ao literário como suportes; relatos de experiências de ensino de literatura; o ensino de literatura e a formação do leitor crítico. Outros trabalhos que se norteiem pelo eixo de Literatura e Ensino também serão aceitos, ainda que não enumerados nos temas expostos, uma vez que a proposta de nosso Simpósio é construir e ampliar os debates já existentes, para que, por meio da reflexão

teórico-crítica da prática docente nas salas de aula de literatura, novas e transformadoras ações se concretizem.

#### REFERÊNCIAS:

- ARENDDT, Hannah. Compreensão e política. In: \_\_\_\_\_. *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Org. Antônio Abranches. Tradução Helena Martins *et al.* Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1993. p. 39-53.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. *A atualidade de Walter Benjamin e de Theodor W. Adorno*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. (Coleção Contemporânea: Filosofia, Literatura e Artes).

#### 54 - O FANTÁSTICO EM NARRATIVAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Coordenação: Claudia Fernanda de Campos Mauro (Unesp-Araraquara); Fernanda Aquino Sylvestre (UFU); Josilene Pinheiro-Mariz (UFCG)

Resumo: Na tradicional acepção de Todorov, o fantástico é um gênero evanescente, que se afirma por seu caráter de hesitação. De acordo com o teórico, a hesitação se faz presente na narrativa, expressa por meio da voz da personagem auto ou homodiegética, que leva o leitor também a um sentimento de hesitação. Para ele, o leitor é transportado para o fantástico, quando, em um mundo como o que vivemos, ocorrem acontecimentos peculiares, como a presença de vampiros, demônios etc. O que chama atenção na literatura fantástica é justamente o seu caráter ambíguo, tanto a crença absoluta, quanto a total incredibilidade afastam o leitor do âmbito do fantástico, que ocorre, então, na incerteza acima citada. O estranho, também para Todorov, estaria relacionado à ocorrência de acontecimentos insólitos, chocantes, extraordinários que, embora provoquem reações próximas às do âmbito do fantástico, podem ser explicadas pelas leis da razão. Além do fantástico e do estranho, Todorov define, ainda, o maravilhoso, como aquele em que os elementos sobrenaturais não provocam estranhamentos, sendo naturalmente aceitos pelo leitor. É importante ressaltar que o enraizamento no cotidiano é fato obrigatório para a noção de fantástico, pois só se considera algo insólito, quando ele é comparado com uma realidade não-fantástica. Pode-se considerar, então, que a ficção fantástica é uma obra aberta, que coloca em xeque a realidade, permitindo a efabulação do leitor pelas vias da imaginação. O fantástico trabalha tensionando o natural e o sobrenatural, o possível e o impossível, evidenciando a impossibilidade da linguagem em expressar o real. Ao tornar incompatível o natural e o sobrenatural, a obra literária fantástica põe em relevo as fissuras do modelo realista de representação. Para o teórico contemporâneo Roas (2014), a definição de Todorov (1992) do fantástico é vaga e restritiva, pois embora seja exemplar para classificar narrativas como *A outra volta do parafuso*, de Henry James, exclui muitas narrativas. Roas discute a importância do leitor para a concretização do fantástico, ressaltando que o gênero só existe com a participação do leitor, pois é preciso que ele confronte a história narrada com a realidade. Por isso, pode-se concluir que o fantástico depende sempre do que se considera como real e este sempre depende do que se conhece. Partindo dessas considerações, Roas afirma que ao se tratar as narrativas fantásticas, é necessário considerar os contextos culturais. Ceserani (2006) aborda alguns temas que permeiam a literatura fantástica, a saber: a noite, a escuridão, o mundo obscuro e as almas de outro mundo; a vida dos mortos; a loucura; o duplo; a aparição do estranho, do monstruoso, do irreconhecível; as frustrações do amor romântico e o nada. Nota-se que todos esses

temas levam o leitor ao campo do medo, da inquietação, já que suscitam algo de desconhecido, incontrolável, obscuro, não explicado pelas leis da razão. Ainda sobre essas noções, Spindler (1993) define três tipos de realismo mágico, a saber: o antológico, o antropológico e o metafísico. O antológico pode ser definido como aquele em que a antinomia entre o elemento racional e o mágico não recorre a nenhuma perspectiva cultural específica e o sobrenatural é apresentado de maneira realista sem se contradizer a razão, não necessitando, por isso, que os acontecimentos sobrenaturais sejam explicados. O de caráter antropológico é aquele que se remete à cultura de um povo ou de um grupo social. Por esse motivo, os narradores normalmente apresentam mais de uma voz, uma narrando de um ponto de vista racional, reafirmando o componente realista da diegese, e outra do ponto de vista daquele que crê no elemento mágico. Esse tipo de realismo mágico equivale ao que Carpentier (1995) chamou de realismo maravilhoso, entretanto Spindler considera a nomenclatura realismo mágico mais adequada ao que representa, já que não o restringe à América Latina, como acontece com o realismo mágico americano. O realismo metafísico, conforme lembra Spindler, tem suas raízes nas ideias do crítico de arte alemão Franz Roh, primeiro a utilizar o termo em um estudo acerca da pintura pós-expressionista alemã, publicado em 1925. Para Roh esse tipo de pintura funcionava como uma representação do mundo, sendo capaz de revelar o mistério oculto nos objetos comuns e na realidade cotidiana, como se o artista estivesse decifrando-os pela primeira vez. Roth apregoava um retorno à representação da realidade, sob nova perspectiva, sem restringi-lo a uma mistura entre a realidade e a fantasia. Como se pode observar, nessa breve exposição considerando alguns teóricos do fantástico, aqui entendido como um gênero amplo, o termo apresenta diversas vertentes: maravilhoso, realismo mágico, estranho, entre outros que não foram mencionados como o gótico, a ficção científica e a fantasia. Assim, a proposta deste simpósio é acolher comunicações que abordem o fantástico em suas diversas vertentes, tendo como *corpus* narrativas de línguas estrangeiras ou de línguas estrangeiras comparadas com a literatura brasileira.

## 55 - O IMPÉRIO DO SEXO: GOZOS LITERÁRIOS, LEITURAS PSICANALÍTICAS

Coordenação: Hermano de França Rodrigues (UFPB); Amanda Ramalho de Freitas Brito (UNEAL); Aristóteles de Almeida Lacerda Neto (IFMA)

Resumo: É na intersecção entre o perigo e a recompensa, na infração à lei e no contato com o proibido, que residem os encantos e sortilégios da pornografia. Ela nos afeta, devasta-nos e, ao mesmo tempo, torna-nos demasiadamente humanos, ao desnudar nossas fragilidades, ao escancarar as fantasias operantes em nossa sexualidade, ao denunciar as falências de nosso narcisismo (no laço com o pornográfico, quem é o senhor?), ao delatar a parte obscura de nós mesmos. Dimensão obscurecida pela moralidade, pela vida social, pelas restrições a que nos submetemos em favor de um ideal de conduta, sempre inacessível e fugaz. O paradoxo da pornografia é sua solidariedade com o tabu, compartilhando com este do horror e da veneração que lhe são próprios. Daí as aflições que se abatem sobre todo aquele que segue seus passos e envereda por seus territórios. Assim como a violação ao tabu consagra o infrator e, em concomitância, lança-o ao degredo, na medida em que o estigmatiza, fazendo-o ocupar o lugar de objeto odioso e execrável, o contato com a pornografia, de igual modo, metamorfoseia a mortalidade em heroísmo, desterritorializando o sujeito que, maculado

por seu ato, transforma-se em um ser abjeto e repulsivo. Essa ambivalência, antes de se converter em posições culturais, constitui a origem dos mais violentos e duradouros impulsos humanos. A fixação em um pólo ou outro, ou a oscilação entre um e outro (do horror à veneração, do sagrado ao impuro), demarca nossa atuação frente às concepções de sexo e de sexualidade, postas em relevo pelas experiências subjetivas com o corpo. Nas palavras do ensaísta e historiador da arte Alexandrian (1993), a pornografia segue o itinerário da carne, evidenciando sua fúria, sua beleza e seus prazeres. Sigmund Freud, em *Totem e Tabu* [1912-1913], expõe nossa vulnerabilidade ante os efeitos (des)agregadores das interdições. Afirma, inclusive, que “não existe povo e estágio de cultura que tenha escapado aos danos do tabu” (p.49). Tal reflexão nos ajuda a entender o processo de exclusão perpetrado pelas sociedades contra a experiência pornográfica. Embora o termo derive da língua grega e remeta aos escritos sobre prostitutas (do grego *porn(o)* = prostituta e *graphein* = escrita), a história da pornografia confunde-se, quiçá, com o surgimento dos primeiros grupos. A pré-história legou-nos um rico acervo de pinturas rupestres, em que o coito é representado em posições diversas, o que, sugere, no mínimo, uma tentativa de lidar com as forças libidinais. Certamente, o controle sexual não era tão aterrador e, com efeito, nossos antepassados incorreram no sexo, naturalizando-o conforme suas necessidades. Convém, por questões de hermenêutica, frisar que consideramos o erótico e o pornográfico como fenômenos que se imbricam, misturam-se e se confundem. A ligação é tão pujante que qualquer tentativa de separá-los está fadada ao fracasso. A diáspora a que foram, durante séculos, submetidos (e que, estranhamente acentua-se no contemporâneo) denota a moral perversa que, ainda, rege as sociedades, sobretudo as ocidentais, marcadas por ideologias religiosas e médicas, lapidadas ao engenho patriarcal e heteronormativo. Situar o erótico no espaço do sublime, do belo, da saúde e, em contrapartida, impor ao pornográfico as insígnias do grotesco, da feiúra e da patologia, diz, na verdade, de uma incapacidade ética e estética de lidar com o próprio desejo. O campo literário é testemunha dos esforços efetuados (e mal-sucedidos), a fim de reduzir esses “efeitos do agir humano” a um denominador comum. A depender da época e dos sujeitos, o erótico converte-se em pornográfico e vice-versa. É óbvio que não podemos apresentá-los como iguais, conformes, sinonímicos. A pornografia, além de conter tudo o que é erótico, concentra algo a mais, da ordem do irrepresentável, de um prazer mortífero, sedutor e inevitável. Transitando pelos meandros da chamada literatura licenciosa, deparamo-nos com obras que incorporam os signos da obscenidade, sem ressalvas nem pudor. Na alcova de suas páginas, refugiam-se as mais angustiantes cenas de tortura, perfilam-se os mais cruéis personagens e, por conseguinte, brotam as mais inescrupulosas e atraentes perversões. O espetáculo orgástico faz do corpo uma carnificina, uma obediência à fantasmática primitiva, uma travessia retilínea ao gozo. Resulta, dessas considerações, a proposta deste Simpósio Temático: congregar pesquisas (concluídas ou em andamento) que, numa interlocução entre literatura pornográfica/erótica e psicanálise, busquem analisar as dimensões representativas do sexo, de modo a compreender as imagens e os discursos que o cercam, bem como as configurações que assumem em determinado momento da história social e literária. Com vistas a enriquecer o debate e as discussões, as investigações podem debruçar-se sobre a poesia, o conto, o romance, a carta, a narrativa de viagem, entre outros gêneros.

#### REFERÊNCIAS:

ALEXANDRIAN. História da Literatura Erótica. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

- BATAILLE, Georges. O Erotismo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: Obras Completas, Volume 18. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- FREUD, Sigmund. Totem e Tabu. In: Obras Completas, Volume 11. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- HUNT, Lynn. A invenção da pornografia. São Paulo, Hedra, 1999.
- MCDUGALL, Joyce. As múltiplas faces de Eros – uma exploração psicanalítica da sexualidade humana. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- MORAES, Eliane Robert; LAPEIZ, Sandra M. O que é pornografia. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PRECIADO, Beatriz. Manifesto Contrassexual. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

## 56 - O SABER SOBREVIVER DAS LITERATURAS DO MUNDO A PARTIR DE UMA ABORDAGEM TRANSAREAL

Coordenação: Gerson Roberto Neumann (UFRGS); Victor Manuel Ramos Lemus (UFRJ)

Resumo: Em consonância com o comparatista alemão Ottmar Ette, o atual cenário mundial apresenta-nos uma possibilidade para repensarmos a Literatura, procurando fazer uma leitura obrigatoriamente mais ampla do que se entendeu por *Weltliteratur* em outro cenário. Nas palavras do Prof. Dr. Ottmar Ette, no texto *Die Transarealität der Literaturen der Welt. Lateinamerika zwischen Europa, Afrika, Asien und Ozeanien* [A transarealidade das literaturas do mundo. América Latina entre Europa, Ásia, África e Oceania], lemos:

as literaturas do mundo são polilógicas. O próprio termo ‘literaturas do mundo’ mostra que as formas de produção, de recepção e de distribuição da literatura, em escala planetária, não se alimentam de uma única ‘fonte’, não são reduzíveis a uma única linha de tradição – como à tradição ocidental, por exemplo. (ETTE, 2016, p. 13. Trad. do texto por Cláudia Pavan).

O termo *literaturas do mundo* aponta, ainda segundo Ette, nesse cenário, não mais para um entendimento mediador, dialógico – na melhor das hipóteses – entre o ocaso e o nascente, entre ocidental e não ocidental, mas para uma compreensão e vivência polilógicas de um saber que jamais pode ser reduzido a uma lógica única. A *Weltliteratur*, defendida pelo clássico alemão Johann Wolfgang von Goethe com veemência e obstinação contra o conceito de literatura nacional, pode ser descrita, sob um ponto de vista atual, como uma época que há muito já transcendeu seu apogeu histórico.

A literatura pode ser tomada como a expressão mais íntima de um grupo, de um povo, de um ser. Por isso, por ser a expressão mais íntima de uma comunidade ou de um indivíduo, entende-se que nela exista um emaranhado de relações complexas, as quais necessariamente se tenha que entender, pelo menos, para que seja possível uma aproximação a essa intimidade, para que possa existir uma con-vivência. Em torno da literatura há movimento, há vida que não para. A literatura é o movimento, levando consigo ou sendo parte carregada na fluidez do movimento do tempo. Acompanhamos mais uma vez o movimento de Ette no texto “Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos de Transareia”:

literatura é [...] um saber em movimento, cuja estrutura multilógica possui significativa importância para a sobrevivência do mundo do século XXI e o desafio de garantir a convivência na paz e na diferença. Também o jogo da literatura permite a continuidade de um pensar simultâneo em múltiplos contextos e lógicas culturais, sociais, políticas e psicológicas. (ETTE, 2016, 195-196)

A con-vivência na paz e na diferença merece destaque na citação acima, especialmente por nos encontrarmos em um momento de crise na leitura e na compreensão do outro no mundo que nos é comum. Fronteiras são edificadas em forma de muros e fortificadas das mais diversas formas, evitando contatos com o outro muitas vezes próximo. A busca pela sobre-vivência exige movimentos em diferentes direções, por vezes, com passagens traumáticas e dolorosas, mas que valem a vida. Para aqueles que edificam muros e fortificam fronteiras, esse ato é justamente um ato que busca a sobre-vivência. Os afastamentos para os extremos sempre valem como termômetros indicadores de que na sociedade algo não vai bem.

Em um cenário de movimento, a literatura ou as literaturas do mundo não podem estar sedimentadas em um cenário centralizado, nem dividido em dois mundos. Ao se tratar de literaturas do mundo, não se pode mais falar de um espaço, mas de espaços múltiplos, em movimento e sem morada definida.

Citando novamente Ette, na obra *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz* [EscreverEntreMundos. Literaturas sem local definido], ele afirma que a função da literatura – assim como da filologia – é tornar audível o que há muito se acreditava perdido (ETTE, 2005, p. 59). Pensando na figura do arquipélago cultural e/ou literário, a função é estabelecer o contato entre as ilhas, saber algo sobre elas, sobre sua história. Os espaços existem e surgem justamente quando há movimento, e como a literatura é um saber em movimento, como Ette afirmou acima, a dinâmica do movimento em torno de ilhas, inseridas em um sistema arquipelago, permite uma movimentação espacial de ida e volta, de contato e de refração, de destruição e de (re)construção, de (trans)passagem, de (re)conhecimento e (des)cobrimento de áreas num movimento transareal.

Em meio ao cenário de movimento e de des-locamentos, marcado por grandes movimentos migratórios em busca de sobrevivência, criam-se espaços de con-vivência e conflito, espaços de fricção. Os movimentos do Homem sempre foram marcados por deslocamentos para áreas que lhe oferecessem melhores condições de vida.

Propõe-se no presente simpósio temático, portanto, a discussão de uma literatura produzida em espaços de movimento, literaturas com traços de movimento e também a produção por parte de autores que circulem entre culturas, línguas, continentes, ilhas e nesses espaços produzem literatura. Em tal cenário, buscando-se tornar audível o que há muito se acreditava perdido, conforme Ette, deveríamos chegar naturalmente à discussão do conceito de literaturas do mundo.

#### REFERÊNCIAS:

ETTE, Ottmar. Die Transarealität der Literaturen der Welt. Lateinamerika zwischen Europa, Afrika, Asien und Ozeanien. In: Kopf, Martina / Seiler, Sascha (Hg.): *Komparatistische Blicke auf Lateinamerika und Europa*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2016, pp. 13-47.

\_\_\_\_\_. Pensar o futuro: a poética do movimento nos Estudos. *ALEA*, Rio de Janeiro. vol. 18/2, mai-ago. 2016b, p. 192-209.

\_\_\_\_\_. *ZwischenWeltenSchreiben. Literaturen ohne festen Wohnsitz.* Berlin: Kadmos, 2005.

## **57 - PARA ONDE CAMINHAM OS ESTUDOS LITERÁRIOS? REFLEXÕES SOBRE A CONSTITUIÇÃO E AS CRISES DA HISTÓRIA, DA CRÍTICA E DA TEORIA DA LITERATURA**

Coordenação: Constantino Luz de Medeiros (UFMG); Roberto Acízelo de Souza (UERJ)

Resumo: As reflexões sobre a história e a teoria da literatura envolvem questões fundamentais para os estudos literários, e pertencem igualmente a diversos outros campos das denominadas ciências humanas, tais como a sociologia literária, a filosofia da história, a estética, a filosofia da arte, a história das mentalidades, os estudos do discurso, a hermenêutica, a linguística, etc. Mais recentemente, ao envolver questões antropológicas e até mesmo bioéticas, a inter- multi-, pluri- e transdisciplinaridade tornou o campo dos estudos literários mais abrangente, muitas vezes a despeito do estudo mais aprofundado do texto literário tomado em si mesmo, isto é, nas suas próprias articulações internas. As múltiplas possibilidades de pesquisa e o experimentalismo intelectual das novas teorias – muitas vezes a repetição de antigas ideias com termos renovados – fazem dos estudos literários um campo de incertezas e de grande confusão teórica. No entanto, a exemplo do que se dá em outras áreas das ciências humanas, os estudos literários precisam delimitar claramente seu objeto e seus objetivos de pesquisa, bem como necessitam de certa organização metodológica e conceitual. Naturalmente, as controvérsias internas, as diferentes formas de abordar e de se conceber o que seja propriamente o literário faz dos estudos sobre teoria e história da literatura um dos campos mais controversos do saber universitário, o que, a par de seu lado desconcertante – especialmente para os que se iniciam na área –, também constitui uma qualidade notável, pela riqueza de possibilidades que oferece ao estudioso, que, a partir da reflexão sobre um problema literário específico, verá abrir diante de si instigantes possibilidades de conexões com as mais diversas disciplinas e com diferentes artes. Constituem assim os estudos literários não só o campo de atuação dos seus especialistas, mas também um centro de interesse de outros estudiosos, entre os quais filósofos, historiadores, poetas, ficcionistas, antropólogos, sociólogos, psicanalistas, linguistas, críticos de arte.

Após a preocupação com o conceito de gênio, as nacionalidades e o autor nas teorias pré-românticas e românticas do século XVIII; a importância do texto e de suas funções, nas correntes críticas do século XX, como a estilística e o formalismo russo; a era dos grandes manuais, como o *Teoria da literatura*, de Wellek e Warren; a decretada morte do autor, no bojo dos estudos pós-estruturalistas; a ênfase colocada pela Escola da Recepção no horizonte de expectativas, na distância estética e no efeito produzido sobre um suposto público; o desenvolvimento do conceito de intertextualidade; a expansão da compreensão de textualidade para além dos limites do propriamente literário, com os estudos culturais e as novas tendências críticas (aí compreendidas, entre outras orientações, a crítica feminista, o pós-colonialismo, os estudos de gênero e de identidades étnicas), a questão que se coloca mais uma vez é: para onde caminham os estudos literários?

A ideia do simpósio, desse modo, é especular sobre essas alternativas múltiplas, agrupando pesquisas sobre problemas de história, crítica e teoria literárias, bem como

sobre questões pontuais, desde que reflexivas, isto é, desde que problematizem seus próprios fundamentos conceituais, conduzindo a considerações de ordem teórica. Serão acolhidos, pois, estudos ou projetos sobre tópicos como: aspectos diacrônicos da história, da crítica e da teoria da literatura; fundamentos conceituais dos estudos literários; poéticas; relações inter-, multi-, pluri- e transdisciplinares, no domínio dos estudos literários e das humanidades em geral; comparativismo; reflexões sobre ensino de literatura; tendências e correntes atuais dos estudos literários; metodologias de análise literária; problemas de tradução; texto poético; texto narrativo.

## 58 - PERSPECTIVAS DA FICÇÃO PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Coordenação: Gabriela Silva (PUC-RS); Evelyn Blaut Fernandes (UFRJ)

Resumo: Considerando a transversalidade entre os objetos do estudo da literatura contemporânea portuguesa e reconhecendo a sua pluralidade, este Simpósio recebe trabalhos para comunicação a respeito de temas recorrentes nas obras literárias produzidas em Portugal no final do século XX e no século XXI. Resultado das relações de construção ficcional e do percurso sócio-histórico, essas obras geram novos sentidos e configurações de apreensão e representação do *real*, fazendo da literatura portuguesa uma forma particular de aproximação e entendimento de momentos importantes do país em seu singular contexto histórico e nas interações com o mundo. Jacinto do Prado Coelho, em *A originalidade da literatura portuguesa* (1977), atribui temas recorrentes ao longo do tempo: saudade, amor, vocação histórica, identidade nacional e nostalgia, entre outros traços constitutivos. Também Eduardo Lourenço, em *Mitologia da saudade: seguido de Portugal como destino* (1999), comenta o eterno retorno da literatura portuguesa aos temas ligados à sua origem e à sua história como fonte incansável de proposições. João Barrento, em seu último livro de ensaios *A chama e as cinzas – um quarto de século de literatura portuguesa* (1974-2000), aborda algumas problemáticas intrínsecas à ficção portuguesa produzida neste período que se originam ao pensarmos sobre os novos desafios sociais, mudanças de paradigmas técnico-científicos e transformações culturais globais. Segundo o autor, pode-se entender melhor “o lugar social, cultural e curricular da Literatura Portuguesa hoje e da literatura portuguesa de hoje, num Portugal europeu em plena crise de identidade, crescendo e perdendo-se de si no meio de contradições que derivam do embate entre realidades constitutivamente pré-modernas e momentos de uma pós-modernidade assimilada à pressa” (2016, p.179). No entanto, a literatura produzida nos séculos XX e XXI instaura, para além da permanente revisitação histórica (ainda hoje pertinente nos estudos literários por se tratarem de vozes de extrema importância como contraponto e sustentação do não esgotamento dos referidos temas), a concepção da amplitude do sujeito português decorrente de uma ficção que procura a expansão de seus temas. Assim, pensar a literatura portuguesa contemporânea é perceber todas as suas modificações desde finais do século XX, sobretudo a construção de um novo sujeito que emerge do âmbito literário e desloca-se em fluxo contínuo e paradigmático em relação à sua própria cultura, configurando-se como leitor de um mundo externo ao seu, ou ainda um mundo pertinente ao entendimento do seu próprio universo histórico e social, vivenciado através de experiências particulares ou coletivas. No período delimitado como recorte temporal para a formação de um *corpus* de autores e obras, essas modificações alinhadas às constantes transformações da própria literatura têm sido demarcadas e estudadas sob diversos focalizadores numa tentativa de construir poéticas singulares na ficção portuguesa. Dentre a diversidade de pesquisas no universo da



ficção contemporânea que compreende novas leituras, tendências, teorias, deslocamentos de estruturas, paródias e revisitações de temas já conhecidos, além de estudos sobre poéticas, vertentes, vozes, percepções do sujeito e temáticas voltadas para a compreensão da realidade histórica contemporânea, são também aceitas propostas de comparação com obras de épocas anteriores, não apenas presentes nos sistemas literários como também na interação da arte da palavra com as demais artes e áreas do conhecimento. Neste sentido, serão aceitos trabalhos que visem à discussão da atualização de temas nas obras do período delimitado sob os pontos de vistas da intertextualidade, do cânone, da experimentação e do comparatismo. Na proposta de comunicação recomenda-se constar a metodologia de trabalho e o quadro teórico de fundamentação.

### **59 - POESIA E CANÇÃO HOJE: IDENTIDADES E POSSIBILIDADES**

Coordenação: Robson Tinoco (UNB); Sergio Bento (UFU)

Resumo: São conhecidas as complexidades da imbricação entre canção e poema. A primeira, largamente popularizada a partir da segunda metade do século XX, é por vezes relegada ao limbo da “indústria cultural”, tendo seu status literário questionado; o segundo, desde a modernidade, tem se fechado em um obscurantismo hermético que o encastela em pequenos círculos de “iniciados”. Com o impacto midiático da escolha de Bob Dylan ao prêmio Nobel de Literatura em 2016, além da proliferação de estudos ressaltando a performance como sua origem comum, ainda em sociedades orais (FINNEGAN, 1992; ZUMTHOR, 2010), ambas as manifestações vêm sendo confrontadas comparativamente em uma chave menos excludente. Longe de definições que incidam em um reducionismo hierárquico, ou ainda que promovam uma mutilação de elementos intrínsecos à obra (como analisar uma letra de música despida de sua melodia, tornando-a um suposto poema), essa recente linha investigativa busca no conceito de “voz” um ponto focal de similitude, o que abarca a multimodalidade propiciada pelas tecnologias computacionais e digitais. Assim, desbotam-se as fronteiras entre poesia, canção, performance, teatro e artes visuais, em um hibridismo de suportes que marca e define o contemporâneo.

No Brasil, a importância sociocultural da MPB (TATIT, 2004) – sua mescla de densidade política, verve paródica, inocência otimista, enfim, uma “gaia ciência”, na certa expressão de José Miguel Wisnik (2004) – levou autores a naturalmente transitar entre os diferentes universos de criação a partir dos anos 60 (ressalvada a relevância de Vinícius de Moraes como um fundamental precursor), com os poetas ligados à geração dita marginal, influenciados pelo Tropicalismo e sua “elucidação conceitual” da música popular feita no país (CICERO, 2005). Nomes como Torquato Neto, Capinan, Paulo Leminski e Waly Salomão apresentam obras consistentes tanto como poetas publicados em livros quanto como letristas; artistas multimídia, como Arnaldo Antunes, Augusto de Campos, André Vallias e Érica Zíngano, especialmente desde a década de 80, fundem palavra, música, voz, cor e movimento em objetos artísticos dinâmicos de difícil classificação; a partir dos anos 90, a ascensão do RAP, primordialmente na periferia de São Paulo, lidera o surgimento de coletivos literários e de uma profícua produção poética a partir de espaços marginalizados na cena artística canônica; além disso, compositores musicais consagrados, como Caetano Veloso e Chico Buarque, não apenas produzem literatura *per se*, como são largamente referendados pela crítica.

Concomitantemente a tais relações e sobreposições, porém, persiste a publicação de poesia impressa no objeto livro, bem como o lançamento de canções populares, ambas convivendo com a situação limítrofe de suas formas “tradicionais” no novo século. Nos dois casos, prevalece a constante percepção de risco, de inadequação e de exaustão de possibilidades. É extensa a discussão sobre os rumos da lírica e sua viabilidade de existência em um mundo como o contemporâneo – de apagamento e fragmentação de identidades, de hiperaceleração do tempo e de acirramento do pragmatismo cotidiano –, o que lhe confere um modo de sobrevivência por meio da permanente situação de crise (SISCAR, 2010) e de autoquestionamento. Do mesmo modo, o RAP posto como uma “anticanção”, negação da impositação melódica que subverte a música popular, tem suscitado hipóteses de esgotamento do gênero nos dias atuais, seja por críticos como José Ramos Tinhorão, seja por compositores como Chico Buarque.

Dessa forma, o presente simpósio pretende estabelecer um espaço de discussão em que sejam levantadas e aprofundadas questões pertinentes ao escopo proposto: relações fronteiriças entre música e poesia, deslizamentos conceituais, hibridismos e novas formas, sempre pensados em função da contemporaneidade. Serão aceitas comunicações que:

- a) proponham um debate teórico entre o estatuto estético da canção e do poema, a partir de similaridades e diferenças, bem como reflitam sobre a sua viabilidade no mundo contemporâneo;
- b) apresentem estudos comparativos entre poemas e canções, suscitando os temas acima abordados;
- c) sugiram retomadas panorâmicas da canção e/ou da poesia brasileira recente e contemporânea;
- d) levantem questões limítrofes entre multimodalidades artísticas que contenham o elemento vocal, em meios digitais ou não;
- e) exponham estudos de caso de compositores e/ou poetas recentes e contemporâneos, preferencialmente brasileiros.

#### REFERÊNCIAS:

- CICERO, Antonio. O tropicalismo e a MPB. In: \_\_\_\_\_. Finalidades sem fim. pp. 54-72. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- FINNEGAN, Ruth. Oral poetry: its nature, significance, and social context. Bloomington: Indiana University Press, 1992.
- SISCAR, Marcos. Poesia e crise: ensaios sobre a "crise da poesia" como topos da modernidade. Campinas: Unicamp, 2010.
- TATIT, Luiz. O século da canção. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- WISNIK, José Miguel. Sem receita. São Paulo: Publifolha, 2004.
- ZUMTHOR, Paul. Introdução à poesia oral. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

#### **60 - POESIA E POLÍTICA - O COMUM, A COMUNIDADE E OS AGENCIAMENTOS COLETIVOS**

Coordenação: Gustavo Silveira Ribeiro (UFMG); Luiz Guilherme Ribeiro Barbosa (Colégio Pedro II)

Resumo: Mais do que as outras expressões literárias do nosso tempo, a poesia se faz a partir das muitas formas da vida coletiva, das experiências grupais, dos agenciamentos

de classe e das forças mobilizadas por múltiplos sujeitos, que se reúnem e se dispersam para criar, difundir, publicar e mesmo consumir o texto poético. Com ênfase especial no período moderno, mas não restrita apenas a ele, a história da poesia no Ocidente é também a história dos muitos coletivos e agrupamentos de poetas, dos inúmeros movimentos literários surgidos em torno deles e da organização, mais ou menos consciente e estudada, de uma **cena poética** – conjunto de pessoas e instituições que, envolvidas nos vários processos que envolvem a vida da poesia (escrita, performance, recitação, leitura, edição, distribuição). Das habitações comunitárias dos surrealistas franceses às diatribes anti-*establishment* do infrarrealistas mexicanos, das experimentações do OULIPO à cena do *Slam Poetry* nos Estados Unidos, exemplos não faltam que podem confirmar, na própria variedade de suas inserções e práticas, a centralidade do elemento coletivo no campo da poesia. No Brasil, por sua vez, pelo menos desde o Movimento Modernista (em sua primeira época uma ação fundamentalmente de poetas), passando pela vanguarda Concreta e Neoconcreta, até os muitos círculos da Poesia Marginal dos anos 1970 (que atuavam, em certo sentido, como guerrilhas de papel, passando ao largo dos circuitos tradicionais de escrita e publicação), a atuação dos coletivos se revelou decisiva tanto para a elaboração e maturação das propostas estéticas postas em jogo – que se alimentavam do embate a da diversidade de perspectivas – quanto para a atuação política desses mesmos grupos, que em nenhum momento foram apenas expectadores do teatro da História, intervindo sobre ele constantemente, tomando a frente do palco e modificando – ou pelo menos propondo radicalmente – a mudança das regras e das convenções da vida em curso. No curso das últimas décadas, no território amplo daquilo que se vem denominando como espaço contemporâneo, a presença dos coletivos de poesia e a sua importância para a cena têm sem revelado bastante grande, ainda que a dinâmica do funcionamento dessas engrenagens permaneça completamente desconhecida ou pouco estudada. Seja pelo destaque que os grupos minoritários organizados têm tido no cenário político atual (no Brasil e fora dele), seja pela experiência de intensa fragmentação que o tecido social – e também o campo das artes – tem conhecido nos anos mais recentes, seja ainda reorganização dos encontros e agenciamentos promovidos pela cultura digital e pelos fluxos em rede que hoje atravessam, se não mesmo determinam, a existência de todos, o fato é que cada vez mais o fenômeno poético no país se dá a partir da atuação de instâncias comuns, aparatos plurais capazes de atrair criadores e fomentar a inserção na arena pública da voz da poesia, seu contradiscurso desregulador. A afirmação das pequenas e médias editoras de poesia, o surgimento de grupos e movimentos novos, a reorganização massiva dos saraus e das leituras públicas, na Universidade e nas periferias das grandes cidades, a proposição, enfim, de plataformas comuns de atuação (que são, entre outras, pautas que vão das demandas identitárias de visibilidade e inserção comunitária de sujeitos marginalizados até a exploração, ao modo das vanguardas do século passado, dos desejos de renovação da forma poética, com ênfase especial na figuração do corpo e da voz, da performance mesmo como questão fundamental da poesia) – tudo isso configura algo que poderíamos chamar um devir-coletivo na poesia brasileira do presente, dado que vem reativando o **ethos** comunitário, a potência multitudinária (logo inquieta e desviante, posto que não restrita apenas ao confinamento do eu e do indivíduo) que sempre percorreu e informou a poesia em todos os tempos, e que no país agora se faz urgente e explosiva. Tendo em mente esse estado de coisas e levando em consideração a amplitude e a importância do tema para a compreensão da produção poética recente, e até aquela feita décadas atrás, em outros regimes discursivos e outras configurações sociais, gostaríamos de acolher, no presente

Simpósio, trabalhos que procurem discutir a história, o lugar, os sentidos e as perspectivas da relação entre poesia e agenciamentos coletivos, no Brasil e em outros países. Textos que possam repensar a poesia das vanguardas, que procurem reconstituir o papel e os lugares de atuação dos grupos na criação poética moderna, que possam se debruçar, no caso brasileiro, sobre as contribuições e limites do CPC, da Poesia Marginal, dos grupos de vanguarda; que procurem pensar os muitos coletivos e agrupamentos do presente, dos saraus da periferia às leituras feministas, das revistas eletrônicas às formações multidisciplinares que vem tentando produzir poesia de extração política entre nós, nas diversas maneiras que essa tarefa pode assumir.

## 61 - POESIA E TRANSGRESSÃO

Coordenação: André Cechinel (UNESC); Cristiano de Sales (UTFPR)

Resumo: O arlequim que Mário de Andrade nos apresenta em muitos momentos de sua *Paulicéia Desvairada* opera de maneira precisa na proposição de uma estética modernista para a literatura brasileira. O modo como esse personagem aparece dentro da outra personagem, São Paulo, evoca um dos temas mais caros ao grupo que se empenhou na utopia modernista da década de 1920, a saber, o devaneio. Este, que carregava também um desejo de liberdade ganhou corpo em versos harmônicos – uma invenção formal de Mário. Essa refinada artimanha de amalgamar forma e conteúdo não apenas colocou o poeta paulistano no centro do movimento como também revelou um potente modo de transgredir. A transgressão, sabemos, ocupa lugar cativo nas tentativas de teorização acerca do modernismo. No entanto, não se pode baratear esse conceito no mero sentido de desvio ou negação de um sistema em curso (seja este sistema estético ou ideológico), pois, como fez o autor de *Macunaíma*, transgredir consiste sobremaneira em estabelecer contato com a tradição da qual se intenta libertar. Modificar algo num sistema demanda transformação e não se transforma nada encerrando a dialética entre a herança material-cultural e o novo que se pretende fazer aparecer.

O ser contemporâneo de Agamben não é o que vê os limites do tempo e o nega, mas sim aquele que estabelece dialéticas distintas e desestabiliza o dispositivo do tempo. Por isso o arlequim de *Paulicéia* tentou cantar na cidade e foi levado pela polícia, porque seu canto não compunha mais melodias como queria a industrialização moderna que tomava conta da cidade, seu canto fazia harmonias com outros desejos, outros sonhos, oferecia outro ritmo. A transgressão estava em se permitir devanear. Ela é uma das principais potências do que chamamos modernismo em literatura. É uma potência que nos faz hoje acreditar que é característico da poesia transgredir.

Tendo em vista o cenário maniqueísta que se transformou a arena pública dos debates que tocam a política no Brasil hoje, e que esse binarismo chegou a colocar objetos de arte no centro de uma discussão antes moralista do que estética, queremos com esse simpósio colocar em questão o caráter transgressor da poesia nos meios em que ela ainda opera (e isso inclui espaços instituídos, como universidades e escolas, e não instituídos, como circuitos que independem do academicismo). Tendo em vista também que vivemos hoje cenários muito antes distópicos do que o cenário utópico que sedimentou o ato de transgredir como marca da poesia, queremos discutir a transgressão em diferentes momentos históricos, abrindo, com isso, espaço para estudiosos dos diferentes períodos e tradições poéticas.

Seja pelo inutensílio de Paulo Leminski – para quem a rebeldia era um bem absoluto que se manifestava na linguagem por meio da poesia –, ou pelos corpos riscados de Ana Cristina Cesar – onde o contorno de um seio e os traços da escrita de um poema se

confundiam na tentativa angustiada de não separar a poesia da vida –, ou ainda na assumida luta inglória com o corpo da linguagem a que se entregou Ferreira Gullar, o rastro estendido no tempo que faz de certas escritas algo canônico (mesmo que em princípio à margem) parece trazer sempre a cicatriz de uma subversão num sistema operante. Mesmo quando nos afastamos das constelações de Mallarmé ou da postura mais radical de Rimbaud, encontramos vozes que permaneceram no tempo e no espaço porque desestabilizaram algo, não legitimaram o *status quo* da vida ou da literatura. E isso não é um mérito moderno, ocorre desde muito antes das interpretações românticas que damos à história da literatura.

Enquanto Baudelaire parecia entender e explicar algo da Modernidade com seu cisne atordoado no asfalto, ou com a passante que desperta paixões à última (e não à primeira) vista, Walt Whitman libertava o verso com eloquência contagiante. Rilke equilibrava conteúdo e forma de maneira cirúrgica não para dizer o que fazia a poesia moderna, mas para escancarar justamente o que as teses sobre a lírica moderna não davam conta de explicar. De certo modo foi o que fez também o marujo Neruda que não cessou de sonhar e se fazer lírico, ou Hilda Hilst que ousou fazer de deus uma via de acesso sensorial (sensual) e não um fim. Cecília, que transgrediu a objetividade triunfante de Drummond para assumir-se só e afinada com uma subjetividade ibérica...

Enfim, o que entrelaça esses poetas todos na mesma carne, ou campo, é o fato de não terem deixado estabilizar algo (estético ou ideológico). Isso também o faz quem se exprime em outras linguagens (Miró lido por João Cabral). Por isso queremos com esse simpósio não apenas homenagear os que já o fizeram, mas também ver posto em movimento obras e leituras que nos permitam debater novamente com quais dialéticas queremos nos comprometer em cenários tão ideologicamente estanques.

#### REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. *A ideia da prosa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião 23 Livros de Poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERARDINELLI, Alfonso. *Da poesia à prosa*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- CESAR, Ana Cristina. *Poética*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GULLAR, Ferreira. *Toda Poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2015.
- HILST, Ilda. *Exercícios*, São Paulo: Globo, 2002
- MEIRELES, Cecília. *Viagem*. São Paulo: Global Editora, 2012.
- NETO, João Cabral de Melo. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Niva Aguilar, 1999
- RILKE, R. M. *Poemas*. (Edição bilíngue). Tradução Geir Camos. São Paulo: Luzes no Asfalto, 2010.
- WHITMAN, Walt. *Folhas de Relva*. Tradução Bruno Gambarotto. São Paulo: Hedra, 2011.

#### 62 - POR UMA ABERTURA DE HORIZONTES – LITERATURA E PRODUÇÃO DE OUTROS MODOS DE VIDA

Coordenação: Antonio Carlos Sobrinho (UNEB/Unijorge); Rodrigo Matos de Souza (UNB)

Resumo: Os tempos de agora, à semelhança de um passado que retorna, desvelam-se agônicos. Em curso, a capilarização de padrões (ultra)conservadores de pensamento em posições de poder nas esferas executiva, legislativa e judiciária, além de em espaços estratégicos de influência, a exemplo de canais e perfis, com elevados números de jovens seguidores, em plataformas virtuais como o *youtube* e o *facebook*. Os discursos produzidos por este campo ideológico se caracterizam por fechamentos e por recrudescências, orientando uma prática política e um policiamento moral violadores da dignidade de grupos divergentes, não irmanados à reduzida lógica do *status quo* – além de, não raro, ceifar estas vidas. Identidades predatórias, para fazer uso de uma formulação de Arjun Appadurai (2009), formam-se e exercem-se neste processo, solicitando o extermínio físico e/ou simbólico daquilo que se apresenta como diferença e, portanto, na condição de uma ferida narcísica desestabilizadora de qualquer pretensão à homogeneidade, este ideal fundante da Nação. A despeito da formatação oficial de um *ethos* brasileiro aludir à tolerância e ao conagraçamento como aspectos característicos da vida nacional, o que não passa de um artifício para invisibilizar as fraturas internas que nos formam, as marcas fundacionais deste território constituem-se no exato oposto: o Brasil se organiza na e pela violência; opera através da exclusão. Censura. Reprime. De fato, os últimos desdobramentos do cotidiano político e sociocultural brasileiro reafirmam a leitura empreendida por Marilena Chauí (2000), qual seja, a de que somos uma sociedade autoritária. O cenário é, pois, crepuscular. No entanto, Georges Didi-Huberman (2011) ensina que, por mais avançadas e poderosas que sejam as tecnologias mobilizadas para a produção de silenciamentos e de extermínios, há sempre algo que escapa, como um pequeno e errático vaga-lume – metáfora que aponta para a possibilidade de formas outras de vida que não aquelas autorizadas e legitimadas pela ordem imperante. Formas sobreviventes. Formas rasurantes. A parca luminescência destes seres, incapaz de produzir cegueiras, é inversa à potência que eles detêm de reconduzir esperanças e de inspirar resistências. Com efeito, é uma demanda do contemporâneo, na acepção que Giorgio Agamben (2009) dá ao termo, a busca por estes caminhos erráticos e desviantes, a dança-voo dos vaga-lumes, como uma estratégia política de sobrevivência e luta ante estruturas de pensamento e ação social que historicamente se revelam produtoras de morte. A busca pela luminescência dos vaga-lumes pode encontrar um importante atalho se atenta ao que Michel Foucault (2001) designa por heterotopias, isto é, territorialidades que operam sob lógicas diversas daquela estabelecida como hegemônica, de modo que a tensionam e apontam para outras sociabilidades e para outras epistemologias possíveis. As heterotopias podem funcionar como espaços de morada, acasalamento e reprodução dos vaga-lumes; são relicários de sua diferença e da potência de vida que deles emana. Acreditamos que a literatura, este devir-outro da língua, como a define Gilles Deleuze (2013), pode ser simbolicamente pensada como uma heterotopia na qual pequenos conteúdos vaga-lumes talvez sejam encontrados. Isto pensando tanto na construção interna do universo ficcional ou poético quanto, noutro plano, no entrelaçamento arte/corpo/vida que se realiza como performance. Afinal, entre outras nove anotações, Roland Barthes (2004, p. 102) destaca, como razão para o ato de escrever, “[...] contribuir para fissurar o sistema simbólico de nossa sociedade”. Neste sentido, a proposta que elaboramos para este simpósio reivindica, sobretudo, que engajemos nossos pensamentos na reflexão e na discussão crítica acerca dos descaminhos trilhados por nosso tempo. A literatura, aqui pensada em um sentido amplo e não restrita a demarcações nacionais, é o nosso meio para tal exercício. Não se trata, porém, de focalizar discursos denunciativos dos erros em que vivemos, mas, englobando-os e indo além, observar a possibilidade de

uma abertura de horizontes para formas de vida que escaparam à docilização de seus corpos e devieram outras, produzindo modos diversos e novos de ser, estar e relacionar-se com o mundo – e “novo” aqui não significa algo absolutamente inédito, mas formas que engendrem impactos, rupturas e reversões em relação à ordem estabelecida. As proposições de trabalho para este simpósio podem estar filiadas ao corpo de pensadores aqui utilizado, suplementá-lo ou assumir outras amizades teóricas. Serão acolhidas desde que se dediquem a visibilizar e discutir modos outros e possíveis de vida; abrir alternativas. Com isso, almejamos construir solaridades e demarcar, não importando a força que se instaure sobre nós, a possibilidade de nossa própria sobrevivência. Apesar de tudo.

#### REFERÊNCIAS:

- AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo? In: \_\_\_\_\_. O que é o contemporâneo? e outros ensaios. Tradução de Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009. p. 55-76.
- APPADURAI, Arjun. *O medo ao pequeno número*. Ensaio sobre a geografia da raiva. Tradução de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2009.
- BARTHES, Roland. Dez razões para escrever. In: \_\_\_\_\_. *Inéditos*. Vol. 1 – Teoria. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 101-104. (Coleção Roland Barthes).
- CHAUÍ, Marilena. *Brasil*. Mito fundador e sociedade autoritária. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.
- DELEUZE, Gilles. Literatura e vida. In: \_\_\_\_\_. *Crítica e clínica*. Tradução de Peter Pál Pelbart. 2.ed. São Paulo: 34, 2013. p. 11-18.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. *Sobrevivência dos vaga-lumes*. Tradução de Vera Casa Nova e Márcia Arbex. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- FOUCAULT, Michel. Outros espaços. In: MOTTA, Manoel da. *Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. Tradução de Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001. p. 411-422. (Coleção Ditos & Escritos, v. III).

### 63 - POÉTICAS (MARGINAIS) DA LITERATURA BRASILEIRA NO SÉCULO 21

Coordenação: Camila Morgana Lourenço (UNIVALI); Jair Zandoná (UFSC); Marcio Markendorf (UFSC)

Resumo: Questionar o significado de literaturas e/ou poéticas marginais nas primeiras décadas do século 21 em território nacional afigura-se uma tarefa crítica produtiva, se não urgente, e essencialmente desafiadora aos estudos literários contemporâneos. Afinal, depois de vagas de desconstrução do cânone — masculino, branco, heterossexual, classe média — e do novo cenário editorial brasileiro — no qual vigora a “fertilidade” de que trata Beatriz Resende (2008), da facilidade de autopublicação ao *boom* das editoras independentes —, o que deveria ser considerado fora do centro?

A provocação aqui lançada não pretende afirmar que os problemas de hierarquia, autoridade e consagração literária foram resolvidos, pois, de longe, estão — inescrutáveis, pela sua natureza, que são. O simpósio prevê constituir um espaço de reflexão no qual seja possível discutir as vertentes da marginalidade contemporânea — mais receptivas pela crítica após, por exemplo, os fenômenos mencionados. Pois, se nos anos de 1980, o caráter marginal no país era atribuído aos poetas da geração mimeógrafo, aos escritores cuja literatura em cima da experiência pessoal e do cotidiano

social era o motor construtor e aos que faziam uma espécie de releitura tupiniquim híbrida da seara *beat* e confessional americana, quais seriam as marcas da nova margem literária segundo a academia?

Uma vertente “marginal” a ser discutida, por exemplo, são as condições da mulher artista/escritora no cenário do cânone. Afinal, sabemos que, apesar dos avanços do movimento feminista, ainda não se pode falar de um tratamento isométrico no campo estético. Neste contexto, Susana Bornéo Funck, em “Mulher e literatura”, texto originalmente publicado na década de 1980 e depois reunido em “Crítica literária feminista: uma trajetória” — volume que congrega textos produzidos pela autora nos últimos decênios e atesta seu longo percurso acadêmico de intelectual feminista —, discorre, entre outras questões, sobre a premissa de que haveria um padrão “literário universal, descorporificado e assexuado”, o qual seria defendido tanto por homens quanto por mulheres, tendo em vista que “uma experiência considerada especificamente feminina não pode[ria] representar a experiência humana” (FUNCK, 2016, p. 20). Além disso, vale retomar a ideia de que, na cultura ocidental, coube à mulher a categoria de “musa inspiradora”, de criatura, e jamais de criadora, tal qual observou Norma Telles em “Autor+a”: “a tradição estética definiu o dom da criação como essencialmente masculino [...], o artista é progenitor e procriador de seu texto — um patriarca estético.” (TELLES, 1992, p. 51). Então, se não há um cânone sem gênero, tampouco simétrico, as ficções produzidas por mulheres ainda são vistas como periféricas em nosso tempo?

Dentre outras possibilidades de abordagem, a princípio pode-se pensar em um simpósio que congregue as seguintes apostas de crítica, sob o ponto de vista da literatura comparada: a produtividade fora do consagrado eixo Rio de Janeiro-São Paulo; o “levante” de uma literatura engajada, lgbt ou *queer*; a discussão em torno da literatura negra e/ou produzida nas periferias dos grandes centros; o florescimento do fantástico e da cientificação em contraponto à tradição realista da literatura brasileira; a expansão de plataformas *online* e de ferramentas de leitura em meio digital, bem como a construção de ficções digitais. Toda essa diversidade se quer parte das discussões que este simpósio temático pretende suscitar, entre outras possibilidades igualmente bem-vindas.

Sobretudo porque, ainda na esteira de Beatriz Resende (2017), não é demasiado lembrar que a literatura brasileira no e do século 21 se insere, inadvertidamente, no espaço das trocas globais, motivada pela interação, pela devoração e pelo trânsito livre de poéticas, vozes e formas. Enquanto resultado da circulação das artes, é que essa literatura — e não apenas — é produzida, divulgada, consumida de diferentes formas e por meio de suportes variados; tal qual as artes globalmente contemporâneas. Pois, à medida que a arte vai se modificando para assumir e/ou introduzir outras poéticas, é possível perceber a perda e a especificidade de cada linguagem, uma vez que “música, literatura, cinema, teatro, *performances*, artes visuais, intervenções em espaços públicos ou *design* recorrem a novos formatos expressivos que esbatem progressivamente as especificidades de suas linguagens. Evidentemente, essas manifestações culturais, novas ou usuárias de novos suportes, requerem novas epistemologias para suas apreensões e análises.” (RESENDE, 2017, p. 08-09).

De fato, é a partir dessas novas cartografias e poéticas — ou do que pretensamente pode ser lido com lentes capazes de detectar e defender o marginal enquanto potência criativa, possibilidade artística, manifestação estética de “um tempo”, de “um povo”, de “uma cultura” —, mobilizadas por fluxos culturais diversos, movedições, virtuais, é que este simpósio temático busca pensar e/ou fertilizar os estudos literários contemporâneos e o seu devir sem fim.



## REFERÊNCIAS:

- FUNCK, Susana Bornéo. Mulher e literatura. In.: \_\_\_\_\_. *Crítica literária feminista: uma trajetória*. Florianópolis: Insular, 2016, p. 19-26.
- RESENDE, Beatriz. A literatura brasileira na era da multiplicidade. In.: \_\_\_\_\_. *Contemporâneos – Expressões da Literatura Brasileira no Século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2008, p. 15-40.
- RESENDE, Beatriz. *Poéticas do contemporâneo*. Rio de Janeiro: E-galácia (edição digital), 2017.
- TELLES, Norma. Autor+a. In.: JOBIN, José Luis (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da Literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992, p. 45-63.

**64 - POÉTICAS DO CERRADO: CULTURA POPULAR, LITERATURAS DE CAMPO E GEOPOESIA EM DIÁLOGOS POLIFÔNICOS**

Coordenação: Augusto Rodrigues da Silva Junior (UnB); Ana Clara Magalhães de Medeiros (IFG)

Resumo: Investigar a literatura despontada no Cerrado tem sido esforço conjunto de pesquisadores do Terceiro Milênio. Pensadores que escutam as vozes populares, experimentam performances culturais e analisam poemas, canções e rastros das artes do centro, do oeste e norte brasileiros. Consideramos essencial a proposição de Simpósio que discuta os “dramas, campos e metáforas” (TURNER, 2008) que perfazem as poéticas do cerrado e as expressões pulsantes das literaturas de campo.

Ao tratar de “literaturas de campo” evocamos um fazer artístico que parte de espaços plurais, participa das dinâmicas inacabadas da cultura popular e se dissemina no âmbito da transdisciplinaridade. Entendemos que a Literatura Brasileira continua em *formação*. Partindo desta perspectiva, pretendemos dinamizar os modos de representação das culturas populares e popularizadas, bem como os modos menos canonizados da expressão cultural.

Assim, este Simpósio constitui-se como lócus de problematização do cânone internacional e nacional, de certa hegemonia cultural e intelectual do “Sul” brasileiro, além de se lançar como arena, sobretudo, para reflexão e difusão de poéticas sistematicamente silenciadas: literaturas do interior, de comunidades quilombolas, de resistências indígenas, de ambientes rurais ou de pequenas cidades, *invisíveis* cidades (CALVINO, 2000; SILVA JR, 2003).

Agregamos, ainda, os estudos de geopoética e de geocrítica em diálogo com investigadores brasileiros da cultura (Darcy Ribeiro, Carlos Rodrigues Brandão, Hermilo Borba Filho, dentre outros) em diálogo com figura que celebra a *carnevalização*: Mikhail Bakhtin. Pluralidade e inacabamento que acionam entendimentos de culturas em trânsito, em transes, contra abordagens monológicas (BAKHTIN, 2006; 2008).

No palco do interior brasileiro, convidamos à cena artistas, intelectuais e pesquisadores que contribuam para a consolidação de um pensamento ativo que se mostre responsivo ao outro, às alteridades múltiplas incessantemente despontadas dos povos cerradeiros e sertanejos. Uma *poética popular do cerrado* (SILVA JR; MEDEIROS, 2018) engendrando poéticas: plural linguístico que reverbera raízes e rizomas do sertão-cerrado de um país de culturas várias espalhadas por veredas, vales, vãos, recôncavos, planaltos, *altiplanos*, rios, quilombos, aldeias (espaços de resistência).

Nesta polifonia, arranjam-se vozes de poetas do cotidiano, como os goianos/mineiros/brasiliários Cora Coralina, José Godoy Garcia, Anderson Braga Horta e Cassiano Nunes; prosadores das gentes e tropas migrantes, a exemplo de Graciliano Ramos, Guimarães Rosa, Hugo de Carvalho Ramos e Bernardo Élis; dramaturgos e cineastas que fazem do Planalto Central espaço universal: Dulcina de Moraes, Geraldo Lima, Hugo Zorzetti e Vladimir Carvalho; além de cantores e versistas populares de nomes apagados pela histografia, cujas obras perpetuam-se nas entoações das festas populares de santos, estações e ações.

Conforme adverte Maria Zaira Turchi, o literário não aceita uma delimitação precisa de fronteiras. É do movimento oscilatório que configura-se uma capacidade que o literário apresenta. O universalizado, a partir de pequenos índices da cultura, que aparece prodigiosamente no arranjo dos diversos recursos literários e artísticos (TURCHI, 2003, p. 95).

Nesta perspectiva, são convidados a fazer parte deste Simpósio trabalhos que versem sobre as várias literaturas de campo, em gêneros literários múltiplos (lírica, prosaística, cancionário, drama, cinema), sobre a pulsão da cultura popular no interior brasileiro, cerrado e/ou sertão, centro-oeste-norte, a partir de uma mirada pludiscursiva e dialógica, que procure dar corpo, voz e espaço à arte, à cultura e ao pensamento crítico despontado dos vãos e da almas do país.

#### REFERÊNCIAS:

BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 6. ed. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.

BRANDÃO, Carlos R. *Sacerdotes de viola*. Petrópolis: Vozes, 1981.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Trad. Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

GODOY GARCIA, José. *Poesias*. Brasília: Thesaurus, 1999.

HORTA, Anderson B. *Altiplano e outros poemas*. Brasília: Ebrasa, 1971.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SILVA JR, Augusto. R. Editorial. Cultura popular, oralidade e performance. *Cerrados – Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura (Poslit/UnB)*. V. 22, n. 35, 2013. p. 7-10. Disponível em:

[http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf\\_2](http://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/10934/pdf_2)

SILVA JR, A.R. MARQUES, G. C. Godoy Garcia e Niemar: um canto geral centroestino. *ECOS – Estudos Contemporâneos da Subjetividade*. Vol. 5. n. 2, p. 232-248. Disponível em:

<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/ecos/article/viewFile/1699/1209>.

Acesso em: 22 maio 2016.

SILVA JR, A. R.; A. C. M. MEDEIROS. José Godoy Garcia e a poética preta-e-branca: imagens cotidianas de um realismo afro-goiano. *Guavira Letras – Revista do programa de mestrado e doutorado em Letras da UFMS/Três Lagoas*. n. 18, jan.-jul. 2014. p. 53-69. Disponível em: <http://websensors.net.br/seer/index.php/guavira/article/view/52/37>

TURCHI, M. Zaira. *Literatura e Antropologia do imaginário*. Brasília: EdUnB, 2013.

\_\_\_\_\_. As variações do insólito em José J. Veiga. *Organon (UFRGS)*, v. 38/39, p. 147-158, 2007.

TURNER, Victor. *Dramas, Campos e Metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: EdUFF, 2008.

## **65 - PRODUÇÃO, CIRCULAÇÃO RECEPÇÃO DA LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS NO CONTEMPORÂNEO**

Coordenação: Arlene Batista da Silva (UFES); Cláudio Henrique Nunes Mourão (UFRGS)

Resumo: Historicamente, a literatura em língua de sinais tem sido uma das principais produções culturais da comunidade surda. Nela, é possível encontrar produções próprias de surdos, como poesias, anedotas e também traduções de obras da literatura infantil universal como os contos de fadas, as lendas e as fábulas. Embora não se possa precisar a origem ou quando surgiram as primeiras produções literárias em língua de sinais, sabe-se que, assim como a língua, a cultura surda se desenvolve a partir da interação entre sujeitos surdos.

Para Marta Morgado (2011), embora não se possa precisar, há indícios de que a literatura em língua de sinais tenha surgido nos internatos de escolas de surdos, na Europa. Do encontro entre surdos, e das conversas sinalizadas sempre às escondidas dos supervisores oralistas, nasceram as primeiras histórias por meio da mímica, das imitações de personagens do cinema, dos professores e dos próprios colegas. Essas histórias foram sendo estruturadas com recursos visuais (imagens carregadas de expressividade por meio das expressões faciais e corporais).

Morgado (2011, p.157) destaca que “os surdos que tinham algumas posses podiam ir ao cinema, viam filmes e transmitiam-nos aos colegas do internato. [...] no tempo de escola, havia o hábito de descrever filmes de cowboys e de ação, pois eram um dos poucos que tinha possibilidade de ir ao cinema”. Ao descrever tais filmes, os surdos estavam se constituindo como contadores de histórias e tradutores culturais, reconstruindo sentidos por meio da expressão corporal, facial e da produção de imagens, ou seja, dos recursos estéticos das línguas de sinais.

Percebemos, portanto, que os internatos surdos se configuraram como espaço privilegiado para o processo de produção literária entre os surdos (por meio da contação de histórias e de anedotas), pois favorecia as trocas linguísticas, e a criação artística por meio de uma linguagem específica determinada da experiência visual, com objetivo de dar acesso aos surdos à cultura que circulava fora dos muros dos internatos. Além disso, essa literatura era também uma intervenção sociológica, ética e política, na medida em que essas histórias, sobretudo as piadas e poesias, guardam “[...] as raízes na experiência educativa que os surdos tiveram, nas barreiras por que passaram ao longo do crescimento, na forma de ver as coisas com uma percepção visual muito forte” (MORGADO 2011, p.154).

Vale destacar ainda que as associações de surdos foram (e ainda são) espaços importantes para a divulgação da cultura e da língua de sinais. Segundo a autora, nesses espaços os surdos “[...] se sentem em ‘casa’. Ali, faziam-se concursos de teatro de contadores de histórias e de humor” (MORGADO, 2011, p. 157).

Se, no passado, os internatos e as associações favoreceram a produção, a circulação e a divulgação da Literatura em língua de sinais, hoje, no Brasil, as manifestações artísticas da comunidade surda têm se manifestado dentro e fora das escolas, em eventos culturais como saraus, teatro e também por meio de traduções literárias divulgadas na internet. No Brasil, a produção cultural e literária dos surdos começa a ganhar visibilidade no campo acadêmico na última década. Pesquisas coordenadas por Lodenir Karnopp, Márcia Lise Lunardi Lazarin e Madalena Klein têm evidenciado que há uma diversidade de produções como vídeos, encenações, piadas, escritos e traduções para a língua de

sinais que guardam representações de identidades da comunidade surda. Todas essas produções têm circulado em diferentes suportes: livro impresso, DVD, obras autônomas postadas no Youtube e, ainda, materializada no corpo em performances nos saraus, teatros, etc.

No que se refere à produção, a literatura em língua de sinais na contemporaneidade também é marcada pela atividade da tradução. Há surdos reconhecidos no país que atuam como tradutores na produção de literatura infantil e poesia em Libras, como é o caso de Cláudio Mourão, Nelson Pimenta, Heloise Gripp Diniz, Rimar Romano, entre outros que exercem o papel de divulgadores da literatura brasileira e infantil via tradução; e é certo que seus modos de traduzir, recriando, com criatividade, o texto fonte, deixam marcas de autoria que são importantes para a formação de padrões estéticos na formação do jovem sistema literário em língua de sinais no Brasil.

Diante do exposto, neste Simpósio temos interesse em acolher trabalhos de diferentes perspectivas teóricas que discutam sobre a produção, circulação e divulgação da Literatura em Língua de sinais na contemporaneidade, privilegiando autores, obras e temáticas que abordem uma literatura que se constitui num movimento de afirmação da cultura surda no país.

#### REFERÊNCIAS:

MORGADO, M. Literatura em língua gestual. In: KARNOPP, L. B.; KLEIN, M.; LUNARDI-LAZZARIN, M. Cultura Surda na Contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Editora da ULBRA, 2011, p. 151-172.

#### **66 - RUPTURA DOS GÊNEROS LITERÁRIOS NO ROMANTISMO**

Coordenação: Andréa Sirihal Werkema (UERJ); Maria Juliana Gambogi Teixeira (UFMG)

Resumo: O advento do Romantismo na literatura é também, historicamente, um acontecimento revolucionário dentro da longa evolução das formas literárias no ocidente; estamos diante da primeira grande fratura do sistema mimético de criação artística. Tal quebra é evidente ao final do século XVIII, mesmo tendo sido adiantada por movimentos com tendências anticlassicistas ao longo dos séculos: tendências, e não fundamento, base de criação. As teorias românticas do gênero literário respondem a outras questões, ligadas à subjetividade autoral, instância não mensurável, avessa a regras impostas pela tradição. Eis o âmbito propriamente literário de tal discussão, ao lembrarmos a insistência com que os textos do Romantismo quebram as tradicionais barreiras normativas da arte dita clássica. Um texto romântico, ou sentimental, ou irônico, em suma, caracteriza-se por um questionamento de vários dos conceitos fundamentais da literatura. Além da preferência por uma teoria expressiva da arte em lugar da teoria imitativa, os gêneros literários foram desrespeitados ou substituídos por formas novas, que se aproximavam um pouco mais dos ideais românticos: “Em sua rigorosa pureza, todos os gêneros poéticos clássicos são agora ridículos” (SCHLEGEL, 1997, p. 30). O romântico não deve ser confundido com um gênero ou estilo literário, sendo antes um elemento formador de toda a poesia – que, não nos esqueçamos, é ou deveria ser romântica (SCHLEGEL, 1997, p. 65) –, poesia que também não deve ser confundida com um gênero específico. Esta indefinição de gênero passa por analogia para o romance, para os fragmentos, para o drama romântico, para todas as formas mistas da poesia.

“O Romantismo pode ser esquematicamente caracterizado como uma trajetória que toma por ponto de partida a forma primordial, se desenvolve por múltiplas formas particulares e busca novamente, pela combinação destas, a unidade da forma” (SUZUKI, 1997, p. 17); o que nos leva a concluir, em concordância, que qualquer reflexão crítica sobre o Romantismo tende a ser uma reflexão crítica sobre as formas, ou, em outros termos, sobre os gêneros da literatura.

As reflexões de Walter Benjamin sobre a ironia romântica ajudam-nos a colocar alguns problemas interessantes em relação à questão dos gêneros (BENJAMIN, 1999, p. 89-93). À primeira vista, tendemos a associar ironia romântica a um recurso meramente negativo, desestabilizador de qualquer certeza textual, o que não estaria incorreto, se pensarmos essa destruição como uma forma de assegurar a perenidade da obra. A ironia que caracteriza a postura do autor romântico encontra seu correlato na ironia que perpassa a obra, aniquilando seus elementos ilusionistas como forma de torná-los mais evidentes, e cada vez mais vivos. É claro que qualquer estrutura formal, em suas manifestações de estilo ou gêneros literários, torna-se alvo da ironia também formal. Em termos propriamente textuais, a obra romântica irônica seria antes autoparódica que paródica, já que instaura dentro de si mesma o questionamento e a quase destruição da forma em que se aloja. Além do mais, sobre tais amarras da forma paira a ironia autoral, ou da matéria, instância capaz e desejosa de destruir os limites impostos à expressão de sua subjetividade. A autodestruição da obra romântica é, portanto, um horizonte sempre possível: uma forma consolidada deve ser ameaçada pela ironia, que, paradoxalmente, acaba por sublinhar as lacunas da obra romântica, cuja maior característica é sua radical abertura. A destruição da forma, ou melhor, sua reconfiguração, é maneira de atestar sua força – e seria bom reavaliarmos nosso julgamento da relação entre o Romantismo e a tradição à luz dos conceitos de autorreflexividade fundamentais para uma visão romântica de arte. Enquanto recursos reflexivos, ironia e crítica tornam-se quase equivalentes, pois forçam no autor e no leitor o questionamento das estruturas formadoras da obra, estruturas que contêm, dentro de si mesmas, os germes da ironia romântica. Esta pode ser chamada de crítica interna à obra, com a qual nasce e contra a qual se volta em um movimento que assegura à obra sua permanência. Uma obra irônica, portanto, existe enquanto forma-de-exposição de uma ideia das formas. Desde a contingência e a limitação, a ironia faz caminhar a obra até o vislumbre de seu ideal. Deste modo, a ironia não é destruidora da obra, pelo contrário, atesta sua “existência indestrutível” ao colocá-la sob a perspectiva da Forma eterna: “A ironização da forma-de-exposição é semelhante à tempestade que levanta a cortina diante da ordem transcendental da arte, descobrindo-a, juntamente com a existência imediata da obra nela, como um mistério” (BENJAMIN, 1999, p. 93).

O simpósio aceitará, dessa maneira, trabalhos que queiram discutir, em qualquer contexto nacional e/ou linguístico, as transformações dos gêneros literários sob a pressão romântica; as implicações de tal ruptura na tradição literária; a reconfiguração histórica da noção de mimese; as continuidades e descontinuidades da quebra com os gêneros clássicos promovida pelo Romantismo.

#### REFERÊNCIAS:

- BENJAMIN, Walter. *O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão*. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras, 1999.
- SCHLEGEL, Friedrich. *O dialeto dos fragmentos*. Trad. Márcio Suzuki. São Paulo: Iluminuras, 1997.

**67 - SENTIDOS DA TRADUÇÃO: ASSIMETRIA, APROPRIAÇÃO E CRÍTICA**

Coordenação: Daniel Padilha Pacheco da Costa (UFU); Dennys Silva-Reis (UnB/POSLIT)

Resumo: Desde o final do século XVIII e início do XIX, a excessiva valorização da originalidade do escritor relegara a tradução à condição de simulacro. Com isso, a tradução e a crítica literária colocaram-se ambas a serviço do trabalho filológico. Considerando a tradução como uma das modalidades de crítica literária, essa concepção visava oferecer subsídio para a compreensão do “original” (SCHLEIERMACHER, 2010). As ramificações dessa concepção não se limitam a poetas do Romantismo alemão como, por exemplo, Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich Hölderlin, mas ainda podem ser encontradas em meados do século XX, como testemunha sua presença em filósofos como Walter Benjamin e Martin Heidegger (BERMAN, 1989).

Com a intensificação do processo de globalização nos anos de 1970, emergiu um campo transdisciplinar de estudos sobre tradução. A emergência dos Estudos da Tradução coincide com a destituição do privilégio dado à escrita como suporte privilegiado de transmissão do conhecimento, sendo, portanto, acompanhada pelo declínio das disciplinas tradicionalmente associadas à transmissão de textos escritos. Entre essas disciplinas figura, por exemplo, a história literária, que tinha sido a responsável pela transmissão dos cânones nacionais, os quais, por dois séculos, gozaram de grande prestígio cultural como a expressão máxima da língua e da cultura nacionais.

Com sua emergência, esse novo campo de estudos integra não apenas as modalidades tradutórias anteriormente existentes – como os diferentes gêneros de tradução de textos escritos, que podem ser classificados como literários, religiosos, filosóficos ou científicos, por exemplo –, como também novas modalidades – como a localização, a tradução de *games*, a tradução de textos multimodais ligados aos suportes digitais e à internet, as formas de tradução relacionadas à acessibilidade, entre outras. Assim, os Estudos da Tradução englobam todos os tipos de modalidade textual (oral, escrito, digital) e de suporte intersemiótico (visual, sonoro, gestual, tátil).

Na origem dos Estudos da Tradução como campo transdisciplinar autônomo, podem ser encontradas diversas abordagens teóricas sob a rubrica de Estudos Descritivos de Tradução. Os teóricos pertencentes à Escola de Tel Aviv permitiram ampliar enormemente o escopo da área, que passou a apreender a relação indissociável entre a tradução e as condições materiais, intelectuais e sociais de recepção e transmissão nos polissistemas da cultura de chegada (TOURY, 1995). Para a teoria da manipulação (LEFEVERE, 2007), a prática tradutória deixou de ser isolada das diferentes modalidades de reescrita a que está intimamente vinculada, como a edição, a produção de antologias de textos, de compêndios de histórias literárias, de trabalhos de referência e de críticas.

Esse novo campo de estudos é contemporâneo de outros eixos transdisciplinares, como os Estudos de Gênero, os Estudos Pós-Coloniais e os Estudos Culturais. Intercambiando conceitos, métodos e abordagens oriundos dessas áreas, a teoria da visibilidade procura desvendar as relações de poder ocultadas por trás das representações culturais, linguísticas e identitárias entre países, classes, gêneros e culturas diferentes (VENUTI, 2002). Os estudos realizados em países de história colonial, que estabeleceram com as nações consideradas do hemisfério norte uma longa história de trocas linguísticas, culturais e identitárias, conferem uma contribuição decisiva para a compreensão das complexas relações de poder necessariamente envolvidas em todo ato tradutório, pois

destes interstícios culturais advém parte da modelagem do sujeito colonial e da diferença colonial na negociação de relações interculturais (SCHARLAU, 2003).

As relações de poder envolvidas em toda tradução também concernem à apropriação cultural – no que concerne à América Latina, inclusive, Georges Bastin, Álvaro Echeverri e Ángela Campo (2004) nomeiam como paradigma da tradução nesta região o conceito de tradução apropriada – pelas classes sociais responsáveis pela justificação da hierarquia existente no interior dos diferentes países. Desde a antiguidade romana, a tradução foi um motor central de apropriação cultural capaz de assentar o poder imperial, como testemunha a relação entre as tópicas latinas da *translatio studii* e da *translatio imperii*.

No Brasil, a apropriação cultural promovida pela tradução foi definida por meio da metáfora do canibalismo tupinambá, cunhada pelo modernista Oswald de Andrade. A derradeira poética da tradução formulada pelo concretista Haroldo de Campos descreve o papel desempenhado pela tradução como um processo de apropriação das diferentes culturas envolvidas na formação da identidade nacional (VIEIRA, 1999). Embora seja comumente utilizada para designar a tradição brasileira de tradução (SNELL-HORNBY, 2006), a metáfora do canibalismo foi retomada por outros teóricos para explicar os processos de hibridização envolvidos nas traduções realizadas em um mundo pós-colonial e globalizado (CONFIANT, 2010).

Assim, a tradução parece ter se tornado um paradigma essencial da contemporaneidade, a qual passa a ser definida por alguns teóricos como a Era da tradução (CRONIN, 2013). Embora variem radicalmente as línguas, culturas, períodos, modalidades e suportes envolvidos, as diferentes concepções de interação assimétrica, de apropriação cultural e de crítica hermêutica continuam a ser designadas por um único termo – tradução. Neste simpósio, pretende-se reunir trabalhos que aprofundem, através de seus respectivos objetos de pesquisa e pressupostos teóricos, os diferentes sentidos assumidos por esse termo polissêmico na contemporaneidade.

#### REFERÊNCIAS:

BASTIN, Georges; ECHEVERRI, Álvaro; CAMPO, Ángela. La traducción en América Latina: Propria y Apropiada. Estudios de Investigaciones Literarias y Culturales. Caracas, n. 24, p. 69-94, 2004.

BERMAN, Antoine. A tradução e a letra ou o albergue do longínquo. Trad. Marie Helène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7Letras/PGET, 2007.

SCHARLAU, Birgit. Repensar la Colonia, las relaciones interculturales y la traducción. Iberoamericana. Madrid, v. 3, n. 12, p. 97-110, 2003.

CONFIANT, Raphaël. L'Autre-Même: traduire dans un monde post-colonial et globalisé. Université des Antilles et de la Guyane: Service commun de la documentation, 2010. Disponível em:

<http://www.manioc.org/fichiers/HASH01bc100c35a75d9bcf162c23>. Acesso em: 23 mai. 2017.

CRONIN, M. A era da tradução: tecnologia, tradução e diferença. In: ROSVITHA, F. B.; PETERLE, P. (Org.). Tradução e relações de poder. Tubarão: Copiart, 2013, p. 193-222.

LEFEVERE, André. Tradução, reescrita e manipulação da fama literária. Trad. Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

- SCHLEIERMACHER, Friedrich. Sobre os diferentes métodos de tradução. Trad. Margarete von Mühlen Poll. In: HEIDERMANN, Werner (org.). Clássicos da teoria da tradução (alemão-português). UFSC: Florianópolis, 2010, p. 39-100.
- SNELL-HORNBY, M. The Turns of Translation Studies: New Paradigms or shifting viewpoints. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2006.
- TOURY, Gideon. Descriptive Translation Studies and beyond. Philadelphia/Amsterdam: John Benjamins, 1995.
- VENUTI, Lawrence. Os Escândalos da Tradução. Trad. L. Perlegrin, L. M. Villela, M. D. Esqueda e V. Biondo. Bauru: EDUSC, 2002.
- VIEIRA, Else Ribeiro Pires. Liberating Calibans: readings of Antropofagia and Haroldo de Campos' poetics of transcreation. In: BASSNET, S. e TRIVEDI H. (org.). Post-colonial Translation: Theory and practice. Nova Iorque & Londres: Routledge, 1999, p. 95-113.

## 68 - TRADUÇÃO E HOSPITALIDADE

Coordenação: Viviane Veras (UNICAMP); Marileide Esqueda, Lenita Esteves (USP)

Resumo: Desde as antigas discussões sobre fidelidade à letra ou ao espírito, passando pela noção de equivalência e chegando a debates mais recentes sobre estrangeirização e domesticação, a tradução, em todas as suas formas, sempre envolveu deslocamento e diferença. Quando um texto é traduzido ele é levado de um sistema a outro, de uma cultura a outra, de um ideário a outro. Essa entidade estranha e estrangeira precisa se aclimatar na comunidade de chegada, precisa se transformar para se tornar apreensível e minimamente compreensível. Um ato de tradução constitui sem sombra de dúvidas um ato de acolhimento ao outro, especialmente quando este não se deixa traduzir com facilidade. Para falar da delicada tensão entre “levar o autor ao leitor” ou “levar o leitor ao autor” como diferentes métodos de traduzir, Schleiermacher não só apresenta a tradução como formas de encontro entre leitores e autores, mas também trata de graus de acolhimento e hospitalidade. Quando diz que temos a possibilidade de “deixar o autor tranquilo” e fazer o leitor ir ao encontro dele, Schleiermacher está descrevendo um tipo de acolhimento. Nesse caso, nosso hóspede ficaria sossegado, receberíamos o outro como o elemento diverso que é, e o leitor é que faria um esforço de acomodação, abrindo-se a essa diferença. Em contrapartida, na situação em que o leitor ficasse tranquilo, caberia então ao autor, tendo por intermediário o tradutor, fazer um trabalho de aclimação. De qualquer forma, deve haver um trabalho de aproximação, pelo menos de uma das partes. Partindo do princípio de que traduzir seria, em primeiro lugar, acolher, hospedar, e da constatação do interesse cada vez maior em estabelecer uma história oficial da tradução que pudesse ter como horizonte minimizar, quando não eliminar o lado babélico dessa história, nossa proposta de simpósio convida a reflexões sobre diversas formas de “hospitalidade”, e convida às seguintes reflexões: Que parâmetros éticos deveriam pautar as escolhas em um projeto de tradução, levando-se em conta que, na maioria das vezes, as línguas/culturas em questão estão em desigualdade em termos de hegemonia e *status*? Uma nação periférica em geral importa muitas obras estrangeiras que vão moldar seu imaginário e valorizar o outro e desprezar que é próprio – existe algum mal nisso? Teremos já ultrapassado por completo a necessidade de nos diferenciar de outras nações e nos uniformizarmos dentro do imaginário da nossa? Teriam os nacionalismos, que geraram tanta guerra e tanta opressão, perdido sua razão de ser? E se as fronteiras entre os povos estão ficando cada



vez mais difusas, que papel tem a tradução nos dias atuais, como prática profissional e também como campo conceitual acadêmico? Com o avanço das tecnologias, com a possibilidade de fazermos recursos a memórias de tradução, com o aperfeiçoamento do *Google Translator*, muda nossa situação como tradutores e pesquisadores na área? Se é verdade que nossos trabalhos em tradução consideram ultrapassada a discussão sobre fidelidade e traição, mesmo que o foco se desloque para a lealdade, para o traidor, para a adequação, também é verdade que o reconhecimento da tradução como campo delimitado precisa ser problematizado. Por um lado, impõe-se a necessidade de uma sistematização que justifique essa autonomia – como na época da constituição das nações se fez necessária a criação de uma língua nacional, um hino, uma bandeira... um exército –, por outro lado, considerando que delimitar é necessariamente excluir, essa autonomia não seria precisamente contrária ao pensamento da tradução como ato de acolhimento, de abertura ao outro? Até que ponto a ampliação desse campo não está simplesmente camuflando o gesto colonial de apropriação (que elegeria uma tradução como propriamente dita), de alienação, de submetimento? O fato é que lidar com o outro/estrangeiro é o destino da tradução: enquanto houver diferença e deslocamento, o tradutor será convocado a atuar, à moda antiga ou não, valendo-se de tecnologias ou não, e vivenciando e praticando a ideia de hospitalidade, quaisquer que sejam as formas tomadas por ela, até mesmo aquela que transforma o hóspede em refém.. O simpósio acolherá trabalhos que se articulem com as inquietações colocadas acima, seja no campo profissional da tradução, seja na área acadêmica, trazendo exemplos, estudos de caso e pesquisas que alimentem e aprofundem essas discussões e fomentem talvez novas propostas de investigação e atuação.

## 69 - TRADUÇÃO LITERÁRIA: A INSTABILIDADE DO “ORIGINAL” E A CONSTRUÇÃO DA IMAGEM

Coordenação: Paula Arbex (UFU); Nilce M. Pereira (UNESP)

Resumo: Na introdução a *Literary Translation and the Making of Originals* [A tradução literária e a produção de originais] (2017), Karen Emmerich discute a instabilidade da obra original frente a noções comumente disseminadas de que, em tradução, o texto de partida é um construto finito e imutável de significações, que deve ser transposto para o texto traduzido (salvo em eventuais reorganizações sintagmáticas) sem mudanças ou interferências. Desafiando classificações como “o original árabe”, “o texto original francês” ou “o alemão de Kafka”, a autora visualiza o “texto original” como, ele próprio, sujeito a reconfigurações, sendo oportuno mencionar, como faz em relação aos textos a que se referem por essas designações — como é caso do denominado “original árabe”, para fazer menção a *As Mil e Uma Noites* —, que, mesmo na língua em que foram compostos, não raramente envolvem compilações de textos em outras línguas, que circularam das mais variadas formas, foram mediados por diferentes editores ou impressos a partir de diferentes provas, e assim por diante, o que os faz pluralísticos em sua essência. Por conseguinte, a autora postula a tradução como “editoração translingual”, na qual o tradutor, ciente dessa pluralidade, “negocia” com as versões anteriores, ao mesmo tempo que “cria” uma nova, em uma língua diferente daquela(s) em que o texto foi “primeiramente articulado”. Assim, longe da ideia de “mudança” e de que, mais ainda, qualquer transformação tenha sido infligida sobre uma fonte estável — e recorrendo, entre outros, a André Lefevere (em 1992) e ao conceito de reescritura

—, a tradução literária é vista não apenas como produto de uma interpretação mas como extensora da variabilidade e volubilidade do texto de partida.

Essas noções não poderiam ser mais verdadeiras quando aplicadas ao tratamento da imagem e dos elementos visuais componentes de obras literárias durante a tradução, uma vez que, para além dos processos de adaptação e localização de capas, *layout* da página e outras particularidades físicas do volume, esses elementos podem ser reproduzidos da edição da qual se traduz e de outras do mesmo texto, reelaborados com base em um ou mais modelos existentes da obra, reutilizados por meio de uma nova técnica, entre outras opções, o que os torna um compêndio de referências e intertextualidades. Não é incomum que esses elementos sejam totalmente excluídos de edições traduzidas ou reduzidos a um número que minimamente ofereça informações básicas sobre a publicação. Quando mantidos, no entanto, da mesma forma que o texto (a ser) traduzido, a produção de imagens e do projeto gráfico de um livro envolve fatores internos e externos ao processo tradutório e (re)configurações do texto, de modo a promover novos sentidos para a obra. Para citar um único exemplo, as próprias estratégias adotadas na tradução do texto podem entrar em choque com a parte visual, bastando mencionar, em livros ilustrados, os casos (comuns em edições traduzidas) em que o texto é domesticado e os referentes culturais estrangeiros são mantidos na ilustração. O que se deseja enfatizar a esse respeito é que as imagens e os elementos visuais devem ser examinados não apenas em relação aos textos que acompanham, mas levando em conta outros textos, referências e relações intertextuais a que possam aludir — e, assim, à instabilidade do texto de partida, também com relação aos aspectos visuais, como está sendo proposto —, de modo a se determinar a maneira como influenciam a recepção da obra na literatura e cultura de chegada.

Almejando o aprofundamento dessas questões no âmbito dos estudos da tradução e dos estudos da imagem, este simpósio concentra-se na tradução em conexão à imagem estática (o que exclui, portanto, do escopo do simpósio, a imagem dinâmica do cinema e do teatro, a tradução audiovisual e a linguagem de sinais) para acolher trabalhos que abordem a relação entre texto e imagem em livros ilustrados, livros infantis que incluam textos verbais, publicações em quadrinhos e *graphic novels*, catálogos de arte (nesses gêneros, podendo ser consideradas tanto as imagens internas quanto as capas e demais paratextos visuais, ou ambas), além de propaganda impressa, pôsteres e cartazes fílmicos e/ou teatrais, entre outros, de modo a evidenciar os tipos de relações que podem ser estabelecidas na união das duas linguagens em um mesmo meio, bem como o(s) papel(is) da imagem na construção significativa da obra.

#### REFERÊNCIAS:

EMMERICH, K. *Literary Translation and the Making of Originals*. New York: Bloomsbury, 2017.

LEFEVERE, A. *Translation/History/Culture*. London: Routledge, 1992.

## 70 - TRAMAS DA HISTÓRIA E SENTIDOS DA MEMÓRIA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Coordenação: Roberta Guimarães Franco (UFLA); Renata Flávia da Silva (UFF); Viviane Vasconcelos (UERJ)

Resumo: As relações entre a literatura e a história sempre foram objeto de análise e, especialmente, de debate entre as áreas sobre as especificidades de cada campo e as

possibilidades de diálogo. A literatura entendida pela história como um tipo de fonte, especialmente a partir do movimento da Nova História e da Escola dos Annales – “(...) a substituição da tradicional narrativa de acontecimento por uma história-problema”, como afirmou Peter Burke (1997, p. 11), e a história sendo reafirmada, retrabalhada, e/ou reinterpretada pela literatura. Assim, a análise literária foi ganhando, ao longo do tempo, novos contornos, desde a possibilidade através da Estética da Recepção, permitindo pensar a obra em múltiplos contextos e temporalidades, de acordo com o leitor, até os mais recentes Estudos Culturais e Pós-coloniais, possibilitando novas formas de olhar eventos históricos consagrados ou trazendo a luz questões que a dita história oficial silenciou. Nesse sentido, a memória vem, cada vez mais, se configurando como um elemento essencial na construção de sentidos entre o texto literário e o discurso histórico. Seja pensada como componente intratextual, atuando diretamente na estrutura narrativa, aliada à ideia de tempo, seja constituindo o espaço entre a obra literária e o seu contexto de produção, ou ainda estabelecendo fronteiras entre as perspectivas individuais e coletivas, a memória se configurou como instância que permite pensar a literatura tanto na sua esfera subjetiva quanto social. Didi-Huberman (1998) afirmou que a memória tem um particular papel sobre o olhar, já que não é a instância que contém, entretanto o espaço que suporta a ausência, isto é, lugar em que há um fragmento que permite a inserção de algo novo e transformá-lo em diferença: “Como uma cisão sempre reconduzida, a dialética joga com a contradição, não para resolvê-la, nem para entregar o mundo visível aos meios de uma retórica. Ela ultrapassa a oposição do visível e do legível num trabalho (DIDI-HUBERMAN, 1998, p.117)”.

No contexto das literaturas de língua portuguesa, pode-se evidenciar formar variadas de diálogo entre a literatura e história, passando pela formação de sentidos proporcionada pela memória. No Brasil, desde a necessidade de criação de uma identidade nacional, até a urgência em romper com este conceito, chegando a manifestações mais recentes que trazem novos olhares sobre acontecimentos, personagens e espaços. Sendo ainda relevante recuperar os questionamentos de Silviano Santiago em *Uma literatura nos trópicos* (1978), quando pensamos o quando essas relações que envolvem a literatura contribuem para as questões identitárias, lendo o Brasil como país latino-americano, porém bastante influenciado pelas marcas europeias. No caso da Literatura Portuguesa, por exemplo, a história desempenhou um importante diálogo por meio de diferentes temas, mas também como próprio elemento ficcional. Basta pensar a maneira pela qual os mitos identitários foram construídos pela história da literatura ao longo dos séculos. Além da transformação da memória nacional como um dos grandes temas da literatura, um outro aspecto relevante é o outro lado dessa temática, como afirma Eduardo Lourenço (2014), que traz a dificuldade de assumir uma memória nacional não mais baseada nos grandes mitos, mas na decadência da colonização. Grande parte da literatura portuguesa do século XX, sobretudo após a Revolução dos Cravos, tem se ocupado da revisitação de fatos históricos ou da escrita ou reescrita de momentos relevantes para o país no que diz respeito à colonização. Já para as Literaturas africanas de língua portuguesa – ainda lutando por uma nomenclatura que as particularize na academia – a relação entre literatura e história parece ainda mais evidente, pelos recentes processos históricos que trazem um caráter testemunhal, muitas vezes autobiográfico, para essas literaturas, problematizando os silenciamentos em torno da colonização do século XX, das guerras pelas independências, da descolonização e das guerras civis. E também, dialogando com um passado mais distante, pela necessidade de reformular a história produzida de fora, pelo outro, reconstruindo mitos, recuperando personagens, reconfigurando espaços agora nacionais.

Portanto, este simpósio pretende acolher trabalhos que tenham como foco a relação entre literatura, história e memória, levando em consideração as múltiplas abordagens que esta tríade permite. Desde análises voltadas para a ficcionalização de acontecimentos e personagens históricos, pesquisas que envolvam os gêneros literários ditos confessionais, estudos que questionem o lugar da literatura e sua vertente ideológica, a relação entre perspectivas teóricas que problematizem essas questões, entre outras possibilidades que nos permitam ampliar o debate em torno das produções literárias em língua portuguesa.

#### REFERÊNCIAS:

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que vemos, o que nos olha*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 2000.

LOURENÇO, Eduardo. *Do colonialismo como nosso impensado*. Prefácio de Margarida Calafate Ribeiro e Roberto Vecchi. Lisboa: Gradiva.

SANTIAGO, Silviano. *Nas malhas da letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

### **71 - TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL: LEITURA, PESQUISA, ENSINO**

Coordenação: Rita de Cássia Silva Dionísio Santos (UNIMONTES); Regina Michelli (UERJ); Ana Cristina dos Santos (UERJ)

Resumo: A literatura e a escola acumulam, de maneira diferenciada, a função de formar, educar e dar prazer, o que não se pode confundir com o viés pedagógico. Nesse sentido, a pesquisadora e escritora Regina Zilberman afirma que, aproveitada na sala de aula em sua natureza ficcional, que aponta a um conhecimento de mundo, e não como súdita do ensino bem comportado, ela [a literatura] se apresenta como o elemento propulsor que levará a escola à ruptura com a educação contraditória e tradicional (ZILBERMAN, 2003, p. 30). Essa assertiva de Zilberman suscita a reflexão sobre a natureza de obras produzidas para a leitura de crianças e jovens, as quais carecem, de imediato, de uma distinção. Há obras que se enquadram na denominação de livros, são acessíveis e direcionadas a esse público, encontrando-se, nesta categoria, por exemplo, os livros-brinquedo, os livros interativos com tarefas desafiadoras a serem cumpridas pelo leitor. Diferentes dessas produções são as obras literárias infantis e juvenis, definidas pela possibilidade de modalizar uma experiência ficcional, pela literariedade, pela plurivocidade de leituras que oferecem, pois, como explica a escritora Marina Colasanti, “[D]a literatura não fazem parte: o lugar-comum, a frase feita, a história previsível, a linguagem infantilizante, a função didático-moralizante” (2005, p. 180). A obra infantil ou juvenil, *se literária*, amplia seu público, incorporando o adulto ao oferecer-lhe a possibilidade de realizar múltiplas leituras – afinal, já interrogara Carlos Drummond de Andrade: “a partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito?”, acrescentando que, “observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz” (1964, p. 591). Assim, refletir sobre a Literatura para crianças e jovens impõe pensar um leque de questões, como as especificidades que cercam autor e texto, em que se incluem a gama de produções textuais de diferentes gêneros literários e em diferentes linguagens; o reendereço a crianças e jovens de obras escritas originariamente para o público adulto; a adaptação de poemas e narrativas para outros suportes; a

apropriação da narrativa literária para crianças e jovens por outras mídias, como os livros digitais; a função da ilustração; a presença de eventos insólitos e de uma linguagem redimensionadora do texto. Um pouco mais além, emergem aspectos ligados ao mercado editorial e a novas formas de consumo e de recepção que implicam pensar a circulação e a recepção das obras, representações de leitores e de práticas de leitura por ela suscitadas. Os estudos que cercam a literatura para crianças e jovens assinalam, segundo João Luís Ceccantini (2004, p. 23), um “caráter *mais teórico* ou *mais aplicado* na visada que se dá ao objeto” Literatura Infantojuvenil. Neste, encontram-se pesquisadores de áreas mais ‘pragmáticas’, “voltados à formação do leitor e ao desenvolvimento afetivo e cognitivo da criança e do jovem”; naquele, os ‘teóricos’, “mais preocupados com a autonomia do objeto focalizado e suas relações com a série literária e a histórica” (CECCANTINI, 2004, p. 23). Por outro lado, cumpre destacar que os estudos literários vêm sinalizando a importância de abordagens mais diversas do *corpus* ficcional, por meio de olhares interdisciplinares e multissemióticos, fundamentando o diálogo entre o texto literário e outras linguagens artísticas e hipermediáticas. No meio universitário, observam-se enfoques que privilegiam uma ou outra abordagem, além da convivência das duas, o que se justifica plenamente em cursos tanto de Educação, quanto de Letras, em especial nas licenciaturas, onde teoria e prática devem caminhar juntas. Sobre o assunto, Ceccantini explica que é necessário se levar em conta nossa *pequena tradição de estudos acadêmicos sobre o assunto*, uma vez que nossa produção teórica em matéria de literatura infantojuvenil é bastante recente. O autor acrescenta que esse aspecto é “agravado pelo modelo de Universidade que aqui vigorou, especificamente no que toca à Área das Letras, desde a implantação da USP na década de 30 do século passado, modelo todo ele voltado à pesquisa pura e desinteressada, ao *corpus* erudito, ao cânon e sempre temeroso de tudo que tangenciasse a Educação ou a pesquisa aplicada” (CECCANTINI, 2004, p.29). Na perspectiva das temáticas e abordagens suscitadas, neste simpósio, aceitam-se trabalhos que promovam uma reflexão e um alargamento de conceituações à roda da literatura para crianças e jovens, abarcando, além dessas questões, funções dessa literatura; leituras críticas centradas em obras literárias; práticas pedagógicas que promovam metodologias dinamizadoras dos letramentos literários; presença de textos de e sobre Literatura Infantil e Juvenil em livros didáticos, diferentes graus de ensino, meios de comunicação; temas contemporâneos, ilustradores de questões polêmicas importantes na formação cognitiva e emocional de crianças e jovens, como as representações étnico-raciais, de gênero, de faixa etária, de diversidade cultural etc.

#### REFERÊNCIAS:

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1964.
- CECCANTINI, João Luís C. T. “Perspectivas de pesquisa em literatura infanto-juvenil” In: \_\_\_\_\_(org.) *Leitura e literatura infanto-juvenil: memória de Gramado*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis-São Paulo: ANEP, 2004, p.19-37.
- COLASANTI, Marina. “O que você entende por qualidade em Literatura Infantil e Juvenil?”. In: OLIVEIRA, Ieda de. *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?: com a palavra, o escritor*. São Paulo: DCL, 2005, p. 180.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global, 2003.

**72 - TRAMAS E SENTIDOS NA LITERATURA JUDAICA CONTEMPORÂNEA**

Coordenação: Kenia Maria de Almeida Pereira (UFU); Lyslei de Souza Nascimento (UFMG); Nancy Rozenchan (USP)

Resumo: O simpósio Tramas e sentidos na Literatura Judaica Contemporânea pretende acolher, no contexto do Congresso Abralic 2018, contribuições teóricas e críticas sobre tramas e sentidos na literatura judaica da atualidade. Se o conceito de trama aponta, num primeiro momento, para a tessitura, ou seja, no texto em sua realização no enredo ou urdidura, com a ideia de texto, tecido e textualidade metaforicamente configurado, no enunciado, num espectro mais amplo, na enunciação, o termo se expande e enriquece para outras acepções como ardil, armadilha, artifício, engenho, estratégia, intriga, além de confabulação, de argumento e de labirinto criados pelos escritores em seu ofício. Criadores e criaturas, no sentido textual, estão, assim, contemplados nessa proposta. Compreendem-se, portanto, elegíveis para este simpósio, reflexões e críticas sobre as inúmeras e sofisticadas estratégias criativas e criadoras de escritores que tenham a cultura e a tradição judaica como autoria, tema ou método. Neste contexto, essa abordagem é especialmente instigante para se analisar o jogo entre o enunciado e a enunciação na literatura judaica contemporânea. A noção de sentido, por sua vez, também de forma lúdica, amplia-se para interpretação, significado, tom, orientação e rota que norteiam o trabalho ficcional. A diversidade da cultura e da tradição judaicas, tanto na prosa quanto na poesia, é paradigmática e rica na exploração desses conceitos em vários níveis, elaborando intrincadas e reveladoras relações entre textos em diálogo com outras literaturas e com outras artes como o cinema, a fotografia e as artes em geral. Assim, balizarão nossa proposta a contundente obra de Franz Kafka e de Walter Benjamin, com seus personagens presos em armadilhas tanto do corpo e da mente, como em *Metamorfose*, quanto das condições férreas do metafóricas ou não, como em *O processo*, *O castelo* e em *Na colônia penal*, no caso de Kafka; e das reflexões fundamentais sobre a história, a experiência, a arte e a técnica, como em Benjamin. Também estarão presentes em nossos debates os testemunhos imprescindíveis para o nosso tempo como os de Primo Levi em *É isto um homem* ou em *Sobreviventes e afogados*; os de Elie Wiesel, como em *Noite*, além da literatura iconoclasta de Philip Roth, sobretudo em *Complexo de Portnoy* ou *Pastoral americana*; de Saul Bellow em *Herzog* ou de Natalia Ginzburg em *A família Manzoni* ou *Family Lexicon*. O inusitado experimentalismo de Georg Perec, em *W*, ou a memória da infância e *Vida: modos de usar*, por exemplo, além de *Tudo se ilumina* e *Extremamente alto e incrivelmente perto*, de Jonathan Safran Foer poderão, também, ser objeto de análises; passando pela fundamental literatura israelense de Aharon Appelfeld, como em *Badenheim 1939*, Amos Oz, em *Meu Michel* ou em *A caixa preta*; David Grossman, em *Ver: amor*, Orly Castel-Bloom, em *Humanparts* e Etgar Keret, como em *As medusas*, entre outros autores e obras. A literatura judaica contemporânea brasileira poderá também estar presente com Clarice Lispector, como em *A hora da estrela*; Samuel Rawet, como em *Contos do imigrante*; Moacyr Scliar, como em *O centauro no jardim*; além da literatura de Cíntia Moscovich, Leila Danziger, Noemi Jaffe, Ronaldo Wrobel, Paulo Rosenbaum e Fábio Weintraub, só para citar alguns poucos nomes da nova geração. Esperamos, assim, pensar a literatura judaica contemporânea a partir de sua capacidade de recriar o imaginário, os personagens e os espaços bíblicos com humor e ironia; as inúmeras formas do exílio, suas expressões e marcas; as representações-limites do Holocausto/Shoah; as reflexões contundentes sobre o ofício de escrever e do estar no mundo do artista, a marca biográfica e a encenação do poético como outros temas caros

à expressão literária. Para isso, este simpósio receberá, pois, propostas de comunicações que apresentem análises de autores e obras que abranjam o múltiplo espectro que é a literatura judaica na contemporaneidade.

### **73 - TRANSFORMAÇÕES DA FICÇÃO: NOVAS TENDÊNCIAS NA LITERATURA DE LÍNGUA ALEMÃ CONTEMPORÂNEA**

Coordenação: Helmut P. E. Galle (USP); Michael Korfmann (UFRGS); Valéria S. Pereira (UFMG)

Resumo: O simpósio pretende debater novos fenômenos temáticos, estéticos, mediáticos e econômicos relacionados à literatura em idioma alemão contemporânea. Tomamos o ano de 1989 – a queda do muro – como cesura política e cultural que funciona como divisa das águas entre a literatura do pós-guerra e uma nova fase. Essa é marcada, em primeiro lugar, pela unificação que teve grave impacto não só na literatura de autores que escreveram, até então, sob condições da censura e uma estética regulamentada pelo partido socialista, mas também para os autores da antiga RFA e até mesmo autores da Áustria e da Suíça. O “fim do pós-guerra” criou uma nova situação e reconfigurou o campo literário alemão: padrões estéticos foram flexibilizados, restrições ideológicas abandonadas e as fronteiras entre a alta literatura e a zona central do campo literário se tornaram mais fluídas (Tommek 2015: 562ss.). Durante as quase três décadas que se passaram desde essa cisão, surgiam muitas novas vertentes entre as quais podem ser identificadas: a) uma literatura voltada à memória cultural com enfoque no século XX: 1ª Guerra, 2ª Guerra, Nazismo, Holocausto, a RFA, a antiga RDA (Burns et al. 2012, Galle 2011, Umbach 2011), b) memórias transgeracionais que tematizam a formação do sujeito no horizonte da descendência familiar e seu contexto histórico-social (Galle 2014), c) autoficções que desestabilizam as fronteiras entre ficção e realidade (Galle 2015), d) uma literatura Pop com seu enfoque no presente e na trivialidade da vida (Bassler 2005), e) novas formas de jornalismo literário entre ficção e reportagem, f) formas híbridas que adaptam estruturas da literatura *genre* (ficção científica, policial, thriller) para gerar programas estéticos particulares e ambiciosos (Arnold 2014, Pereira 2014, Silva 2016), g) uma multifacetada literatura de refugiados, migrantes e desenraizados que se utilizam do alemão, e, ao mesmo tempo, transcendem a cultura alemã, austríaca e suíça com experiências de diferente origem (Heidermann 2016, Cornelsen 2017).

Muitas obras que podem ser atribuídas a essas novas vertentes refletem os temas contemporâneos (as migrações, o terrorismo, a volta das guerras, o surgimento do populismo, os ultrages do mundo econômico, o sujeito sob condições da sua presença pública virtual, as ameaças de catástrofes ambientais e nucleares, etc.). Ao mesmo tempo, as formas literárias encontram-se numa fase de experimentação surpreendente. Embora a maioria dos autores evita a rua sem saída de um vanguardismo elitista, despreocupado com o público, raramente na história da literatura alemã houve tantas vozes particulares, estilos diversificados e formas hibridizadas. Gêneros tradicionais como o romance histórico e o *Bildungsroman* são invadidos por estratégias irônicas e jogos intertextuais. Nas narrativas encontram-se jogos metaficcionalis e textos que misturam narrativa e reflexão, presente e passado, ficção e realidade. O realismo de cunho tradicional é amplificado e transformado por elementos de documentarismo e memorialismo. As mídias virtuais e a onipresença de informações enciclopédicas e pessoais provocam novas tessituras de elementos referenciais e imaginativos. A integração dos autores e sua vida privada na comercialização das obras produz

estratégias de proteção e exibição que afetam tanto o contexto social da literatura como a construção das próprias obras (Korfmann 2014).

O simpósio propõe-se a fazer um mapeamento dos fenômenos esboçados a partir de estudos de caso e exemplos específicos, colocando a ênfase na articulação do novo e na contribuição das respectivas obras para nossa compreensão do mundo contemporâneo.

#### REFERÊNCIAS:

- Arnold, Sonja. Zur Beziehung zwischen Literatur und Recht in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur. **Pandaemonium Germanicum**, v. 17, n. 23, p. 1–25, 2014.
- Bareis, J. Alexander. Moderne, Postmoderne, Metamoderne? Poetologische Positionen im Werk Daniel Kehlmanns. In: Rohde, C.; Schmidt-Bergmann, H. (Org.). **Die Unendlichkeit des Erzählens: Der Roman in der deutschsprachigen Gegenwartsliteratur seit 1989**, Bielefeld: Aisthesis Verlag, 2013, p. 321–346.
- Bassler, Moritz. **Der deutsche Poproman. Die neuen Archivisten**. München: Beck, 2005.
- Bassler, Moritz. Realismo, serialidade e fantástico. Variedades da narrativa de língua alemã na atualidade. **Pandaemonium Germanicum**, v. 19, n. 27, p. 77–102, 2016.
- Burns, Tom; Cornelsen, Elcio; Jaekel, Volker; Vieira, Luíz Gustavo (Ed.). **Revisiting 20th Century Wars. New readings of modern armed conflicts in literature and image media**. Stuttgart: ibidem, 2012.
- Cornelsen, Elcio. Ein Untergrund-Kodex in der deutschen multilingualen Gesellschaft: Kanak Sprach. **Zeitschrift für interkulturellen Fremdsprachenunterricht**, v. 22, p. 19–25, 2017.
- Galle, Helmut. Memória individual e memória cultural. O terrorismo alemão dos anos 1970 em textos ficcionais. In: Galle, H.; Schmidt, R. (Org.). **A memória nas ciências humanas. Um conceito transdisciplinar em pesquisas atuais na Alemanha e no Brasil**, São Paulo: Humanitas, 2011, p. 221–272.
- Galle, Helmut. Evoluções do romance de família na atual literatura alemã. **Organon**, v. 29, n. 57, p. 199–218, 2014.
- Galle, Helmut. A autoficção na literatura alemã contemporânea e suas distinções. **Itinerários**, v. 40, n. 40, p. 147–166, 2015.
- Heidermann, Werner. "Literatura Chamisso", a literatura alemã proposta por não-alemães. **LANDA**, v. 5, 604-618, 2016.
- Korfmann, Michael. Imperium (2012) de Christian Kracht e a questão da auto(r)encenação. **Pandaemonium Germanicum**, v. 17, n. 23, p. 83–99, 2014.
- Pereira, Valéria Sabrina. Utopia ou distopia?: A ansiedade e o vazio em Schimmernder Dunst über CobyCounty de Leif Randt. **Pandaemonium Germanicum**, v. 17, n. 23, p. 50–67, 2014.
- Silva, Daniele Gallindo Gonçalves. Sobre "cavaleiras": A (re)criação do medievo em Cornelia Funke. **Pandaemonium Germanicum**, v. 19, n. 29, p. 1, 2016.
- Tommeke, Heribert. **Der lange Weg in die Gegenwartsliteratur: Studien zur Geschichte des literarischen Feldes in Deutschland von 1960 bis 2000**. Berlin, Boston: de Gruyter, 2015.
- Umbach, Rosani U. K. Configurações de história e memória em Was bleibt e Leibhaftig. **Pandaemonium Germanicum**, n. 17, p. 50–61, 2011.



Coordenação: Gracia Regina Gonçalves (UFV); Dirceu Magri (UFV/CAPES); Joelma Santana Siqueira (UFV)

Resumo: Ao refletirmos sobre a diversidade de mundos e escolhas, vozes e ideias, fomos levados ao tema deste simpósio, **Vozes d'além-mar**. Este está intrinsecamente associado às literaturas de escritores cuja produção veio à luz em países em que a história é marcadamente ligada ao colonialismo. As abordagens são diversas: autores criando a partir dos influxos do colonizador, seja para aproveitá-los em proveito de sua expressão, seja para refutá-los em benefício de uma literatura que pudessem afirmar ser genuinamente resultado de suas vozes naturais.

Conscientes das controvérsias que pode suscitar o tema - e também dos seus limites -, propomos que a discussão dê margem a questionamentos sobre essas vozes; afinal, elas representam unidade ou diversidade? Para muitos, a questão é relativa, uma vez que a expressão é cunhada a partir do ponto de vista europeu, portanto, tudo o que estiver para além do Mar Negro, do Mediterrâneo, enfim, do outro lado, é passível de ser entendido como além-mar. Não por outra razão, a literatura produzida além-mar, para os europeus, quase sempre esteve associada ao exotismo.

Ao falarmos, então, dessas vozes, por que não entendê-las como vozes que militam por uma literatura do mundo, em tudo o que essa hipérbole pode compreender de heterogêneo, diverso e diferente? Qual o embate das ideias que circulam, navegam e aportam em diferentes portos? Como essas vozes se fazem compreender? As respostas, pressupomos, nos desafiam a uma abordagem pós-colonialista seja qual for o porto de partida – e de chegada. Todas as literaturas formadas, então, a partir deste grande projeto colonial se mostram profícuas para nossa discussão: textos em língua inglesa, francesa, portuguesa, espanhola e italiana, como por exemplo, de Édouard Glissant, V.S. Naipaul, Mia Couto, João Cabral de Melo Neto, Eduardo Galeano, assim como toda uma gama de críticos e teóricos que atualmente se debruça sobre o assunto.

O que vemos em nossos dias é uma tentativa de *melting pot* de ideias, mas nem por isso podemos ignorar as fases, os estratagemas e os caminhos que auxiliam na construção de uma hipotética integração. A África e o Caribe, por exemplo, se perguntam, naturalmente, sobre a mestiçagem de culturas, e compartilham a noção de negritude. No entanto, se os tomarmos como referência, as literaturas produzidas ali são de fato multiculturais? Desenvolvem-se em convergência com outras culturas ou refutam culturas e ideias na tentativa de manterem suas especificidades locais? Quais os influxos que alteraram o acento dessas vozes, fazendo com que as afinidades surjam a partir de qualquer nova interlocução?

Sem prejulgar as relações políticas, sobre as quais não nos pronunciamos aqui, em todas as travessias literárias a miscigenação é rica em significado. De qualquer forma e, em primeiro lugar, na forma talvez quase necessária de intertextualidade, a miscigenação coloca questões específicas na literatura: ela gera formas particulares de criatividade, resultado da mistura de diferentes culturas? Há o favorecimento ou não de um determinado gênero? Ela trata de temas específicos e particulares às culturas ditas subjogadas? Qual a dificuldade em assumir uma escrita e/ou um discurso mistos? Qual a satisfação em manter o barco na encruzilhada dos oceanos?

Esta questão traz ao menos alguma ênfase para trabalhos cuja reflexão trata de abordagens específicas que envolvem não só a hibridação de gêneros e culturas, mas, sobretudo, aqueles que tratam da representação do sujeito na literatura, algo que tem sido sempre uma incógnita, levando-se em conta o fato de que o próprio é uma variável, um vetor, uma matriz de inúmeras dimensões. Antes concebido como dono de si mesmo, a partir das reflexões no campo do pós-modernismo, ele se questiona e,

consoante com Franz Fanon, “suplica a seu corpo que faça dele um ser pensante”. A reflexão abre espaço para estudos como os de Scott, quando esta denuncia qualquer presunção de objetividade na distinção dos sexos (SCOTT, 1995, p. 72), ou Weedon para quem “expectativas sociais não estão desconectadas dos destinos sociais futuros das meninas e meninos dentro de uma sociedade patriarcal.” (WEEDON, 1987, p. 77, tradução nossa). Ou de Judith Butler ao conceber um sujeito “perpassado pro um feixe de características, ou seja livre de equisquer convencoes ligadas ao corpo”. Tal inquietação aqui exposta busca motivar estudos, olhares, manifestações diversas que possam contribuir com esta perspectiva de se focar e viver a alteridade. Esta inquietude em torno do caráter convencional do gênero é escancarada na acepção do sujeito de Butler tomado como um ser “perpassado por um feixe de características”, portanto literalmente ‘asujeitado’, ou melhor, livre para ser múltiplo.

#### REFERÊNCIAS:

- APPADURAI, Arjun. *Dimensões Culturais da Globalização*. Lisboa: Teorema, 2005.
- BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Belo Horizonte: EdUFMG, 2001.
- BRAH, Avtar. “Diferença, Diversidade, Diferenciação” In: *Cadernos Pagu*. Vol. 26, Campinas: UNICAMP, 2006. pp. 329-376.
- BONNICI, Thomas. Teoria e crítica pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3ª ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 257-286.
- BRUIT, Hector. *O Imperialismo*. Campinas: Atual, 1986.
- BRUNSCHWIG, Henri, *A Partilha da África Negra, Perspectiva*, São Paulo, 1993.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble*. Nova Iorque e Londres: Routledge, 1990.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUfba, 2008
- FOUCAULT, Michael. *Arqueologia do Saber*. 8ª Ed. São Paulo: Forense Universitari, 2012.
- HALL, Stuart. *Da Diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- HOBSBAWM, Eric. *A era do capital: (1848-1875)*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1988a.
- \_\_\_\_\_. *A Era dos Impérios:(1875-1914)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988b.
- LANGER, Johnni. Civilizações Perdidas no Continente Negro: o imaginário arqueológico sobre a África. Mneme: Revista de Humanidades, vol. 7, n.14, fev./mar. 2005.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ª ed. Campinas: Editora Unicamp, 2003.
- SAID, Edward. *Culture and Imperialism*. London: Vintage, 1994.
- SMITH, Sidonie, WATSON, Julia. *Reading Autobiographies*. 2ª Ed. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2010.
- SMITH, Sidonie, SCHAFFER, Kay. *Human Rights and Narrated Lives: the ethics of recognition*. Nova Iorque: Palgrave, 2004.
- WEEDON, Chris. *Feminist Practice and Poststructuralist Theory*. Nova Iorque: Basil Blackwell, 1987.

#### 75 - “VOZES MULHERES”: APAGAMENTOS E SILENCIAMENTOS DA MULHER NA LITERATURA

Coordenação: Fabiana Bazilio Farias (UNIGRANRIO); Juliana Carvalho de Araújo de Barros (UNIP- Brasília); Luciana Barbosa Reis (IFRJ)

Resumo: A literatura tem sido um ambiente de disputa de diferentes grupos sociais que buscam no protagonismo a voz em primeira pessoa que durante muito tempo foi mediada por outras falas distantes de sua realidade. São vozes que interferem no *status quo* e causam atravessamentos que têm levado os estudos críticos a repensarem continuamente, ao longo do tempo, os espaços e as trajetórias canônicas da literatura.

A tradição literária brasileira tem sido um grande demonstrativo da condição feminina dentro de uma sociedade desigual. Durante um longo período, as escritoras brasileiras permaneceram, em sua maioria, na invisibilidade, ausentes da historiografia literária e raramente citadas pela crítica, além de terem seus nomes apagados das premiações literárias. No que se refere especificamente à exclusão de textos escritos por mulheres e sua sub-representação em textos considerados canônicos, as justificativas iam do baixo número de escritoras em relação aos homens à, até mesmo, baixa qualidade atribuída aos seus textos. Só mais ao final do século XX, graças ao trabalho das pesquisas acadêmicas e de alguns institutos culturais, foi possível o contato com obras que revelam a intensa participação feminina nas letras nacionais dos séculos passados, seja na prosa, na crônica ou na poesia. Dessa forma, a análise das relações de gênero aponta para a opressão da voz feminina e para a objetificação da mulher, observada na maneira como os escritores constroem linhas de conduta para suas personagens, legando um valioso material para o entendimento do comportamento social esperado para as mulheres em seu tempo bem como denunciando a visão masculina, grande parte das vezes negativa, sobre esse gênero. Perceber as mulheres como sujeito/autoras ou como objeto/personagens é compreendê-las como indivíduos, tornando os textos literários espaço privilegiado de questionamentos acerca dos discursos que, apoiados em princípios supostamente neutros, universais e atemporais, marginalizaram a mulher (e outros segmentos considerados minoritários na sociedade).

Virgínia Woolf suscitou, em *Um teto todo seu*, a superficialidade com que eram representadas as interações femininas na literatura inglesa até o século XIX. Evidenciou a ausência de relações de amizade entre mulheres, que eram mostradas maciçamente em suas relações com os homens, revelando, dessa forma, as diminutas possibilidades de mobilidade da mulher dentre os papéis da sociedade da época. Além desse aspecto, o pensamento de Woolf apontou para o caráter generalizante com que a crítica tomava o elemento feminino: “Parece difícil fazer uma observação sobre duas ou três mulheres sem a transformar imediatamente numa proposição sobre todas as mulheres” (WOOLF, 2012, p. 14). Diferente dos escritos masculinos tradicionais, a literatura de autoria feminina tende à representação positiva de personagens femininas fortes e independentes de protagonistas masculinos, ao destaque de áreas específicas ou unicamente femininas (como a gestação), e à focalização da consciência da personagem feminina. Para se reafirmar a qualidade desses textos, tem sido necessário um reexame da crítica que, como os textos produzidos dentro de uma tradição patriarcal, também foi engendrada por esses valores. A valorização da autoria feminina, assim como de outros grupos secularmente subjugados, como o negro, o homossexual, pode ser considerada uma estratégia utilizada para subverter os valores patriarcais, racistas e heterossexuais disseminados por uma literatura que foi, até meados do século XX, maciçamente masculina.

Este simpósio não pretende valorar a obra de acordo com seu comprometimento com as pautas de lutas sociais, mas expor a ideologia subjacente à sociedade que a produz, formando o leitor crítico e consciente da conjuntura de sua produção. O simpósio, dessa forma, se interessa por trabalhos que se voltem para discussões de questões relacionadas ao apagamento e invisibilidade do feminino, mas também que possibilitem a revisão de

obras de autoras mulheres em seus diferentes gêneros literários a partir do resgate histórico e da análise crítica.

REFERÊNCIAS:

BONNICI, T. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**. Maringá: EDUEM, 2007.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 3ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2001.

GOLDMANN, L. **As interdependências entre a sociedade industrial e as novas formas de criação literária**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?**. Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

\_\_\_\_\_. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas**. Trad. Denise Bottmann. Porto Alegre: L&PM, 2012.